

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EDILEUSA MOTA DOS SANTOS

**OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPRESSIVIDADE RELIGIOSA
CRISTÃ NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO SER PROFESSOR**

João Pessoa – PB
2013

S237u Santos, Edileusa Mota dos.

Um olhar fenomenológico sobre a expressividade religiosa cristã na prática pedagógica do ser professor / Edileusa Mota dos Santos.--João Pessoa, 2013.

134f.

Orientador: Marínilson Barbosa da Silva

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Ciências das religiões. 2. Religiosidade. 3. Prática pedagógica - ser professor. 4. Fenomenologia.

EDILEUSA MOTA DOS SANTOS

**OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPRESSIVIDADE RELIGIOSA
CRISTÃ NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO SER PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Área de Concentração: Estudos das Religiões

Orientador: Marinilson Barbosa da Silva

João Pessoa – PB
2013

**OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPRESSIVIDADE RELIGIOSA
CRISTÃ NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO SER PROFESSOR**

EDILEUSA MOTA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Área de Concentração: Estudos das Religiões

Aprovada em: 02/12/ 2013

Banca Examinadora:

Marinilson Barbosa da Silva
Orientador, Professor Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Glória das Neves Dutra Escarião
Professora Doutora em Educação, Universidade Federal da Paraíba

Waldeci Ferreira Chagas
Professor Doutor em História, Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

A meus pais pelo testemunho.

Ao meu irmão e as minhas irmãs pela alegria da partilha da vida.

A meu amado esposo pelo companheirismo e ajuda nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho pela graça de experimentar o dom da maternidade.

Aos colegas de trabalho pela compreensão, apoio e incentivo.

Aos professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela oportunidade de crescimento e aprendizagem.

Aos professores depoentes que compartilharam sua vida e a sua prática pedagógica comigo. Sem vocês este trabalho não seria possível.

Ao Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva que com seu conhecimento, sensibilidade e paciência me orientou neste trabalho.

Ao professor Dr. Waldeci Chagas e a professora Dr^a Glória Escarião por realizarem esta banca examinadora que é para mim um momento de aprendizagem.

Aos meus amigos que com os seus incentivos me ajudaram a chegar até o final.

Excelentes educadores são inestimáveis. Eles inspiram e estimulam, e você acaba aprendendo coisas mesmo sem se dar conta disso.

Nicholas Sparks

RESUMO

SANTOS, Edileusa Mota dos. **Olhar Fenomenológico sobre a expressividade religiosa cristã na prática pedagógica do ser professor**. João Pessoa, 2013. 134 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.

A partir do entendimento em que vivemos em uma sociedade religiosa em que os indivíduos expressam a sua religiosidade nos diversos ambientes em que estão inseridos, o presente estudo buscou compreender a relação existente entre a religiosidade e prática pedagógica no cotidiano escolar do professor. Há muito, o fenômeno religioso vem sendo abordado e analisado por diversas ciências. Ao trazermos a o tema da religião para a academia e junto com ela a prática pedagógica do professor, estamos inseridos em duas realidades: a realidade educativa e a religiosa. Buscou-se nas Ciências das Religiões e na Fenomenologia o suporte teórico e metodológico necessário para adentrarmos na complexidade dessas duas áreas tão diversas e ao mesmo tempo tão próximas na vida do professor. Optando por uma pesquisa qualitativa baseada na valorização do sujeito e das suas vivências, fomos a Fenomenologia e ao seu aparato conceitual para que fosse o suporte para a compreensão do fenômeno que seria investigado. Assim, a partir de um grupo de sete professores das diversas disciplinas que compõe o Ensino Fundamental e Médio, fomos efetivando a investigação a cerca da relação existente entre religiosidade e prática pedagógica. Através da análise dos dados vindos das entrevistas gravadas e transcritas fomos alcançando no universo desses professores. Fragmentando o material descrito, compreendendo e interpretando é que chegamos a duas essências: o professor enquanto ser religioso e o professor enquanto ser pedagógico. Partindo da perspectiva de muitos especialistas; o homem é um ser religioso que desde um tempo primordial expressa essa religiosidade, logo, em todas as dimensões da sua vida essa religiosidade se apresenta, entre essas dimensões, a profissional. O professor é pedagógico porque está nele o ato de ensinar, essa característica o identifica. Como ensinar faz parte dessa identidade, os princípios religiosos que regem a sua vida também são conhecimentos e conhecimentos precisam ser repassados. Educar com conteúdos formas da grade curricular, mas também educar em valores, educar para formar cidadãos e pessoas melhores. Educar para se criar laços com o transcendente. É esse o olhar do professor que trás a sua religiosidade para a sala de aula.

Palavras-chave:

Ciências das Religiões. Religiosidade. Prática Pedagógica-Ser Professor. Fenomenologia.

ABSTRACT

SANTOS, Edileusa Mota dos. **Phenomenological look about Christian religious expressivity in the pedagogical practice of teacher.** João Pessoa, 2013. 134 f. Master Thesis – Post-Graduate Program of Sciences of Religions, Federal University of Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.

From the understanding that we live in a religious society and that individuals express their religiosity in different places and situations where they live; this present study has investigated the relationship between the religiosity and pedagogic practice in the school. Many different sciences have been discussed and analyzed the religious phenomenon. When we study the theme of religion and pedagogic practice in academy, we do it from the religious and educational realities. Sciences of Religions and Phenomenology offer the theoretical and methodological support for studying these complex and different fields which are so close to the teacher's life. We chose a qualitative research, because it is a kind of research based on human being and his experiences. Phenomenology was the method used in the research. We analyzed a group of seven teachers who teaches different subjects in the elementary level and high school. We collected our data from interviews. They were recorded and transcribed. Through the analysis of data we searched two essences: the teacher as religious being and as pedagogical being. From many experts perspective, man is a religious being and for a long time he expresses his religiosity. So, religiosity appears in all dimensions of human life, include in the professional dimension. Religious principles are also one kind of knowledge which is teaching by teachers. Educate with education programs but also with human values. Educate to be citizen and better people. Educate to create bonds with the transcendent. That is the teacher's perspective that brings his religiosity to the classroom.

Keywords: Scienses of Religious. Religiosity. Pedagogical Practice-To be a Teacher. Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 Participantes das entrevistas.....	77
QUADRO 2 Questões norteadoras das entrevistas.....	78
QUADRO 3 Essência: professor enquanto ser religioso.....	81
QUADRO 4 Essência: professor enquanto ser pedagógico.....	92

SUMÁRIO

	RESUMO.....	7
	ABSTRACT.....	8
	LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	9
1	INTRODUÇÃO.....	12
2	UM OLHAR PARA A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE HUMANA.....	18
2.1	Sobre a história das religiões.....	18
2.2	A religião e a religiosidade na ótica da Ciência das Religiões.....	19
2.2.1	Ciências Humanas e suas implicações nas Ciências das Religiões (Antropologia, Psicologia e Sociologia).....	20
2.3	Religiosidade e Ciências das Religiões.....	23
2.4	A pessoa religiosa e a vida religiosa.....	26
2.5	A religiosidade atual e camuflagem do sagrado.....	28
2.6	Educação e religiosidade.....	32
2.7	A religiosidade do professor e sua prática pedagógica.....	37
3	O CONCEITO DE FENÔMENO.....	41
3.1	A Fenomenologia: uma breve apresentação.....	43
3.1.1	O conceito de Fenomenologia proposto por Husserl (O fundador da Fenomenologia).....	43
3.1.2	Principais conceitos relacionados à Fenomenologia.....	45
3.1.3	Mundo da vida ou mundo vivido.....	45
3.1.4	Essência.....	46
3.1.5	Epocké.....	47
3.1.6	Redução Fenomenológica.....	49
3.1.7	O conceito de intencionalidade.....	50
3.1.8	Mundo próprio, mundo humano e mundo circundante.....	52
3.2	Fenomenologia da Religião.....	54
3.3	Educação e Fenomenologia.....	56
3.4	A prática pedagógica no dia a dia da escola.....	62
3.5	A percepção do fenômeno religioso na prática pedagógica do professor.....	66

4	EM BUSCA DE UMA FENOMENOLOGIA DA EXPRESSIVIDADE RELIGIOSA.....	71
4.1	O professor enquanto ser religioso.....	81
4.1.1	A religiosidade como elemento fundante da prática pedagógica.....	81
4.1.2	A religiosidade dá sentido ao projeto de vida na educação.....	84
4.1.3	A religiosidade se apresenta na prática pedagógica.....	87
4.1.4	Compreender a religiosidade do professor: um processo hermenêutico.....	89
4.2	O professor enquanto ser pedagógico.....	91
4.2.1	Ser professor: missão, vocação, mas também profissionalização.....	92
4.2.2	Ser professor: vida pessoal, religiosidade e prática pedagógica.....	95
4.2.3	Ser professor: percalços e dificuldades da religiosidade no contexto escolar.....	98
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	108
	ANEXOS.....	112
	ANEXO 1 – Síntese das entrevistas realizadas.....	113

1 INTRODUÇÃO

Os conhecimentos religiosos de procedência científica, quando abertos e integrados à realidade viva da experiência religiosa que emerge da dimensão religiosa do ser humano, extrapolam seu restrito confinamento científico e contribuem, sob forma nova, para a educação. (Pedro Ruedell, 2007, p.39)

Ao apresentarmos o presente texto dissertativo, destacamos que ele é resultado de leituras, observações e também pesquisas que já vinham sendo feitas há alguns anos. A proposta aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), no mestrado em Ciências das Religiões, visa compreender a expressividade religiosa no ambiente escolar, em especial, analisando em que medida a religiosidade torna-se um elemento presente na prática pedagógica cotidiana de diferentes professores.

Buscamos, assim, professores de diversas áreas do conhecimento, que tomam a sua religiosidade como elemento presente e norteador das suas atividades diárias dentro da escola. Professores que estão atuando, tanto nas chamadas escolas não confessionais e também as confessionais da rede privada de ensino, como também de escolas da rede pública de ensino, onde não há a disciplina Ensino Religioso, mas há uma significativa presença do elemento religioso no seu dia a dia e em algumas de suas práticas.

Começamos a nos interessar pelo tema, diante da realidade que já se apresentava a alguns anos, trabalhando com alunos do Ensino Fundamental I, a disciplina Ensino Religioso em uma escola confessional Católica. A partir de um convite, veio à possibilidade de lecionar a mesma disciplina, o Ensino Religioso em uma escola não confessional da rede privada de ensino na cidade de João Pessoa. Chamou a nossa atenção, o fato do livro adotado pela escola não confessional ser o mesmo livro para a formação cristã católica da escola confessional. O momento para mim foi de questionamento, mas para escola em questão, trabalhava-se na perspectiva da maioria que era Católica.

Como professora graduada e especialista em História durante todo o meu período de formação, a presença da religião foi constante em trabalhos acadêmicos dos mais diversos, tivemos inclusive, a oportunidade de trabalhar junto a Cúria Metropolitana da Paraíba sob o Bispado de Dom José Maria Pires. Atualmente como professora de Ética, buscamos firmar ainda mais, em nossa caminhada, essa visão plural, de respeito às diversidades culturais e religiosas que sempre se fizeram presentes em nossas práticas acadêmicas e profissionais.

Daí o nosso questionamento e o nosso interesse em buscar aprofundar a presença da religião dentro da escola, através da prática pedagógica do professor. Portanto, o propósito desse estudo consiste em trazer algumas elucidações e esclarecimentos quanto às questões formuladas no decorrer e percurso dissertativo: Qual o papel da religiosidade e suas expressões dentro dos estabelecimentos de ensino a partir do próprio olhar do professor? Em que medida a expressão dessa religiosidade é vivenciada dentro do ambiente escolar pelos professores, e, em especial, na sala de aula, a partir da sua prática pedagógica?

Com a abertura do Mestrado em Ciências das Religiões e a oportunidade de participação em atividades do mestrado como encontros dos grupos de estudo, seminários, palestras e, mesmo como aluna especial, veio à possibilidade concreta de transformar uma preocupação, um questionamento em objeto de estudo. A partir dos encontros com o grupo FIDELID¹, passamos a entender mais sobre o Ensino Religioso e a sua proposta, bem como o papel do professor nesse processo. E, junto com o entendimento do Ensino Religioso, buscamos a compreensão da religiosidade presente e o seu papel no meio educacional em que vivemos.

No ano de 2005, ao iniciarmos mais um trabalho na área da educação, nos deparamos, mais uma vez, com uma forte presença da religiosidade no ambiente escolar. E junto com essa realidade, o convite para falar sobre a Páscoa em escolas da rede pública de ensino, deixou ainda mais evidente a sua força dentro da escola. Enquanto discutimos na academia o Ensino Religioso, a sua regulamentação e organização, a luta pelo não proselitismo no espaço escolar, formação de professores, nos esquecemos dos espaços não oficiais em que a religião se faz presente e, muitas vezes, privilegiando um único modelo que é o cristão, seja ele Católico e/ou Evangélico.

A relevância da nossa pesquisa dá-se, portanto, pela necessidade de se discutir a religiosidade humana, e a sua presença na prática pedagógica. Sintetizamos, assim, que a nossa pesquisa tem como objeto de estudo e problematização o resgate da religiosidade e suas múltiplas expressões e em que medida a religiosidade torna-se um elemento norteador da prática pedagógica de diferentes professores, a partir de um olhar fenomenológico.

¹O FIDELID- Formação, Identidade, Desenvolvimento e Liderança de Professores do Ensino Religioso, é um grupo de pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões (PPG-CR), com certificação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tem como foco O Ensino Religioso e a Formação do Professor de Ensino Religioso, como também, aprofundar as discussões envolvendo os temas Religião e Educação.

O nosso **objetivo geral** consiste em compreender a relação entre a expressividade da religiosidade e as suas implicações na prática pedagógica do ser professor, a partir da sua ótica e ponto de vista.

Como **objetivos específicos**, tentaremos: descrever essas práticas que estão relacionadas à religiosidade, no dia a dia de sala de aula do professor; visualizar possíveis conflitos e inquietações diante da presença da religiosidade e suas manifestações no cotidiano da escola; e, resgatar os desafios da religiosidade em uma sociedade secularizada.

O conceito que aprofundamos é o de religiosidade. O Brasil é uma nação indiscutivelmente marcada pela presença da religião ou das religiões, pois, na sua composição étnica, cada povo tem a sua religiosidade como expressividade da fé. Sabemos que os indígenas possuem as suas divindades, como também o africano.

Além dos portugueses, os outros povos que se aventuraram no Brasil, praticavam uma religião trazida da realidade europeia. Então, a religiosidade, enquanto inclinação para o sagrado, reconhecimento da transcendência, a prática de alguns ritos, o uso de símbolos, entre outros, fizeram e faz parte da vida de muitas pessoas independente da opção religiosa e o do aderir a uma ou outra religião. Mas, anterior a toda essa condição teórica acerca da religiosidade está à perspectiva conceitual da fé, que é idealizadora e propulsora de toda ação religiosa ou não no ser humano.

Para Fowler (1992, p. 15)

A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. A fé é o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados.

Ao longo da história da educação a presença religiosa sempre foi muito forte, então, quando nos deparamos ainda nos dias atuais quando um professor reconhece no seu ato de ensinar e educar um ato religioso e sacerdotal, estamos revendo um antigo conceito que fazia parte da vida cotidiana da escola. O professor era o mestre. É importante lembrarmos a força dessas palavras, o mestre é aquele que ensina com maestria, é o grande sábio, aquele que tem muito a oferecer, aquele que serve de guia.

O professor, enquanto sacerdote, atualmente é aquele que ainda acredita que a sua ação é sagrada, que há um compromisso muito maior em sua ação educativa, junto com os conteúdos formais, permanece nele enquanto homem de fé, a necessidade também de educar

para a fé. A sala de aula, para ele, é esse espaço por excelência. Lembramos que hoje é perceptível nesses profissionais a presença do sacerdócio, não como status ou mesmo autoritarismo, mas um sacerdócio como missão, com uma forma de ser no mundo.

Quando nos detemos nesse tema, é por entendermos que o fenômeno religioso saiu do âmbito das igrejas, faz parte das discussões acadêmicas e é vivenciado na comunidade escolar. Se a ideia da religião, da religiosidade ou mesmo da fé, estavam diretamente ligada ao lugar diferenciado, onde era apresentada e vivenciada por uma comunidade específica, hoje precisamos entender como acontece a construção dos novos espaços de manifestação do religioso e como as pessoas vivenciam a sua religiosidade, nesses mesmos espaços.

Essa pesquisa também se torna instigante por buscarmos a compreensão de como na contemporaneidade vai se construindo e se estabelecendo uma religiosidade em instituições que *a priori* não tem nenhum compromisso com a manutenção da fé.

Nossa proposta para o primeiro capítulo é aprofundarmos os conceitos referentes à religião, a religiosidade e a prática pedagógica do ser professor diante do desafio de viver a sua experiência pessoal num ambiente coletivo e conseqüentemente diverso. Compreender o espaço escolar como aquele que professor e aluno se encontram e dividem as mais diversas experiências inclusive o da religiosidade. Para isso, buscamos através dos diversos teóricos da Ciência das Religiões o suporte necessário.

Ressaltamos que esse suporte vem dos autores que escrevem sobre a (s) Ciência(s) da Religião e que ajuda no aprofundamento dos estudos das religiões no Brasil, como Faustino Teixeira, Frank Usarski, Marcelo Camurça, Klaus Hock, Rodney Stark, Hans-Jurguen Greschat, Antônio Gouveia Mendonça, entre outros. Lembramos que entendemos a Ciência como sendo, “a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e de religiões. Para tanto, abrange uma diversidade de disciplinas que analisam e apresentam religiões e fenômenos religiosos sob aspectos específicos” (HOCK, 2010, p.13). É justamente essa riqueza multidisciplinar que vamos explorar.

Em nosso segundo capítulo, buscamos na Fenomenologia, Fenomenologia da Religião e na “Fenomenologia da Educação” o nosso referencial para o entendimento do fenômeno religioso que se apresenta no espaço escolar, entendendo a prática pedagógica do professor nesse mesmo contexto. Utilizamos Tommy Akira Goto que tem como base a Fenomenologia de Edmund Husserl, Maria Aparecida Bicudo, Antônio Muniz Resende, Ildeu Moreira Coelho, Antônio Garnica, que trazem as luzes necessárias para o entendimento da “Fenomenologia da Educação”.

A nossa pesquisa entende a religiosidade como um valor reconhecido nos diversos espaços que compõe a sociedade e a escola não poderia ser diferente, então, buscamos o olhar da Fenomenologia sobre os diversos sujeitos que se apresentam. No cotidiano escolar, investigamos como a religiosidade apresenta-se, e que situações são oportunizadas, para que esse valor que é a religiosidade seja, de fato, trabalhado em sala de aula. A religiosidade de um povo, e mesmo de uma pessoa manifesta-se. Chamamos essas manifestações de fenômenos e a Fenomenologia da Religião se ocupa em estudá-los na tentativa de compreender as ideias que estão por trás dos mesmos e o que significa para aqueles que o praticam. É importante lembrarmos que:

O termo fenômeno para Husserl assume um significado diferente, porque fenômeno é tudo que aparece ou surge no campo da consciência como algo puro e absoluto, não existindo nenhuma mera aparência. Nos fenômenos os aparecimentos são reais, e com isso as coisas aparecem. (GOTO, 2008, p.65).

Diante do que é real, na expressividade religiosa do professor, no ambiente escolar, percebemos o quanto o espaço escolar é rico dessas manifestações, vamos encontrar desde a riqueza dos símbolos religiosos, a celebrações nas datas comemorativas ou mesmo em projetos pedagógicos. A nossa pesquisa foi em busca do que aparecia na escola e ao encontrá-lo o suporte foi da Fenomenologia que enquanto ciência dos fenômenos “pode ser entendida como um estudo que reúne os diferentes modos de aparecer do fenômeno ou o discurso que expõe a inteligibilidade em que o sentido do fenômeno é articulado” (BICUDO, 1999, p. 14).

Nosso terceiro capítulo é dedicado à análise dos dados da pesquisa, partindo do princípio que nosso foco é o ser humano, e por isso a nossa opção é pela pesquisa qualitativa. Buscamos suporte nos estudiosos da Fenomenologia reconhecendo o seu potencial metodológico, pois uma das características da Fenomenologia é o rigor metodológico:

A Fenomenologia nos educa para a contínua insatisfação com as conclusões alcançadas, a busca incessante da verdade, a preocupação quase obsessiva pelo rigor e a evidência, a fidelidade ao que no texto está dito. Sabendo de antemão que há sempre mais a revelar e a dizer, a compreensão se retoma a cada instante, sem jamais se dar por acabada. (COÊLHO, 1999, p.88).

Tratando com a pesquisa qualitativa, o que buscamos é a compreensão do que foi visto, é importante lembrar que só se compreende porque se interroga. As nossas interrogações se voltaram para o professor e a sua prática pedagógica. Trabalhamos com um

sujeito, o professor. Este sujeito possui uma rotina, estamos preocupados em descrever esse sujeito em sua prática, seus valores, os seus comportamentos e também suas crenças. Buscamos através de questionários, entrar no universo da religiosidade. Tratamos também a pesquisa com os seus resultados, apresentamos de forma narrativa o trabalho de campo, a pesquisa e análise dos dados, todo o nosso estudo tendo como referência o professor que foi nosso grande objeto de estudo.

Dando sequência, passamos a seguir para o capítulo I.

2 UM OLHAR PARA A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE HUMANA

Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásio, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu. (Plutarco)

Em conformidade com o nosso objeto de estudo apresentado na introdução, nesse capítulo, aprofundamos os conceitos históricos referentes à religião, a religiosidade e a prática pedagógica do ser professor. Consideramos esses conceitos essências para adentrarmos no universo de experiências dos nossos sujeitos. Em uma história marcada pela presença do elemento religioso, é imprescindível conhecermos como as ciências apuraram, organizaram, esses conhecimentos.

2.1 Sobre a história das religiões

Conhecer sobre a religião ou sobre as religiões é debruçar-se, diante da história da humanidade. É tocar em temas já bastante estudados e conhecidos, mas que fascinam os mais diversos estudiosos das mais diversas ciências. Não é fácil entrar no universo da religião. É contemplar o visível e o invisível, é percorrer o universo do que é puramente humano, mas que nos chama para um contato e um olhar ao divino, ao sagrado, ao sobrenatural e até a experiência do milagre. Como o homem moderno, racional lida com essa realidade de hoje? Para um historiador, por exemplo:

A atitude inaugural ante a religião é a sua preocupação com o tempo e a dinâmica que isto acarreta. Por esse motivo, a abordagem histórica das religiões é tão velha quanto à própria história. Herótodo, Parmênides, Empédocles e tantos outros autores da antiguidade grega, tanto colhem como selecionam informações, por vezes em primeira mão e outras vezes indiretamente, escritas ou orais. Eles não só descrevem, mas querem ainda interpretar e teorizar acerca da religião e das diferentes religiões, e muitas dessas reflexões são mais filosóficas e especulativas do que verificadas empiricamente. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 21).

A história das religiões é muito antiga, e podemos perceber isso se buscarmos na antiguidade Grega as primeiras preocupações em conhecer a religião ou se percorrermos toda

a grandeza dos escritos cristãos, principalmente no Ocidente, pois o Oriente possui toda uma riqueza de textos e tradições sagradas. Podemos perceber que sempre se procurou caminhar junto com a religião buscar a sua compreensão e a interpretação de toda uma realidade que a envolve.

A busca pelo conhecimento histórico acerca da religião ou das religiões caminhou de diversas formas, desde a chamada história tradicional, que valorizava a confirmação de crenças, muito voltada para o Cristianismo, à História dos países e a História da Igreja.

No século XX, com a renovação vinda através da Escola dos Annales, um novo olhar sobre a história proposta por Marc Bloch e Lucien Febvre, a religião ganhou também uma nova abordagem, pois a história se aproximou intelectualmente de outras ciências como: a Economia, a Psicologia, a Demografia, a Sociologia, a Antropologia e outras.

Com esse novo olhar, outros temas entraram no estudo das religiões, que não só a história eclesiástica ou das grandes religiões. Este fato poderia ser exemplificado através de temas pertinentes como o estudo sobre a morte, a magia, a cura, a religiosidade popular. Há uma sintonia entre História e Religião, os historiadores da religião são referências importantíssima para se compreender o fenômeno religioso que presenciamos atualmente. Entre eles o romeno Mircea Eliade é uma das grandes contribuições para os estudos de História das Religiões. Mas, não podemos esquecer-nos dos estudiosos brasileiros que trazem para o nosso conhecimento e enriquecimento a religião dos negros, dos índios e das chamadas minorias, por muito tempo esquecidas pela historiografia tradicional.

2.2 A religião e a Religiosidade na Ótica da Ciência das Religiões

Sabemos que o termo religião faz parte do vocabulário cotidiano de inúmeras pessoas e, em sociedade nascidas e pautadas, a partir, do religioso não poderia ser diferente, se olharmos para a História da América vamos encontrar a presença, a marca da religião de norte a sul. Do Protestantismo na América do Norte ao Catolicismo na América do Sul. As religiões indígenas e africanas também são marcantes na nossa sociedade, mesmo que tenham sido perseguidas e impedidas pelas religiões chamadas de “oficiais” deixaram marcas. Essa marca é fundamental para definir o povo americano hoje. Mas tratar de religião nos seus mais diversos aspectos, como já foi dito não é fácil, para a Antropologia religião é um conceito problemático, pois envolve uma palavra com diversos significados. Segundo Charlesworth,

apud Schmidt, (SCHMIDT, 2007, p.55):

A religião é produto da academia europeia, impossível de se traduzir em línguas não europeias. Quando olhamos os textos primários, reconhecemos que nenhum dos fundadores das tradições religiosas afirmava estar fundando uma religião. Eles falavam de uma “revelação” ou “divulgação do divino”, ou “de uma maneira de crença e vida”, ou “de uma lei”, ou “de uma vida espiritual”, ou “de uma vida de perfeição”. Nunca de fundar uma religião. O termo religião carrega a ideia equívoca de que todas as diversas crenças e práticas e [...] “fenômenos” que hoje chamamos de religiosos tem algo em comum, com referência aos quais podemos definir na religião e demarcá-la claramente em relação a outras áreas da vida humana, tais como o domínio da ética, da arte ou da ciência.

Quando se trata de religião, a partir do autor citado, encontramos pontos de divergências, pois tratamos de fenômenos das mais diversas áreas da vida humana como religioso. Sabemos que uma série de fenômenos que convencionamos como religioso, não são, na maioria das vezes, pode ser facilmente reconhecido e trabalhado por outros campos do conhecimento como, por exemplo, pela Parapsicologia, pela Psicologia. O interesse pelo religioso faz com que muitas vezes se tenha um conhecimento superficial e precipitado do fenômeno estudado.

2.2.1 Ciências Humanas e suas Implicações nas Ciências das Religiões (Antropologia, Psicologia e Sociologia)

As contribuições das ciências humanas a partir da sistematização e evolução de áreas de conhecimento como os saberes da Antropologia, Psicologia e Sociologia são fundamentais no âmbito das ciências das religiões, como veremos a seguir.

A Antropologia da Religião teve início em meados do século XIX é muito jovem e tem como princípio cada vez mais contextualizar a experiência religiosa dentro da sociedade. Os antropólogos buscam a religião dentro do seu contexto, ela não é vista mais em separado, ela está na sociedade junto com inúmeras outras instituições e demais realidades que formam um todo social. Mesmo que se busque uma experiência individual, mas, ao final o coletivo vai sempre aparecer, pois a experiência religiosa na maioria das sociedades, das mais primitivas as modernas, a religião é sempre vivida no grupo. A experiência individual do sujeito ajuda também a experiência do grupo.

Outro olhar sobre a Religião é o da Psicologia da Religião, mais uma vez, nos deparamos com uma ciência que atesta a complexidade do objeto religião. Sabemos das dificuldades de entender a mente e a alma humana e sua constante busca pela felicidade, pela paz e pelo sentido da vida. Entender a mente humana e a religião nesse contexto é um desafio.

Os processos que envolvem o entendimento do mundo e da vida sempre fizeram parte do humano e se tornaram de interesse da Psicologia e consequentemente da Psicologia da Religião. O grande desafio é a diversidade do objeto, pois quando pensamos em Religião há uma infinidade de práticas, comportamentos, grupos, crenças, expressões que precisam ser adequadamente estudadas. A partir dessa perspectiva plural, vamos apresentar o conceito de religião do ponto de vista da psicologia que deve ser entendida como:

Uma 'atitude', isto é, como uma maneira de ser diante de alguém ou algo. Estrutura-se como uma síntese dinâmica, orientada por metas, normas e valores que são assimiladas pelas pessoas a partir do que são, sentem, pensam e... buscam. A atitude religiosa se expressa por meio de palavras, gestos e símbolos de natureza religiosa elaboradas do seio de cada cultura e expressos na sua linguagem e em seus conceitos. Essas elaborações culturais não podem ser desprendidas da história e da sociedade nas quais se construíram e foram passadas de geração em geração. Mas, ao mesmo tempo são construções de cada indivíduo em seu processo evolutivo único. (VALLE, 2007, p.131).

Mais uma vez nos encontramos com a realidade individual, mas também coletiva da religião. Não existe religião baseada só no indivíduo, ele é importante, mas a religião só tem seu sentido quando é vivida com o outro é à força da comunidade, do grupo, que impulsiona a experiência religiosa. Ao apresentarmos apenas um conceito de religião entre os inúmeros existentes, vamos percebendo a riqueza que a Psicologia da Religião trás para as discussões desse tema tão abrangente. Reconhecemos que, como as demais ciências a psicologia não consegue dar todas as respostas, mas procura ser eficaz na sua proposta, pois ainda segundo Valle:

O psicólogo da religião não pode absolutizar os dados a que chega. Não cabe a ele emitir juízos definitivos desde a veracidade intrínseca do que suas pesquisas levantam como provável, previsível ou certo. A sua finalidade é a de pôr em evidência e esclarecer os múltiplos fatores, estruturas e processos de natureza psicológica implicados no fenômeno religioso. (2007, p. 130)

Embora a Psicologia tenha a sua própria metodologia, quando se trata do objeto Religião, ela busca por meio de confrontações e modelos teóricos multidisciplinares um olhar

mais abrangente. Assim a sua contribuição para a compreensão e interpretação do que chamamos de religião e também dos comportamentos religiosos, tornam-se mais enriquecidos. Indo ao encontro dessas ciências, que buscam aprofundar o conhecimento acerca dos fenômenos religiosos, encantamo-nos com a contribuição de cada uma delas; a História, a Antropologia e a Psicologia colocam-nos diante dos conceitos de religião e vamos nos enriquecendo com cada um deles, pois cada um é capaz de apresentar uma parte do todo que é a religião.

Não poderíamos deixar de citar a Sociologia da Religião. Embora, o maior interesse da Sociologia da Religião seja a do fato religioso e não a religião em si, ela vem dando a sua contribuição para o conhecimento da religião em meio às Ciências Sociais. Esse olhar para a sociedade e suas inúmeras faces entre elas a religião é sem sombra de dúvida um olhar diferenciado, mas que acrescenta e dá ao estudioso das religiões elementos que subsidiem o seu aprofundamento. Para Klaus Hock a Sociologia da Religião aparece como disciplina-ponte entre Ciência da Religião e a Sociologia. Por isso ela concentrou seus estudos em religiões de sociedades mais complexas, modernas. E a religião aparece:

Como outras manifestações da experiência e da cultura humana, como produto da interação humana, como uma forma específica de construção social. Portanto, aspectos religiosos são contemplados como expressões de aspectos sociais e explicados com os recursos a aspectos sociais. É próprio da Sociologia da Religião aplicar questionamentos sociológicos a área das religiões. Ela considera a atuação religiosa e assim a religião como uma área parcial da atuação social, da sociedade. (HOCK, 2010, pp. 101-102).

Pensar em Sociologia é pensar na construção desse conhecimento a partir de Weber, Durkheim, quer seja trabalhando na perspectiva de atuação social Weber e fato social Durkheim. Temos a religião como grande referência nos estudos destes dois cientistas modernos, que buscaram entender a sociedade e conseqüentemente o importante papel do elemento religioso em seus diferentes contextos.

É claro, que nesta lista de contribuições para o conhecimento da religião ou das religiões não poderíamos esquecer da Filosofia da Religião. É perceptível que ela vem caminhando entre a fundamentação da religião e também a sua crítica. Sabemos que nestas breves considerações não conseguiremos abarcar o leque de conhecimento proposto por ela.

O conhecimento filosófico é grandioso e o que é proposto para a Filosofia da Religião também. Assim nos deteremos a este breve olhar já que, o seu olhar de uma forma geral propõe uma discussão filosófica sobre a religião. De um modo geral, é próprio da Filosofia da

Religião, ainda segundo Hock:

Refletir o fenômeno “religião” no sentido de verificar a pretensão da verdade de afirmações religiosas, isto é, no sentido de se confrontar com a religião sob explícita consideração de pergunta pela verdade, sem, a priori, de antemão, querer comprovar sua necessidade e sua verdade. (2010, p.200).

Conhecendo a religião a partir de diversas referências, entendemos o quanto o tema é multidisciplinar e que a Ciência das Religiões se abriga em uma riqueza teórico-metodológica, sem necessariamente “absolutizar” um deles. É imprescindível escolher um referencial, ele faz parte da pesquisa científica, mas quando o objeto é o fenômeno religioso nos deparamos com todas estas possibilidades de olhares e percebemos que todos são capazes de oferecer sua contribuição no sentido de encontrarmos as definições, as descrições e as interpretações necessárias à complexidade do fenômeno.

2.3 Religiosidade e Ciências das Religiões

Visto as delimitações apontadas anteriormente sobre as interfaces entre as Ciências Humanas e Ciências das Religiões, é importante para o nosso estudo e seu objeto os embasamentos teóricos acerca da religiosidade, como veremos logo em seguida.

Diante destes inúmeros conceitos que envolvem a Religião, o que poderíamos resgatar é o de religiosidade. É correto afirmar que há uma diferença muito grande entre estes dois conceitos? Quando pensamos, em senso comum, entendemos a religião como o templo, a doutrina, o corpo sacerdotal que a representa, os textos sagrados. Enfim, religião é onde se fala de Deus, este Deus a partir dos mais diversos olhares e significados, afinal, são inúmeras as religiões e suas práticas. Por religiosidade, também na perspectiva do senso comum, entendemos à vivência da religião, a experiência pessoal, individual, expressa nos ritos, nos símbolos, na necessidade de viver a proximidade com o considerado sagrado. Mas, reconhecemos que a religiosidade é muito mais que isso “a religiosidade é uma percepção e uma conexão com a vida que procura captar, fruir e proteger tudo aquilo que ultrapassa a materialidade e a imediatez do mundo.” (CORTELLA, 2006, p.16).

Percebemos que estamos lidando com conceitos muito maiores, a religiosidade humana é rica em possibilidades, manifesta-se de diversas formas e está visivelmente presente

por ser uma realidade social. Mas é ela que conecta o mundo do visível e do invisível, a partir do autor citado acima, ela é capaz de ultrapassar a materialidade e a imediatez do mundo, então, ela quebra com todo um ritmo imposto pelo próprio capitalismo, pela vida, pelas urgências, pelas cobranças do mundo moderno.

A religiosidade é uma forma diferente de vivenciar o mundo, a vida, a própria religião, pois, percebemos que ela é maior que a própria religião, já que não é palpável, mensurável, não está subordinada a materialidade. É interessante, mais uma vez, analisar que a religiosidade humana também não é única, é composta de variáveis e aí, as diversas ciências que tem a religião e a religiosidade como, objeto de estudo precisam estar atentas e perceber essas nuances.

Cada ciência tem a sua ótica e busca da melhor maneira compreender a verdade que está no seu objeto de estudo. Quando vimos o olhar da Psicologia sobre a religião à proposta do autor é de ver a religião como uma “atitude” diante de algo ou de alguém. Retomamos este conceito, pois ele na Psicologia da Religião nos ajuda:

A entender o que é religiosidade justamente por distinguir na “atitude” três elementos constitutivos: uma conduta total (uma maneira de ser); uma relação intencional com um dado objeto; uma vivência pessoal que tende a passar à ação (um comportamento). (VALLE, 2007, p. 131).

Assim continuamos percebendo que não é possível reduzir a religiosidade a simples crença, ou aos ritos, ou as práticas religiosas quer sejam individuais ou coletivas. Ela engloba as diversas experiências que formam o ser humano, quer sejam físicas, espirituais e emocionais. Retomando Valle:

Em sua essência, a religiosidade é relacional. A religiosidade comporta sempre um encontro com o outro (o Outro!), seja qual for o entendimento que dele tenha a pessoa ou o grupo religioso no qual é socializada. A maneira como este encontro é vivenciado inscreve-se no itinerário de vida e de auto percepção de cada um. Fundamenta-se nas primeiras relações da criança com as pessoas que a circundam, satisfazendo ou não as necessidades que começam pelo biológico e evoluem em direção de formas mais elaboradas, exclusivas de seres humanos psicologicamente amadurecidos. (2007, p 131).

Cabe a cada indivíduo a sua experiência religiosa, é ela que permite a entrada em diversas situações do meio social, através dos ritos propostos pela religião e essa vivência que permite uma caminhada entre o sagrado e o profano. É um estar no mundo comungando com o divino. Lembramos que, muitas das experiências religiosas, são vivenciadas, desde a

infância, e são presenças na vida social; são verdadeiros rituais de passagem, é a religião marcando a vida cultural do povo. Eventos como a Circuncisão, o Batismo, a Eucaristia e mesmo um Matrimônio, movimentam a vida de muitas pessoas. É um dia de celebração para muitas famílias da mesma comunidade. Quando o Edênio Valle apresenta a criança com as pessoas que a circundam, fica claro, como a religião marca a cultura, como ela se faz presente no dia a dia, nas festas, no modo de encarar e enxergar o mundo, nas situações que vão fazendo parte da vida de cada pessoa.

Uma das formas que mais chama atenção quando pensamos em religiosidade, é a cultivada pelos mais simples, a chamada religiosidade popular. Uma religiosidade que cresce a margem da oficialidade e cria suas próprias lideranças, não é o sacerdote, o ministro ou reverendo, mas a própria comunidade que está no comando da sua experiência religiosa e cuida dos diversos ritos que estão no dia a dia religioso do povo. No Brasil, em especial no Nordeste, é fácil perceber essa presença. Sabemos da influência do Catolicismo de origem portuguesa que atracou aqui e marcou toda a nossa colonização, mas são históricas todas as dificuldades vivenciadas por esse mesmo Catolicismo. É sabido pela própria experiência do povo do interior que os religiosos não conseguiam chegar com frequência a uma série de povoados e assim o próprio povo ia criando as suas lideranças e construindo um Catolicismo próprio, com práticas e rezas muitas vezes distantes do oficial. Isso ocasionava muitas vezes um distanciamento e até preconceitos por parte da Igreja oficial. São as devoções ao Pe. Cícero, ao Frei Damião, da Cruz da Menina e assim sucessivamente. Lembramos que muitos autores preferem o termo religiosidade popular, mesmo quando o objeto não é só o Catolicismo, pois entendem que junto com essa realidade aparece a experiência religiosa do povo, quer sejam negros, índios, protestantes, espíritas. Sabemos das dificuldades que envolvem os conceitos, mas de uma forma geral o termo religiosidade popular pode ser compreendido de forma mais simples, pelo que ela não representa assim:

Não é corpo eclesial, nem corpo doutrinário configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica-incluindo-se aí toda a documentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina, independência ao caráter sistemático do oficial, materializado em uma explosão íntima com o sagrado, humanizando-o, sentindo-o próximo, testando-o e sentindo a sua força por métodos criados não pelo clero, mas pelos próprios devotos, métodos que são transmitidos, em sua grande totalidade oralmente. Em suma, o vivido em oposição ao doutrinal. (NETO, 2002 p.132).

Para falar de religiosidade, é interessante buscar pelo menos uma referência da experiência da religiosidade popular do nosso povo. É tocante esta definição do Isnard de

Albuquerque Câmara Neto, pois é de uma beleza, de uma significação e de uma simplicidade capaz de fazer com que qualquer pessoa entre neste universo rico e místico da religiosidade e da fé do povo. Mais uma vez, percebemos o quanto a religiosidade é presença na vida humana, se a expressão da religião oficial não atende as expectativas, o ser humano vai encontrando brechas e se apropriando do oficial apenas o que interessa, se a igreja não dá conta da realidade vigente, é hora de sair e fundar outra igreja, se o espaço religioso não atende as necessidades há uma liberdade da busca. E, a partir dessa liberdade, a religião, a fé vão adquirindo rostos diversos, ricos em possibilidades. Como foi citado anteriormente à religiosidade é uma experiência coletiva, um grupo apropria-se dessa realidade e passa a vivenciá-la.

Outro conceito de religiosidade bem interessante é o de Vergote apud Valle, (2007, p.132), pois ele define religiosidade, “como um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, através dos quais o homem e a sociedade tomam consciência vital de seu ser íntimo e último, e simultaneamente, tornam aí presente o poder do divino.”

Trazendo para a religiosidade própria de cada povo, sabemos que uma série de práticas sempre esteve longe dos olhares, da aprovação das instituições consolidadas. A religiosidade popular é de pertença do povo, mesmo quando analisamos a presença dos santos no Cristianismo Católico, o santo, nasce no meio do povo, é o povo que o apresenta a instituição, por isso, muitos santos que não são reconhecidos oficialmente, permanecem sendo cultuados pelo povo, pois para eles aquele homem, mulher e mesmo crianças ajudam na aproximação com o divino.

2.4 A Pessoa Religiosa e a Vida Religiosa

Diante da dimensão conceitual sobre a religiosidade apresentada, torna-se imprescindível o resgate da pessoa humana e religiosa, fonte do nosso objeto de estudo que culmina na pessoa do ser professor e suas implicações, experiências e expressões frente à sua religiosidade. Nesse sentido para o historiador e fenomenólogo das religiões Mircea Eliade, existe um homem religioso. Segundo ele, é aquele homem que vive no seu cotidiano a dimensão do sagrado.

Podemos entender o sagrado como tudo que se opõe ao profano, o sagrado representa a experiência total da vida humana. O homem que vive esta dimensão da sacralidade

experimenta-a, na realidade do alimento, do trabalho, do lazer, da sexualidade.

O deitar-se e o levantar-se é embebido por esta relação com o transcendente. Eliade reconhece como religioso o homem das sociedades que ele chama de tradicionais, enquanto que o homem moderno, faz o caminho inverso, ou seja, é a-religioso, dessacraliza o mundo. Para o homem moderno a-religioso não existe a dimensão do sagrado no mundo. Por isso, no seu dia a dia, não há a quebra, a ruptura que permite vivenciar o sagrado.

Os que optam por esta dimensão se permitem viver buscando uma intimidade e um conhecimento maior da sua própria experiência religiosa. Podemos encontrar esse homem “perdido” na modernidade sim. Inúmeras são as situações que fazem com que em meio à racionalidade e a secularização uma nova onda religiosa se faça presente. Um novo encontro com o religioso esteja acontecendo.

Cientistas sociais vão encontrar diversas explicações para esse “reavivamento”, mas não podemos negar a volta às igrejas, o chamado turismo religioso crescente e principalmente a religião nas mais diversas mídias e com expectadores fiéis. É um novo modelo, mas ele já se faz presente e chama atenção, podemos dizer que para cada momento histórico há uma experiência religiosa, e essa é a vivenciada hoje. Para alguns uma religião utilitária, uma religiosidade que visa apenas o bem estar material, um Deus do socorro imediato, para ajudar no emprego, na saúde, no casamento.

Em meio às críticas, não podemos esquecer que existe um fiel, é ele que dá sentido a vida nas igrejas e a própria religião. Reconhecer a sua presença e buscar compreendê-lo faz parte do compromisso do estudioso das religiões em qualquer posição que esteja. O fiel que entrega mensagens religiosas em praças, ônibus, hospitais, que bate a porta das casas no domingo pela manhã, que investe tempo e dinheiro pelo propósito da evangelização. Que busca a sua salvação, mas também do outro. Que enxerga, em meio a tantas dificuldades, que o sentido da sua vida é a fé. Vamos encontrar falas das mais diversas, onde esse homem moderno, diz que “tem sede de Deus”, que busca para a sua vida algo maior, que o mundo não pode dá.

Há uma urgência de reconhecer esse homem de fé hoje. Ele se apresenta nos mais diversos ambientes e muitas vezes é ridicularizado, menosprezado, pois parece estar fora do contexto. Mais uma vez é lembrado que quem está reconhecendo esse indivíduo religioso e que tem uma vida religiosa, pautada nos princípios de sua fé é a sociedade e consequentemente a Academia. Daí o cuidado com os velhos equívocos, o de tratar a religiosidade alheia a partir da sua visão de mundo e do seu referencial teórico. A de reforçar preconceitos e até deturpar o que foi visto, ouvido e vivido, por estar completamente fora da

experiência pessoal de quem assiste. É um desafio constante também, para as religiões e suas lideranças respeitar a religião do outro. Nas busca constante por fiéis, muitas vezes são desrespeitosos, intolerantes e invasivos com a fé e a experiência religiosa do outro.

Uma vida religiosa alheia é como um rio no qual se pode deslizar suavemente. Quando temos confiança e não nos agarramos à margem, sua correnteza leva-nos, ou seja, se não sentimos a necessidade de superar o medo paralisante, ela pode nos guiar para descobrir coisas não imaginadas anteriormente. (GRESCHAT, 2006, p. 92).

A responsabilidade do cientista social e em especial o do cientista da religião atualmente é muito grande. Estamos vivendo a partir de novos referenciais e cabe a cada um fazer a sua parte, para que a verdade do outro apareça de fato. O reconhecimento do outro enquanto sujeito é fundamental. Sua vida, suas práticas e a sua fé precisam aparecer exatamente como são de fato.

A religiosidade do outro, a sua caminhada de fé, o seu discurso preciso ser ouvido na sua perspectiva, e não na do outro, quer sejam estudiosos ou não, a sua forma de ser no mundo, de atuar no mundo, precisa ser vista de forma total. Reconhecendo a pessoa religiosa e a busca por uma vida também pautada na sua religiosidade é algo que encontramos com certa frequência atualmente, uma prova disto são as chamadas novas comunidades, uma experiência de vida comunitária, onde a fé e a vida estão em “perfeita” harmonia.

As novas comunidades estão no Brasil, mas se espalhando também por outros países. É uma experiência de largar o “mundo” e viver como os cristãos primitivos, uma vida simples, de oração, de missão, de evangelização e em comunhão com a comunidade e todo o mundo. Não sei se nós podemos falar de um retorno a religião, porque sabemos que nunca ela saiu de cena, mas podemos reconhecer uma nova forma de viver a religião e a religiosidade. Há de fato um homem religioso, que vive a sua fé.

2.5 A Religiosidade Atual e a Camuflagem do Sagrado

Quando analisamos a experiência religiosa atualmente no Brasil, o que nos vem em mente inicialmente são os grandes templos, as grandes aglomerações, em especial quando se trata do Cristianismo. As igrejas estão cada vez mais construindo templos maiores, é uma verdadeira disputa, há templos que comportam até cem mil pessoas. Mas quando partimos para as áreas consideradas periféricas, o espaço da comunidade, o que encontramos é a

presença de pequenos espaços religiosos, dos mais diversos; igrejas evangélicas, centros espíritas, capelas católicas, terreiros quer sejam da umbanda ou candomblé, é uma explosão de religiosidade. Em todos esses lugares você encontra pessoas buscando o transcendente. Vamos encontrar templos que mesmo diante da violência urbana se reúnem durante toda a noite em vigílias atendendo esse apelo religioso, essa chamada sede pelo sagrado.

Muito já se falou sobre o fim da religião, o enfraquecimento dos modelos tradicionais. Agora estamos falando do reavivamento da fé, da religiosidade humana. O próprio termo reavivamento é muito utilizado na linguagem neopentecostal. As próprias igrejas entendem que é hora do novo, de um renovo na vida com Deus.

Citamos anteriormente de forma breve às chamadas “novas comunidades”, mas não podemos esquecer dos chamados novos movimentos religiosos, são eles que também estão movimentando o mundo da fé. Esses movimentos são formados por pessoas que tem toda uma vida influenciada pelo secularismo e a laicidade do Estado, mas que experimentam também a vida da fé. É o caminhar entre o secular e o sagrado. É um aprender a caminhar dentro do que a vida apresenta, dos desafios da modernidade. É uma relação que não deixa de ser conflituosa, mas que muitos aprenderam a conviver com ela:

De um lado, o boom deste começo de era, de elementos sagrados e mágicos: rituais xamânicos, e iniciáticos, práticas mágicas, utilização de objetos dotados de poder (cristais, pirâmides), comunicação com entidades espirituais (transe, channeling), contatos com seres extraterrestres, crenças em seres mágicos como (espíritos, anjos, fadas, gnomos, duendes), “batismo no espírito”, glossolalia, exorcismos, curas espirituais, por imposição das mãos. Por outro lado, estão presentes também nestes movimentos, sólidas linhas de continuidade com o projeto moderno, como a centralidade do individualismo com todo o seu corolário: escolha pessoal, livre arbítrio, primado do self, auto conhecimento e intimismo. Outra característica da afinidade com a modernidade é seu apelo a lógica da ciência. (CAMURÇA, 2008, p.94).

Olhando na mesma direção que o Marcelo Camurça, é difícil negar a presença do fenômeno religioso hoje, por isso a religião continua em debate, e as Ciências Sociais, que tem um foco especial na religião estão cada vez mais apresentando novos objetos de estudo. Diante dessa realidade, nós lembramos do Max Weber e as suas formulações sobre o desencantamento do mundo. Será que podemos afirmar que as novas comunidades e os novos movimentos religiosos são os responsáveis por essas mudanças, que eles estão sendo capazes de propor um reenchantamento do mundo e um reencontro de muitas pessoas com o sagrado.

De acordo ainda com a perspectiva do Camurça, uma das características que se apresentam nos novos movimentos religiosos é sem dúvida a diversidade. São muitos grupos

experimentando as mais diversas experiências religiosas, tem para todos os gostos, podemos falar de um verdadeiro mercado, onde se oferta de tudo. Vamos encontrar grupos onde a entrada é simples, basta está no lugar da reunião que se é facilmente aceito, outros passam por todo um processo de iniciação e aceitação, alguns de fácil organização, outro se apresentam com uma hierarquia e lugares previamente estabelecidos, sem falar no isolamento. Muitos se reúnem em locais fora da cidade e vive um isolamento, um fechamento do grupo em relação a outras pessoas e, até mesmo, outros grupos.

Quando trazemos para a discussão da religiosidade atual, presença de novos elementos como os novos movimentos religiosos e as novas comunidades, temos a criticidade de analisar todas as dificuldades de fundar e manter esses grupos. São muitos os desafios, um deles é o de manter o grupo unido e sintonizado no mesmo ritmo, na mesma vibração, semana por semana, anos a fio. É preciso de uma estrutura material e, sobretudo, de uma liderança carismática, que podemos entender a partir da categoria proposta pela Sociologia, considerando como carismático, aquele que possui carisma, o mesmo que “uma qualidade extraordinária”, que é atribuída a uma "pessoa". Quando o movimento possui estas qualidades, vive a necessidade da expansão e da busca constante, no caso dos grupos mais abertos, de novos membros, é esse movimento de entrada e de um bom nível de satisfação, que vai garantir a vida útil de qualquer movimento:

O fato de as grandes sociedades serem constituídas de muitos grupos diferentes de pessoas com distintas necessidades e níveis de poder, significa que as religiões sofrerão divisões internas que possivelmente produzirão cismas. Organizações em tensão mais baixa com o ambiente sociocultural tenderão a ser mais seculares. (STARK e BAINBRIDGE, 2008, p. 401).

Temos a percepção que muitos dos que buscam a religião buscam a satisfação que ela tem a oferecer, o mundo moderno não foi capaz de dar todas as respostas, os problemas do dia a dia, a doença e a morte continuam intrigando o ser humano. A ciência, a política, a tecnologia continuam não respondendo de forma satisfatória as grandes questões humanas, assim na grande memória humana a sempre o retorno em busca de respostas para as grandes questões, esse retorno é sempre para o sobrenatural e quem responde pelo sobrenatural, ainda é a religião.

Caminhamos historicamente pelo mito, pela religião e chegamos a Filosofia, a racionalidade, mas sabemos que a presença do mito e da religião permanece em cada pessoa, percebemos que há sempre um retorno a realidade do mítico, do religioso. Mesmo as pessoas que não se consideram religiosas ficam intrigadas diante do novo. A sociedade atual é

informada, informatizada, tecnologicamente avançada, mas com os pés ainda no passado onde muitas das questões eram rapidamente respondidas pela religião.

Mesmo percebendo a força e a influência do religioso, do sagrado no seu cotidiano, é perceptível a resistência de algumas pessoas ao sagrado. Como já foi dito, o homem atual vive uma guerra interior entre o sagrado e o secular, entre as velhas práticas e as novas, entre o remédio da farmácia e a garrafada feita pela benzedeira do bairro. O homem que nasceu na perspectiva da racionalidade moderna, ainda encontra algumas resistências à realidade do transcendente, pois o que vem sendo apresentado na escola é a força e o poder que vem da ciência e não, como anteriormente se aprendia, que a força e o poder pertencem a um Deus. Diante dessa sociedade da ciência, a religião passou pelo seu processo de enfraquecimento diante do novo. É perceptível a surpresa e o espanto de pessoas mais idosas diante de uma ressonância magnética, de uma máquina pequenina que atesta o nível de açúcar no sangue, ou verifica digitalmente a pressão arterial. É tudo novo e grandioso, o resultado na vida é impactante.

Mas, em meio a tudo isso, mais uma vez reafirmamos a força do sagrado. A presença da religiosidade. Para muitos estudiosos da religião o sentimento religioso nunca se afastou de fato das pessoas, o sagrado não saiu do cotidiano do homem moderno. Esses estudiosos vão buscar em Mircea Eliade o termo “camuflagem”. Se o mundo moderno foi sendo segundo o próprio Eliade, dessacralizado foi esse mesmo homem moderno que foi buscando formas de permanência do sagrado no seu dia a dia. Segundo Eliade apud Scarlatelli (1998, p.425):

Afirma que nós não perdemos em definitivo a dimensão sagrada da vida. Que muitos do que se dizem sem religião comportam-se religiosamente Eliade chega afirmar que alguns dos movimentos que se consideram completamente laicos apresentam traços religiosos, como o movimento de nudismo ou de liberdade sexual absoluta, nos quais reencontramos uma nostalgia do paraíso.

Nós reforçamos a presença da religiosidade a partir deste olhar para a “camuflagem”, no intuito de reforçar a presença do fenômeno. O elemento religioso está na sociedade das mais diversas formas, inclusive camuflado em formato tipicamente laico. Diante do enfraquecimento das instituições, o homem buscou negar essas realidades do sagrado e do transcendente. Vamos perceber isto, mesmo através do ateísmo filosófico, muitos dos discursos ateus, passam pela negação das instituições, não são necessariamente contra a divindade. Por isso, quando se fala de camuflagem do sagrado, a impressão que se tem é que ela é fruto desse descrédito.

Diante de tantos problemas e constantes mudanças o homem moderno deixou de perceber o sagrado no mundo. Se buscarmos os grandes escândalos envolvendo as instituições, em especial as instituições religiosas, todos nós já temos os motivos suficientes para a descrença. O sagrado é persistente por está fortemente na nossa cultura, no nosso inconsciente, nos nossos ritos diários. A vida continua sendo marcada por toda uma ritualidade e simbologia que são religiosas. O desafio é redescobrir o valor do que é absolutamente sagrado, separar em cada realidade o que de fato é profano e consequentemente o que de fato é sagrado. Se o homem assume simplesmente a condição da camuflagem, ele não vive a totalidade da sacralidade que é a própria vida.

2.6 Educação e Religiosidade

Nessa seção discutimos sobre a relação entre educação e religiosidade como apontamos aqui. Considera-se o espaço escolar indiscutivelmente como sendo o lugar, local da pluralidade. Nele encontramos a presença do diferente nos diversos setores que o compõe. Da equipe técnica-administrativa, aos alunos, a escola é um ambiente plural. Diante da pluralidade nos deparamos com tudo o que cada um dos segmentos traz para a escola. Da educação doméstica, aos valores éticos e morais, ao olhar para as grandes questões do mundo, e da religiosidade.

A religiosidade na escola é o nosso foco a partir de agora. Mas vale apenas lembrar que, caminhamos pela religião e pela religiosidade humana, vimos que em meio aos problemas relacionados à religião existe o homem religioso que pauta a sua vida a partir desta perspectiva, que há uma nova forma de expressividade da fé a partir dos novos movimentos religiosos e das novas comunidades, esse homem religioso está provavelmente inserido no novo contexto, e nele o sagrado permanece, mesmo que camuflado.

O papel que a escola desempenha ao longo dos séculos é o de educar, sabemos que a atividade educativa é extremamente complexa, pois envolve muitas questões. Para começar toda a sociedade educa, esse é um processo social contínuo, permanente. Educa-se nos mais diferentes aspectos, inclusive no religioso. O desafio da educação, no entanto, é compreender a fé dos alunos, as diversas expressividades religiosas de forma que todas as experiências enriqueçam o ambiente escolar. O primeiro passo é reconhecer que existe o outro que é diferente, nos mais diversos aspectos, inclusive no religioso, isto não o torna melhor nem pior,

somente diferente. Há espaços escolares onde o ensino religioso é uma realidade:

Nesse sentido, especificamente a sala de aula aparece como um lugar privilegiado do encontro face-a-face. Com isso, tratando-se sobre o componente curricular sobre o Ensino Religioso, tem-se a responsabilidade de promover a partilha dos elementos da religiosidade dos educandos e principalmente de respeitar esse outro, com um ser que busca respostas as suas interrogações existenciais. (POZZER, 2007, p.241).

Nos ambientes educacionais onde o Ensino Religioso não aparece como disciplina escolar, não está no quadro disponibilizado pela escola, a presença da religião nos temas diários é tão forte quanto, pois disciplinas como à Ética e a Cidadania, a Filosofia, acabam trazendo para a sala de aula muitos dos conteúdos com forte apelo religioso, os próprios alunos acabam fazendo essa relação.

De acordo com Pozzer, “Dentro dessa perspectiva insere-se o trabalho, em que os elementos da religiosidade de cada educando precisam ser respeitados, acolhidos e valorizados. O acolhimento e respeito devem perpassar todas as áreas da educação” (2007, p.242). Não é possível educar partindo de um único ponto de vista, a sala de aula também é um espaço relacional é preciso aprender a ouvir e também viver a experiência de ser ouvido. O professor é o grande mediador do aprendizado, não importa a sua disciplina, ele deve ter um permanente compromisso com as posturas que levam em conta o valor do outro. Até mesmo, por que muito do outro está nele mesmo. Os educadores estão em permanente crítica da sociedade atual. Vamos encontrar nos discursos, a decepção com as posturas dos alunos, o comportamento agressivo e a falta de sensibilidade, o descompromisso com a aprendizagem. Educar buscando modificar essas posturas a partir de conteúdos mais significativos tem se tornado uma alternativa para muitos. E muito desses conteúdos estão relacionados à fé e a religiosidade.

Quem está atualmente na sala de aula, percebe as mudanças ocorridas nos diversos aspectos da vida da criança e do adolescente, muitos deles estão vivendo constantemente com a ausência dos pais, estão construindo os seus próprios conceitos. As únicas mediações e questionamentos acontecem na escola e sob a orientação do educador. Por isso, o educador tem que ter equilíbrio procurar ser capaz de expor, propor, impor, limitar, mas como ele mesmo, ser referência para o seu educando. Sendo referência sem deixar que o outro perca a sua identidade, ele é o outro. Esse outro, como sendo o diferente de mim. Mas ao ser diferente, reconhece a identidade do outro, valoriza e respeita.

Por isso, em uma sala de aula onde o professor/educador alimenta o reconhecimento

das diversas dimensões da vida humana, inclusive a da religiosidade, os temas mais diversos, os que poderiam gerar conflitos em outros espaços sociais, na sala de aula não acontece, pois se reconhece a forte marca da religiosidade de cada membro, como também essa marca na coletividade.

Os professores precisam construir a dimensão da solidariedade, a solidariedade alimentada no respeito total do outro. Sabemos que a desconstrução do outro, vem sendo alimentada diariamente pela competitividade da sociedade e a competitividade no próprio ambiente escolar, pois para um aluno entrar na universidade pública hoje, muitos dos seus companheiros de sala de aula, ficarão de fora no processo seletivo. O termo utilizado, por muitos jovens é: Quanto você tem que derrubar? O educador que não tem consciência do seu papel de motivador e orientador poderá deixar passar muitas oportunidades para humanizar seu aluno, torná-lo sensível, para fazê-lo perceber o valor do outro. O professor nunca vai ensinar religiosidade, mas será capaz de captar as mais diversas situações e a partir delas criar um ambiente de partilha, de permanente diálogo e acolhimento das experiências de vida do outro. A sala de aula precisa ser um ambiente generoso. Os problemas diários relacionados ao bullying e tantas outras questões que envolvem os mais diversos tipos de violência no Brasil e no mundo, deixam claro, o que não está sendo feito.

Qualquer professor vai entrar em contato com a religiosidade do seu aluno, mas esse momento deve ser utilizado, não para o proselitismo, para a indiferença ou o desrespeito, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB 9.394/96, artigo 33 quando diz que: Ele, “o professor, precisa ser trabalhado no sentido da ampliação do conhecimento do aluno em relação a sua própria religiosidade e a religiosidade dos outros que formam a sala de aula.” O momento será importante para o desenvolvimento de uma escuta atenta e respeitosa. Cabe ao professor também a capacidade de resolver possíveis conflitos e junto com a turma vencer antigos preconceitos e propor situações novas.

Reconhecer que a religiosidade é parte da constituição do ser humano, que alguns alunos até pela experiência familiar vive essa dimensão com autonomia e maturidade, tem consciência da sua própria religiosidade, enquanto que outro, vão conhecendo, tendo contato com o tema no próprio ambiente escolar. A sala de aula é absolutamente heterogênea em todos os aspectos, então no que tange a religiosidade não poderia ser diferente. Ainda segundo Pozzer:

Em se tratando de religiosidade em sala de aula, não é possível ensinar a religiosidade, mas sim, acolher, contemplar, descobrir, respeitar. Entra uma

perspectiva de generosidade, em que o educador de ensino religioso, “encarna” e “respira” as diferenças, a diversidade e transforma, por meio das suas ações, em partilha constante, em diálogo aberto, em acolhimento das experiências da vida. (2007, p. 246).

Reforçamos que a atitude generosa, não é só do professor de Ensino Religioso, é de cada profissional da educação comprometido com o aluno e com a escola. A generosidade é uma característica de quem reconhece os seus próprios limites, e é capaz de compreender os limites do outro. Quando sou generoso, saio de mim mesmo e vou ao encontro do outro que nas suas potencialidades e fragilidades é absolutamente igual a mim, ao mesmo tempo, que carrega todas as diferenças. A escola precisa ser o espaço desse reconhecimento. Então, todas as discussões que envolvem a religiosidade precisam ser enriquecedoras. O professor não precisa fugir dos temas relacionados à religião na sala de aula, pois religião se discute sim, o professor não pode é ser porta-voz de determinadas tradições religiosas, está a serviço de igreja A ou B.

É sabido que educação e religião em se tratando de Brasil sempre caminharam juntas, é significativo o que encontramos no Documento 47 da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2005, p.24) que trata da Educação, Igreja e Sociedade:

Em nosso país, educadoras e educadores cristãos acham-se presentes, desde o início da história da nossa educação, exercendo larga influência na evolução e na dinâmica da educação brasileira. Não se pode falar em educação, entre nós, sem se mencionar o trabalho das ordens religiosas, em especial, dos jesuítas nos colégios e nas “escolas de ler e escrever”. Em fases mais recentes, no início da República chegaram ao Brasil inúmeras Congregações modernas cujo carisma é o da educação da juventude. Em tempo curto, foram capazes de implantar uma imensa rede de instituições de educação voltadas para o ensino das classes médias e para o atendimento da infância carente. No campo da educação feminina, foi significativo e pioneiro o trabalho realizado pelas educadoras religiosas, contando sempre com a participação de leigos e leigas.

Reconhecemos a força do Cristianismo na nossa formação religiosa e cultural. E a influência da Igreja Católica ainda hoje no que diz respeito à religiosidade do povo. Sabemos que ela não detém mais a maioria dos fiéis, como percebemos nos últimos dados estatísticos referentes á religião, mas à presença cristã permanece forte na sociedade através dos diversos segmentos Evangélicos, como também, dos grupos Espíritas e dos que não frequentam nenhuma igreja, mas trazem a forte marca da cultura cristã na sua história de vida. Todas essas realidades estão hoje nas escolas.

É perceptível, quando chegamos a alguns estabelecimentos educacionais a forte presença do elemento religioso, desde simbologia nos mais diversos setores que compõe a

escola, como a presença do símbolo religioso nos próprios membros da escola, deixando clara a sua adesão e a sua pertença religiosa.

Quando tratamos de educação e religiosidade centramo-nos na escola, mas principalmente na figura do educador, pois ele lida diariamente com o educando, ele exerce uma forte influência, na vida das crianças e adolescente. Por isso acreditamos que o próprio professor precisa ter clareza sobre a sua própria religiosidade. Aqui reconhecemos a religiosidade com um valor para cada pessoa, que pode ser desenvolvida, alimentada ou não. Mas diante do processo educativo total da escola, ele precisa estar preparado para lidar com as questões que porventura, poderão aparecer. Assim:

O professor precisa cultivar a espiritualidade e uma dessas formas é através da vivência religiosa, isto é, da sua religiosidade. É preciso que sejam criadas oportunidades para favorecer o educador no que diz respeito ao desenvolvimento de sua religiosidade, do seu crescimento interior. No ato educativo, partilhamos nossa vida, as experiências que vamos construindo nas relações que estabelecemos com os outros, com o mundo e com o Sagrado. (SCUSSEL, 2007, p.59).

Um professor que assume e respeita a sua própria experiência religiosa, com certeza, será um professor melhor, pois terá condições de acolher, mesmo tendo poucos recursos a especificidade da religiosidade do outro. Principalmente quando, esse outro for considerado muito diferente. É sabido, a partir de vários trabalhos, referentes às religiões de matriz africanas, o quanto as crianças pertencentes a famílias adeptas destas religiões sofrem preconceitos na escola, e muitas vezes esse preconceito começa na figura do professor. Este não consegue perceber o outro na sua liberdade religiosa e, na maioria das vezes pela própria ignorância, pelo desconhecimento e falta de compromisso com a sua prática educativa, de conhecer a fundo a realidade dos seus alunos. Muitas vezes, o seu olhar a respeito de determinadas religiões partem da visão única do seu próprio segmento religioso, daí as limitações dessa visão. Para Scussel:

Enquanto educadores, temos a missão de criar estruturas que possibilitem uma interação maior entre nós e os educandos em vista da construção de um mundo mais humano e feliz para se viver. Desenvolvermos nossas habilidades e nossas capacidades humanas para vivenciarmos isso na relação com os educandos, pois, em muitos momentos da vida e de sua formação, somos a referência ética, espiritual e humana. (2007, p.61).

Quando estamos diante da palavra missão, como nos apresenta o André Scussel, ela nos parece grande demais, é isso que cabe ao professor ou educador, como se queira chamar.

A palavra missão para nós tem toda uma conotação religiosa, é por isso talvez que ela esteja tão relacionada à educação. Quando pensamos na construção histórica da educação através da própria pedagogia, temos a certeza do quanto o fazer educativo é grandioso e responsável por grandes transformações. A vida de quem ensina e vida de quem aprende estão interligadas por esse longo e rico processo. Por isso:

A educação pode estimular desde o princípio as pessoas a exercitarem, a integração entre a sua capacidade reflexiva, sentimental/emocional e comportamental, e a desenvolverem a capacidade de escutarem-se a si mesmas com profundidade, cuidado e atenção, contribuindo ainda para que elas possam reconhecer, sem repulsa nem apego, as negatividades que habitam seu próprio interior. Pode ainda estimular crianças e adolescentes a desenvolverem habilidades positivas e necessárias ao relacionamento produtivo, com demais pessoas e diferentes ambientes, estimulando a realização pessoal da solidariedade, empatia, autonomia e integridade. (POLICARPO JUNIOR, 2012, p.81).

Quando pensamos em educação e de toda a sua importância no processo formativo da sociedade, entendemos a função do professor e a sua missão, o termo aqui entendido desde os cristãos primitivos, que eram chamados de “o pessoal do caminho”, por estarem sempre em uma ação missionária. O caminho era permanente e a missão também. Assim, muitos professores se veem nessa ação permanente, de formar homens novos para um mundo novo, esse homem novo é mais ético, mais preocupado com os grandes temas que envolvem o planeta, tem compromisso com a paz.

2.7 A Religiosidade do Professor e sua Prática Pedagógica

A sociedade atual busca, cada vez mais, a presença de uma educação pautada em valores. Buscam-se em todos os espaços sociais os valores éticos, morais e também religiosos. Na escola não poderia ser diferente. O que se pede do professor é a excelência, mas quando tratamos aqui a excelência, não é só a empresarial, o compromisso apenas com os resultados financeiros, estamos falando da excelência humana. Terminamos a página anterior com o José Policarpo Junior apresentando a educação como aquela capaz de desenvolver um ser humano melhor. Um aluno melhor significa dizer que também temos professores melhores. Seres humanos mais humanizados, mais solidários, mais sensíveis, mais autônomos. Percebe-se que

a tarefa do professor é muito grande, junto com as atividades práticas que estão relacionadas ao ensino, ele precisa ter uma vigilância contínua das suas próprias ações, é um processo permanente de auto avaliação. De acordo com os parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (2009, p. 43):

O educador é alguém que naturalmente vive a reverência da alteridade e leva em consideração que família e comunidade religiosa são espaços privilegiados para a vivência religiosa e para a opção de fé. Assim, o educador coloca seu conhecimento e sua experiência pessoal a serviço da liberdade do educando.

Embora, os PCNs tratem especificamente do Ensino Religioso, essa é uma realidade de qualquer professor que vive os desafios da sala de aula. Que entende que o ato de educar, de ensinar é muito maior que as condições materiais da escola e muitas vezes o seu salário. Lembramos que como profissional, o professor precisa encontrar as condições necessárias para o exercício da sua profissão, bem como, ter um salário justo, digno. Mas sabemos que em muitas situações é o professor responsável até pelo alimento que chega a sala de aula para o lanche dos alunos. Então, já encontramos nesse exemplo a prática da solidariedade no fazer do professor.

O reconhecimento que o seu fazer é total, que tudo que permita e facilite o processo ensino-aprendizagem passa necessariamente por ele, até a merenda. Podemos dizer que existe uma identidade no ser professor assim, partimos do entendimento que a identidade, “é o conjunto de caracteres próprios e exclusivo com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uma das outras, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes”. (KRAVICE, 2007, p. 225).

Para nós, é importante ressaltar que essa identidade é também religiosa, o professor pauta a sua prática a partir do que ele acredita. E o crescimento do aluno vai ser estimulado em todas as frentes, pois formar uma pessoa de forma completa faz parte da sua missão. Então, professor que entende que seu aluno precisa ser cidadão, ele investirá e criará todas as oportunidades para o exercício da cidadania e para a responsabilidade social, ele é comprometido com as mudanças na sociedade. Acreditando na ética e na justiça, esses serão os princípios que nortearão a sala de aula, por isso, criar regras e normas de convivência, decidir sobre os critérios de avaliação, não significa mais um quadro de decoração na sala de aula. Significa viver o

correto, atuar na sua profissão de forma correta, pois é missão, é o seu talento sendo colocado no mundo, e não sendo enterrado, sem ser multiplicado. O professor sabe que a partir da realidade experimentada em sala de aula muitos dos seus educandos acabam interferindo positivamente no seu contexto social, mudam velhos hábitos, são capazes de modificar as antigas relações em casa.

A prática pedagógica do professor que vive a sua religiosidade é cotidianamente integrativa, pois promove uma relação de parceria em meio a toda diversidade que se apresenta na sala de aula. É uma abertura constante aos desafios do ser diferente, do pensar diferente, do agir diferente e também viver uma fé diferente. Por isso, como já foi dito, o professor não tem medo do tema religião, ao viver plenamente a sua religiosidade e pô-la em prática, a religião do outro não é problema. Vivendo a certeza da sua responsabilidade na construção de um mundo, o professor também pautará o seu fazer pedagógico, a partir da criação de espaços onde o acolhimento e o respeito às diferenças sejam de fato uma realidade.

Uma escola inclusiva, passa pelo respeito às dificuldades de alguém que, por exemplo; é mais lento, não ouve, não enxerga, mas que precisa viver as mesmas situações, ter as mesmas oportunidades que os demais alunos. Poderíamos até pensar que qualquer professor ético teria o mesmo compromisso, mas aí encontramos um diferencial, para o professor que vive a sua religiosidade em sala de aula, o aluno é muito mais que ser humano. Ele é uma alma e as almas são cuidadas para Deus. Cuidando dessas almas novas espera-se um mundo novo e melhor. Yus apud Scussel nos leva a refletir:

Que construiremos um mundo melhor para vivermos quando formos capazes de mergulhar em nosso próprio interior, compreendermo-nos e compreender o outro, seus medos, seus sonhos, seus ideais. Uma viagem que é capaz de (re) significar a vida e o destino de cada um. Construir vivências significativas capazes de dar sentido à vida passa pelo ambiente escolar, pois a escola é o espaço privilegiado de construção do projeto de vida pessoal e comunitário. É ali que o sonho de uma vida mais humana se arquiteta e começa a ser vivenciado. Para isso, precisamos, não de provedores de informações, mas de “*educadores do espírito*”, que são todos aqueles que hoje estão ajudando seus alunos a encontrar conexões significativas em suas vidas. Educadores capazes de transcender o espaço-tempo da escola. (SCUSSEL, 2007, p.130)

Esse olhar diante das responsabilidades da escola nos chama a atenção, pois diante da realidade conteudista vivenciada pela educação, frente a todos os processos seletivos que os alunos são anualmente submetidos, é interessante alguém, o professor, que tem compromisso com a formação integral do aluno, ou seja, reconhece as diversas dimensões que fazem parte da vida do ser humano. Os valores tão necessários atualmente passam pela opção da família, mas também precisa ser valor na escola.

3 O CONCEITO DE FENÔMENO

Após trabalharmos no capítulo I, os conceitos históricos acerca da religião, religiosidade e suas possíveis relações com a dimensão da prática pedagógica. Iniciaremos o capítulo II tendo como foco as reflexões sobre o “Fenômeno”, a “Fenomenologia” e a “Fenomenologia da Educação”.

Quando perguntamos o que é a religião hoje, podemos ter inúmeras respostas, a partir das diversas práticas cotidianas que compõe a religião, então somos direcionados para o que de fato vem fazendo a diferença, como ela é percebida e reconhecida. Para entendermos ainda mais o fenômeno religioso precisamos definir o que é fenômeno, o que aparece dessa religião, da religiosidade ou as manifestações de fé de uma pessoa.

É consenso entre vários estudiosos que o termo fenômeno vem do grego (to phainomenon) e significa tudo que aparece, que se mostra. Essa constatação comporta três realidades:

- 1) existe alguma coisa
- 2) ela se mostra,
- 3) ela é justamente um fenômeno pelo fato de se mostrar

Segundo Van der Leeuw apud Prandi, (1999, p. 35):

O fenômeno é ao mesmo tempo um objeto que se refere a um sujeito e um sujeito em relação a um objeto. Segui-se que toda a sua essência consiste em mostrar-se e mostra-se a alguém. Por isso, tão logo alguém começa a falar de algo que se mostra já se dá a fenomenologia. A Fenomenologia é, pois, a discussão sistemática do que aparece.

Estamos atualmente vivenciando essas aparições e a cada uma delas confirmamos a força do fenômeno na sociedade. É interessante refletirmos que: a religião é limitada; seus seguidores viveram ou vivem em determinados tempos e lugares. Um fenômeno, porém, não é limitado, nem pelo tempo, nem pelo espaço:

Quando fenomenólogos da religião escrevem sobre o monasticismo, não se referem a um monasticismo específico, ou seja, nem ao cristão, nem ao

budista, nem a algum que existia há mil anos, nem a um contemporâneo. “Concordâncias fenomenológicas” transcendem limites geográficos e culturais (GRESCHAT, 2005, p. 140).

O fenômeno existe na presença e não na ausência, nós o reconhecemos um fenômeno, a partir da sua presença insistente, ou seja, olhando para uma determinada realidade ele se faz conhecer. Vamos encontrar diversos tipos de fenômeno, para nós, interessa o fenômeno religioso no ambiente escolar. Em especial, quando a presença do elemento religioso se torna visível na prática pedagógica do professor. Buscando historicamente alguns fatos, vamos lembrar que na História do Brasil, a educação e religião sempre caminharam juntas, vamos experimentar uma ruptura com a laicização do Estado, mesmo assim, a religião, enquanto elemento também da formação cultural de um povo, permaneceu com a sua importância.

Sabemos que secularização e laicização andam juntas, elas são uma força capaz de mudar alguns paradigmas. Lembramos que a religião é um elemento que influencia a sociedade, mas também é influenciada por ela, sofre com as mudanças que são propostas por um novo modelo social. Assim, o professor, que durante muito tempo serviu as igrejas e a religião também foi impactado pelas transformações que sacudiram a sociedade. Para nós, no momento é importante entender a partir do olhar do fenômeno religioso na escola, por que alguns professores estão fazendo o caminho de volta. E trazendo de forma marcante, visível, o elemento religioso para a sua sala de aula a partir da prática pedagógica.

Queremos conhecer profundamente esse fenômeno, sabemos que há muitos elementos que podem se tornar objeto de estudo tanto no campo da educação como o da religião no ambiente escolar. Atualmente, porém a nossa busca é pelo que é mais próprio, mais específico, do educador que vive a sua fé em sala de aula. Busca as particularidades desse novo momento que também é histórico. Ainda segundo Greschat:

Quando os fenomenólogos da religião falam sobre a “essência” de um fenômeno, referem-se aos seus traços elementares, ao geral dentro do particular, às qualidades formais de uma realidade concreta vivenciada por seres humanos. Procura-se o invariável em meio às múltiplas variações (2005, p.146).

Não poderíamos fechar essa introdução sem apresentarmos o conceito de fenômeno proposto pelo pai da Fenomenologia moderna que é Edmund Husserl. Para ele:

O termo fenômeno assume um sentido radicalmente diferente, por que fenômeno é tudo aquilo que aparece ou surge no campo da consciência como

algo puro e absoluto, não existindo nenhuma mera aparência, nem sendo um aparecimento objetivo. (GOTO, 2008, p.65).

Para os fenomenólogos, que compartilham da visão dos Husserl, nos fenômenos os aparecimentos são reais e com isso as coisas aparecem, ou seja, o mundo e até nós mesmos. A consciência de si e principalmente a consciência de algo ou de alguém é referência para o estudo e análise do fenômeno.

3.1 A Fenomenologia: uma breve apresentação

A Fenomenologia, como nós já citamos anteriormente, tem sido uma referência importante para as Ciências Humanas, pois, ela atende ao pesquisador enquanto princípio filosófico, como também, atende enquanto método. Nessa breve apresentação vamos nos deter ao conceito de Fenomenologia do ponto de vista etimológico.

Assim, é consenso entre os estudiosos, que a Fenomenologia tem na sua origem nas palavras gregas: *phainomai* (fenômeno), que significa brilhar, aparecer ou mostrar-se; e *logos* que significa discurso (no sentido de descrição). Assim a Fenomenologia é a descrição racional do fenômeno ou a descrição do que aparece.

3.1.1 O Conceito de Fenomenologia proposto por Husserl (O fundador da Fenomenologia)

A Fenomenologia vem crescendo no meio acadêmico brasileiro, pois, tem se mostrando eficiente nos diversos campos de estudo, falamos da Filosofia, da Psicologia, enfim das Ciências Sociais. Enquanto corrente filosófica a Fenomenologia tem um pouco mais de cem anos, o mesmo que as Investigações Lógicas, de Husserl (1900). Embora, historicamente o termo Fenomenologia tenha sido utilizado por diversos estudiosos e com concepções diferenciadas, para nós ele ganha um novo status, a partir da concepção de Edmund Husserl (1859-1938), pois, ela é para nós, uma importante referência, já que é essa concepção que nos permite adentrar ao mundo do fenômeno na perspectiva do sujeito.

É consenso entre os diversos estudiosos de Edmund Husserl, que ele buscava algo diferente do que a academia estava propondo. Portanto, veio a propor algo que não o psicologismo e o empirismo recorrente nas investigações científicas da época. Para ele, havia uma crise nas ciências europeias, e essa crise era a perda de significados. Assim, ele apresenta um novo tipo de investigação que ficou definida como fenomenológica.

Husserl estava interessado em encontrar um caminho para se chegar a esse sentido esquecido, para além da ciência convencional: “uma reflexão que resgatasse a experiência comum, que dissesse de quê a ciência está falando e como é essa realidade que se nos apresenta. Isso não podia ser feito em laboratórios, pois envolve o ser humano e sua produção de significados” (AMATUZZI, 2009, p.94). Nesse aspecto, fica evidenciado que a Fenomenologia proposta por Husserl passa pela busca do que é próprio, o primeiro, como ele mesmo afirmava: “o ir às coisas mesmas”, sem nenhum aparato ou sentido prévio, um olhar sem pré - conceito. Ele propõe que devemos buscar os fatos, as questões, enfim, as coisas como elas se apresentam, sem nenhum juízo de valor, mas procurando captar a “verdade” “*in statu nascendi*”, mesmo nos limites que o que é humano apresenta, mas nem por isso perdendo a confiança em poder mostrá-la:

Trata-se daqueles momentos veritativos que estão na base dos nossos conhecimentos e de nossa realidade; somos impelidos, portanto, por um processo regressivo, aquele complexo de atos e operações próprias do sujeito que constituem a sua consciência no sentido mais amplo, operações que, porém, não a caracterizam apenas o meu mundo interior, mas estão presentes em mim como o estão nos outros. (BELLO, 2000, p.66).

Compreender a obra e as posições de E. Husserl exige para o pesquisador uma mudança de perspectiva, pois, ele já afirmava, que, diante do fenômeno, ou seja, do que se mostra, era necessário por entre parênteses. Não importa o que se ver, nem como se ver, faz-se necessário recomeçar desde o início. Para nós, isso representa uma entrada extremamente respeitosa no mundo do sujeito, e no que para ele significa a verdade, é uma clarificação no sentido das coisas. Com isso, construiu uma base sólida para a sua Filosofia. A ideia de Husserl era deixar claro, marcado, que o seu desejo era elevar a Filosofia a um estatuto de saber absoluto e rigoroso:

Se o homem pudesse considerar sua experiência, com tudo que nela está implicado, abstendo-se do julgamento espontâneo da realidade que ela encerra, ele poderia chegar a conclusões seguras acerca do conhecimento e seu alcance. Por esse caminho seria possível afirmar coisas sobre os atos da consciência, e isso mesmo seria um acesso à verdade que desacreditaria o

ceticismo generalizado e daria uma base sólida para as discussões. (AMATUZZI, 2009, p.94).

A essa forma de investigação Husserl chamou de Filosofia como ciência rigorosa ou de Fenomenologia. Essa valorização do sujeito e do seu mundo trás para Fenomenologia uma subjetividade que em um primeiro momento, assusta aos que estão acostumados com métodos mais quantitativos, ou mesmo, uma concepção mais materialista da pesquisa científica. No entanto, a partir dos conceitos a seguir, poderemos ver o quanto a Fenomenologia pode ser um suporte interessante para a pesquisa nas Ciências Sociais.

3.1.2 Principais conceitos relacionados à Fenomenologia

Para um melhor entendimento da proposta fenomenológica adotada em nossa dissertação, buscamos esclarecer em sequência, alguns dos conceitos próprios da Fenomenologia, que são considerados essenciais para a compreensão do estudo.

3.1.3 Mundo da vida ou mundo vivido

O mundo humano que nós temos como referência é rico em possibilidades, mas também em sua complexidade, assim, para entendermos o mundo vivido (*lebenswelt*) precisamos entender o próprio sujeito, pois é o sujeito que o vivencia. Então, para entendermos a partir da Fenomenologia, o chamado mundo da vida, nós temos que nos deter, no mundo percebido pelo ser humano do ponto de vista geral da vida, antes de qualquer tematização, objetivação e representação.

O mundo vivido é um mundo sem conceitos científicos, já que, todo o conhecimento deve está fundamentado na vida. É uma volta ao mundo das experiências. O próprio método fenomenológico começa com a descrição, uma situação vivida no cotidiano. Vários estudiosos de Husserl afirmam que ele buscava integrar o mundo das ciências ao mundo da vida. A sua grande crítica estava no fato de muitas vezes a ciência parecer não ter sentido. Assim o mundo

vivido ou mundo da vida parte da busca ao “sentido da vida”, como diria Dilthey ou “à volta às coisas mesmas”, referência de Husserl.

É do mundo vivido que nascem nossos pensamentos. Não se trata da natureza enquanto realidade objetiva (estudada pela ciência positivista), mas do mundo que se dá na relação, que se mostra como fenômeno primeiro e que pode ser depois elaborado no pensamento. Conhecer esse mundo é, então, conhecer nosso estar nele, conhecer nossas relações. (AMATUZZI, 2009, p.95)

Podemos até afirmar, que só encontramos o fenômeno, se encontrarmos o sujeito no qual a experiência desse fenômeno se situa. Nesse sentido, voltar às coisas mesmas, como propõe Husserl, seria buscar o que primeiro aparece. Quando recolhemos dados através de uma entrevista, por exemplo, buscamos o que aparece, tal como aparece.

Em um primeiro momento, o pesquisador só tem os dados. Esses dados trazem o mundo do sujeito e cabe ao pesquisador, enquanto passo seguinte, afastar-se de todo e qualquer julgamento, para que isso, não venha interferir na sua abertura para a descrição. Entender o mundo da vida é entender o mundo do sujeito, tal como ele é, o mundo do cotidiano, das experiências e vivências. É compreender que existe uma realidade primeira, fora de qualquer conceituação do mundo das ciências, é o domínio do sujeito, é o espaço da verdade, mas a verdade do sujeito.

O mundo vivido é o espaço por excelência das experiências com tudo e com todos que nos cercam. Se buscarmos o mundo da vida no ambiente escolar, por exemplo, encontraremos o professor, o aluno e todos os componentes sociais e culturais que os cercam e que já estão dados à consciência desses mesmos sujeitos. No mundo da vida escolar, todo o seu sentido se dá no dia a dia dos professores, alunos, equipe técnica, os demais funcionários, enfim, até nas famílias dos alunos. Nas próprias atividades desenvolvidas diariamente na escola encontramos o sentido. A Fenomenologia trabalha com esse cotidiano e com o sentido da realidade escolar para cada sujeito que o compõe.

3.1.4 Essência

Um segundo conceito presente na Fenomenologia de E. Husserl é o da essência, ele também nos leva para algumas reafirmações como; ela é uma ciência do rigor e parte do zero,

fugindo das pressuposições. Então, o ponto central para ela, é o que é dado pela intuição, sem qualquer outro tipo de conhecimento. É o que Husserl chama de “principio dos princípios”, ou seja, o que é dado por meio da intuição é conhecimento verdadeiro e deve ser aceito como tal.

A Fenomenologia, portanto é a ciência das essências puras, chamando de essências tudo que se refere ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa, dando um entendimento comum ao fenômeno em investigação. Para Husserl, “é possível chegar à essência de qualquer fenômeno que se manifesta na consciência. As essências são unidades de sentido, elas representam também, unidades básicas de entendimento do fenômeno.” (MOREIRA, 2002, p. 64).

Na Fenomenologia, quando um dado chega à consciência, com ele está a essência, não existe fenômeno sem a essência. É o que é próprio do fenômeno, sem ela, o mesmo não existiria e não seria o mesmo. É pela própria essência que podemos ou não comparar fenômenos, pois só é possível fazer comparações se o pesquisador já tiver captado uma essência. A intuição é a caminho para se conhecer a essência, não uma intuição a partir do senso comum que nós entendemos, mas a intuição que nos permite adentrar a essência como conceito, isto é, como objetos ideais que nos permitem distinguir e classificar os fatos:

Fato é aquilo que é aqui e agora, pelo menos agora; um fato acontece, em certo momento do tempo, caso contrário não é um fato. Fato é aquilo que é contingente: é assim, mas por sua natureza poderia também ser diferente. Aquilo que especifica o fato para Husserl é a essência. (ROVIGHI, 1999, p.371).

É importante ressaltar que para Husserl o conhecimento se dá, começa pela experiência e essa experiência é resultado de um mundo de coisas existentes, de fatos. Na vida do sujeito a uma infinidade de realidades e experiências que vão enriquecendo-o, assim ele está vivendo constantemente em um mundo de fatos e consequentemente de fenômenos.

3.1.5 Epocké

Nós vamos encontrar na Fenomenologia Moderna inúmeros autores que sofreram a influência de E. Husserl, podemos citar Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty, Ricouer. No estudo fenomenológico, podemos afirmar que todos buscavam no fenômeno, aquilo que se manifesta de forma tão clara que não poderia ser negado. O desafio estava na teorização do

método e Husserl o fez. Assim, ele foi estabelecendo uma forma rigorosa de buscar as coisas mesmas. A *Epocké* nos é apresentada como um dos passos do método, mas sabemos que o método não se limita apenas a suspensão.

Para compreendermos a *Epocké*, precisamos entender outros dois conceitos propostos por Husserl: atitude natural e atitude fenomenológica. A primeira diz respeito às coisas em si, fora do campo da percepção, nessa atitude, a postura pode ser considerada até ingênua, pois aceita-se o que se vê sem uma postura crítica. Na segunda, a atitude fenomenológica que foi apresentada a partir da obra *Meditações Cartesianas* de 1908:

A coisa não é tida como sendo em si, uma vez que: 1º) não está além da sua manifestação e, portanto, ela é relativa a percepção e dependente da consciência; 2º) a consciência não é parte ou região de um campo mais amplo, mas é ela mesma um todo que é absoluto, não dependente, e que não tem nada fora de si.” (BICUDO, p.17, 1999).

Um olhar, significativo para a *Epocké*, também a partir de Husserl, nos é proposto pelo Tommy Akita Goto, onde retoma, que o conhecimento acerca do fenômeno passa pelo “voltar às coisas mesmas”, porém, essa volta não é tarefa fácil, sem a utilização de outros componentes do método. Para isso, Husserl, incluiu no chamado voltar às coisas mesmas, “um momento negativo, isto é, um momento que expressa a suspensão ou supressão de tudo aquilo que nos impede de ver a coisa mesma.” (GOTO, 2008, p.76).

Esse momento, o estudioso denominou *Epocké*. Etimologicamente o termo vem do grego e significa ter sobre, mas também, abster-se ou reter-se. No alemão, significa na sua forma literal, “projetar-se para trás,” para ver. Podemos adotar como uma atitude e/ou uma postura crítica que nos permite afastar-se para poder ver com mais liberdade. Essa suspensão consiste em ver as coisas como aparecem. A *Epoché* propõe “por entre parênteses” as coisas, para poder afastá-las da chamada atitude natural, de uma atitude sem críticas.

Para chegarmos a um conhecimento radical, capaz de fundamentar as ciências e a própria Filosofia, Husserl impõe a *Epocké* como uma única forma de produzir uma desconexão com a atitude natural. Em verdade, a *Epocké* como colocação do mundo natural entre parênteses promoverá o transito da atitude natural para a atitude fenomenológica ou transcendental. Para Goto, a atitude transcendental meta da *Epocké* – é a atitude na qual nos “tornamos imparciais” ou simples expectadores de um jogo que nos possibilita chegar à vida intencional subjetiva. (2008, P.77)

É importante ressaltar que a *Epocké*, não significa que há uma dúvida quanto à existência do mundo pelo pesquisador ou o filósofo, mas essa existência precisa ser colocada

entre parênteses, justamente porque o mundo existente não é o foco verdadeiro da Fenomenologia, o seu tema real é como o conhecimento do mundo se revela. Embora muitos estudiosos de Husserl considerem a *Epocké*, sinônima das outras reduções chamadas de husserlianas, é aí, entra a redução eidética e a redução fenomenológica ou transcendental.

Optamos por esse olhar do Goto, que a partir dos textos do próprio Husserl e de estudiosos como San Martin deixam claro, que o método fenomenológico, não se restringe apenas as reduções, mas a uma série de outros elementos que são constitutivos. De forma resumida, “os três elementos constitutivos do método seriam: a *Epocké*, a redução eidética e a redução fenomenológica ou transcendental.” (2008, p.75)

Husserl apresenta a *Epocké*, como esse momento primeiro. O voltar às coisas mesmas é justamente para afastar todas as crenças, opiniões, ideias que podem nos impedir de ver as coisas exatamente como são. É importante ressaltar que a suspensão não significa construir um ciência livre de teorias, mas esse afastar-se permite que o fenômeno seja visto de fato como é sem pressupostos.

A partir da *Epocké* nós já saímos da atitude natural e adentramos no universo da atitude fenomenológica, chegamos ao conhecimento que se estabelece na abstenção e suspensão do mundo. Ela é conceito chave, realmente primordial para se conhecer o fenômeno. Ao adentramos nos conceitos fenomenológicos essa caminhada se faz necessária.

3.1.6 Redução Fenomenológica

Como já citamos anteriormente, encontramos em diversos autores os diferentes olhares para a chamada redução, para alguns ela é sinônima da *Epocké*. Sabemos que para Husserl ela é uma das chaves, para que o pesquisador consiga alcançar a atitude fenomenológica. Mas percebemos, em meio às divergências entre os estudiosos, que realmente este conceito nos parece, algumas vezes, confuso e indeterminado.

O termo redução aparece em diversos momentos da produção de Husserl, desde aulas até publicações. O que se pode observar é que há inúmeras reduções, para alguns estudiosos, já foram catalogadas mais de oito. Porém, é consenso entre os pesquisadores à distinção de duas reduções importantes para o método fenomenológico em pesquisas, que são: a redução fenomenológica ou transcendental e a redução eidética.

Para buscarmos o aprofundamento dos conceitos, é perceptível que somente com a suspensão através da *Epocké*, não é possível chegar ao resíduo fenomenológico revelado pela atitude transcendental. Por isso, Husserl, “acrescentou a *Epocké* uma redução cuja tarefa é retirar, os elementos naturais (individuais ou contingentes), das vivências ainda presentes na “volta às coisas mesmas” e chegar as suas essências (wesen ou eidos).” (GOTO, 2008, p.79).

Se buscarmos o significado do termo redução, vamos ter o mesmo que reduzir, porém na Fenomenologia podemos considerar como sendo, conduzir de volta, ou seja, o mesmo que recondução. Embora, mas uma vez citamos a semelhança entre os conceitos, lembramos que a *Epocké* está relacionada à abstenção e suspensão do mundo, enquanto que a redução passa pela recondução do resíduo fundante.

Enquanto constitutivo do método fenomenológico, a partir da *Epocké*, nós podemos encontrar diversas reduções, é com elas que adentramos ao conhecimento proposto pela Filosofia e a busca pela primazia da consciência. É importante lembrar que para Goto:

Na redução não temos acesso ao resíduo das coisas ou um retorno ao sujeito psicológico, mas ao resíduo do nosso próprio existir, ou seja, ao resíduo da esfera individual e coletiva do próprio ego (eu), pelo fato da redução deixar intacto o ego e suas atividades. Assim, com a redução, temos aberta a possibilidade de encontrar, não só o campo das coisas, nos aspectos essenciais, como também do ego cogito, ou seja, o campo da subjetividade absoluta. (2008, p. 79).

Através da redução fenomenológica vamos confirmando a Fenomenologia como ciência do rigor, que propõe em seu método um olhar para as múltiplas realidades do mundo humano. Ela conduz às vivências do fenômeno. Essa redução também visualiza radicalmente a subjetividade chamada de transcendental. Ela também está diretamente relacionada a essa caminhada que permite a mudança da atitude natural para a atitude fenomenológica. Com o que chamamos de redução fenomenológica Husserl, “pretende chegar a uma evidência apodítica, livre dos preconceitos do senso comum, do objetivismo científico e dos raciocínios a priori, a um conhecimento que a ciência moderna consegue atingir.” (COELHO, 1999, p.65).

3.1.7 O Conceito de Intencionalidade

Em meio a tantos conceitos o conceito de intencionalidade nos permite adentrar no universo da consciência. Na teoria de Husserl, na Fenomenologia, a consciência é intencionalidade. A intencionalidade é o que é próprio da consciência em seu pleno sentido. Indo mais longe, a intencionalidade pode ser considerada a essência da consciência. Tem em seu significado, “tender em uma direção” ou mesmo “estender”.

Assim o conceito de consciência pode está diretamente ligado com uma abertura para o mundo. Porém ela não está relacionada apenas ao expandir-se para o mundo, ela também se volta às próprias vivências. De tal modo, a intencionalidade é a característica da consciência de ser consciente de algo, ou seja, de ser dirigida a um objeto. Se nós podemos afirmar que toda consciência é intencional, então afirmamos também que toda consciência é consciência de algo.

Para Husserl, a intencionalidade é o que caracteriza a consciência em seu pleno sentido. Quando apresentamos a Fenomenologia como uma ciência descritiva dos fenômenos, reconhecendo no fenômeno tudo o que aparece da coisa a consciência, então podemos considerá-la uma ciência descritiva da consciência. O estudo descritivo do fenômeno passa também pela análise da estrutura da consciência. Vejamos:

Husserl empreendeu, desde as investigações lógicas, a análise da consciência para compreender e aprender a origem e o processo que forma o conhecimento, estabelecendo-se fora do contexto do psicologismo e da lógica, Husserl por fim mostrou nas Investigações que a estrutura fundamental que promove a origem do conhecimento das coisas e de si mesmo é a consciência intencional. (GOTO, 2008, p.67).

Muitos dos conceitos trabalhados por Husserl, já tinham sido abordados anteriormente por outros estudiosos, no caso da ideia da consciência, ele teve com referência Franz Bretano, que junto com outros conceitos importantes, entre eles, a convicção de que a Filosofia deve ser uma ciência rigorosa, trás a noção de intencionalidade.

Embora, aprofundados, ou até reelaborados eles vão construindo gradativamente o conhecimento acerca dos diversos temas. Ainda buscando, adentrar no universo da consciência e buscando o seu sentido pleno, vamos buscar as três acepções propostas por Husserl que são:

1ª) a consciência como conjunto de todas as vivências, 2ª) a consciência como percepção interna das vivências psíquicas (ser consciente de); e a 3ª) a consciência como vivência intencional, sendo este sentido o mais importante para a Fenomenologia. (GOTO, 2008, p.68).

A percepção da consciência na Fenomenologia, não é simplesmente a do senso comum, de dar conta de algo, ela vai além, pois a consciência é intencional no sentido que toda a consciência é consciência de algo, é um visar a algo.

Retomando a ideia do fenômeno, é importante ressaltar que ele deve ser compreendido enquanto revelado a consciência, assim, os fenômenos são dados à consciência. Sendo presenças a consciência, por ser sempre intencional, vai ser sempre consciência de algo e consciência de. Como sujeitos do conhecimento, esse conhecimento também envolve o conhecer algo. Esse conhecer algo, passa pelo conhecimento do fenômeno.

A fenomenologia como consciência intencional nos ajuda a captar o fenômeno. Husserl também definiu a Fenomenologia como ciência dos fenômenos da consciência.

3.1.8 Mundo próprio, mundo humano e mundo circundante

Concluimos a seção anterior afirmando que a Fenomenologia nos ajudar a captar o fenômeno. E para o pesquisador, o fenômeno enquanto a coisa que aparece, está diretamente relacionado à sua realidade, o seu mundo. De acordo com Rezende (1990, p.35), “a noção de estrutura fenomenal implica uma determinada concepção do homem e do mundo, uma Antropologia inseparável de uma Cosmologia. O mundo não é o homem, o homem não é o mundo, mas um não se concebe sem o outro”.

Porém, tanto o homem, como o mundo, são perceptíveis, cada um dentro da sua estrutura. O mundo humano é o mundo da cultura, dos diversos povos, onde a existência humana assume um comportamento relativo a si mesmo, aos outros, a natureza. Para a Fenomenologia, o mundo deve ser compreendido não a partir das ciências, mas a partir do sentido. Ainda segundo Rezende (1990, p.41), “é no mundo que o homem encontra sentido e é esse sentido que torna o mundo humano”.

Para Forghieri apud Silva (2008, p.57), “o mundo é um conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe; embora seja vivenciado com uma totalidade se apresenta ao homem sob três aspectos simultâneos, porém diferentes: o circundante, humano e o próprio”.

Para entendermos o mundo circundante, precisamos compreender que o homem está cercado por uma realidade que ele chama de ambiente. Esse espaço é composto de tudo que o homem entra em contato no seu dia a dia, ou seja, os outros seres vivos, a natureza, a cultura.

Enfim, o mundo circundante é composto por tudo que faz parte da vida humana. O homem sofre a influência desse mundo, mas também o influencia. Ele não está apenas condicionado a tudo que é imposto pelo mundo ao seu redor. Por suas vivências e consciência há uma relação de constante troca entre o ser humano e o mundo circundante.

O mundo humano é o mundo da convivência com outros seres humanos. Sabemos que o homem é um ser social, depende desde o nascimento do outro, entre os seres vivos, o homem é o mais dependente, nos primeiros anos de vida tem total necessidade do outro ser mais experiente, depende do outro para comer, para aprender a andar, falar e se relacionar com o próprio mundo. Embora diferentes e até complexos, os seres humanos tem a capacidade de agregar-se e viverem em harmonia, vamos encontrar nos grupos humanos mais primitivos essa necessidade de estar unidos, justamente pela semelhança. O estar presente na vida do outro, torna o mundo humano rico do ponto de vista relacional.

No mundo circundante, o homem tem no seu contexto o ambiente e todos os seus desafios, principalmente quando pensamos na natureza e em algumas situações a sua imprevisibilidade. No mundo humano, o que encontramos a priori, é a cordialidade própria da semelhança.

Sabemos que, no mundo humano, há conflitos, e podemos citar até filósofos como Maquiavel e Hobbes que apresentam o lado obscuro do humano, como a vingança, a inveja, a destruição do outro. Mas, mesmo assim, podemos encontrar como ponto ainda muito mais forte a necessidade humana de viver em paz. A busca pela paz e pela sobrevivência são concepções extremamente importantes no mundo humano. Vamos encontrar inúmeras situações onde muitos deram a vida pelo seu semelhante e por um ideal.

O mundo próprio é estabelecido, a partir da relação do homem consigo mesmo. É na relação com o outro e com o meio que o ser humano se descobre. É, a partir dessa relação, que ele descobre as semelhanças e diferenças com tudo que o cerca e consegue perceber de fato quem ele é. É um descobrir-se a partir do outro e do mundo. É no mundo próprio, que o ser humano se descobre como sujeito, como aquele responsável pelas suas ações. Ele tem uma identidade que o diferencia de todos os outros semelhantes.

Nessa relação consigo mesmo, o ser humano vai se descobrindo e esse autoconhecimento permite uma interferência diferente no mundo. Esse ser humano, através do autoconhecimento é capaz de perceber com mais precisão as diversas realidades que o cerca inclusive as de tempo e espaço. Ele utiliza esses conhecimentos, o ontem, o hoje e o amanhã, para modificar determinadas situações e tomar as suas próprias decisões, enfim, ele é livre e responsável pelos seus atos.

Nada é mais humano que a liberdade de escolher, só o ser humano pode fazer essa escolha com total consciência e liberdade, pois tem no seu mundo próprio a certeza e a riqueza da sua existência, da sua identidade, do seu conhecimento de si, do outro e da natureza.

3.2 Fenomenologia da Religião

Muito já se escreveu sobre a Fenomenologia, a favor ou contra, buscando as suas potencialidades e muitas vezes apontando as suas fragilidades, ela sempre aparece em discussões acadêmicas. Mas como entender o fenômeno senão pela Fenomenologia? Será que a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Etnografia dão conta, em especial, quando o fenômeno é religioso. Levando em consideração que, todas essas ciências vêm se debruçando sobre as religiões, o historiador e fenomenólogo romeno Mircea Eliade apud Prandi (1999, p. 55) afirma:

Um fenômeno religioso só será tal se for entendido em seu próprio modo de ser, isto é, estudado em escala religiosa. Girar em torno do fenômeno religioso por meio da filologia, da psicologia, da sociologia, da economia, da linguística, da arte etc., significa traí-lo e deixar escapar justamente o quid único e irreduzível que contém: o seu caráter sagrado.

Ainda segundo Prandi, se reconhece que o fenômeno não acontece isolado, ele acontece, por exemplo, no processo histórico, não está separado da história, “mas o que importa, porém, é considerá-lo em si, naquilo que ele tem de irreduzível e original”. (1999, p.55). A Fenomenologia nos convida ao desafio do conhecimento profundo das coisas, em tempos de superficialidades, respostas prontas e rápidas. A proposta de buscar o significativo, o original, quem sabe até as causas primeiras chega a ser instigante e até mesmo investigativo.

A porta de entrada da Fenomenologia é a busca pela compreensão da experiência humana em sua essência, essa experiência se apresenta na vida, no cotidiano. É no dia a dia da escola, no planejamento aula a aula do professor, no contato diário com os alunos que a sua vida e a sua ação e prática se manifestam e se tornam visíveis. É a tentativa de compreensão

do ponto de vista de quem vive a experiência que se manifesta que enxergamos o chamado fenômeno, e a Fenomenologia ganha o seu sentido.

As Escolas Fenomenológicas se desenvolveram ao longo da História baseando em diferentes vertentes, holandeses, alemães, noruegueses, romenos e tantos outros, foram construindo a Fenomenologia que herdamos até hoje.

Do ponto de vista histórico a expressão “Fenomenologia da Religião” tem como referência para a sua criação o holandês P.D. Chantepie de la Saussaye, titular da cadeira de História das Religiões na Universidade de Amsterdã a partir de 1878. Para um estudo sobre as chamadas correntes clássicas da pesquisa fenomenológica da religião, Klaus Hock apresenta a divisão tradicional em três grupos:

A Fenomenologia da Religião Descritiva descreve e classifica fenômenos individuais, um representante deste grupo é o próprio la Saussaye, a Fenomenologia da Religião Tipológica pesquisa grupos inter-relacionais de fenômenos em cuja base podem ser distintos e categorizados diferentes tipos de religião, um de seus representantes é C.P. Tiele e por fim a pesquisa da Religião Fenomenológica no sentido mais estrito analisa a essência, a estrutura e o significado do fenômeno religioso, seus representantes mais importantes são, Van der Leeuw, Heiler e Eliade. (HOCK, 1999, p.72).

Em meio as correntes e pesquisas para uma Fenomenologia da Religião, percebe-se a influência de uma fenomenologia filosófica e aí se apresenta a grande marca do pensamento de Edmund Husserl (1859-1938). Sabemos que a grande marca dessa fenomenologia está no “voltemos às coisas” num esforço anti-metafísico e realista de investigar as realidades que nos circundam, captando, graças à suspensão de juízo (epoché) e a capacidade intuitiva do pesquisador, a sua essência (visão eidética)”. (PRANDI, 1999, p. 30).

Edmund Husserl trouxe um novo sentido a um termo que já tinha sido colocado por outros pensadores, não é fácil pensar a Fenomenologia, em especial do ponto de vista filosófico, mas o termo fenomenologia na nova concepção de Husserl:

Se autodenomina ciência dos fenômenos, isto é, ciência que investiga aquilo que aparece ou que se mostra a consciência em todas as suas significações possíveis. Dessa forma, o fenômeno (Erscheinung) deixa de ser considerado convencionalmente como aquilo que aparece apenas no seu aspecto exterior, e como um objeto da nossa experiência sensível, da forma que foi entendido nas concepções de Aristóteles, a Kant. (GOTO, 2008, p.64).

Diferente da filosofia antiga e até moderna, o próprio conceito de fenômeno ganha um novo sentido em Husserl, segundo Goto o fenômeno “é tudo aquilo que aparece ou surge no

campo da consciência como algo puro e absoluto, não existindo nenhuma mera aparência nem sendo um aparecimento objetivo”. (2008, p. 65). Reforçamos que na sua etimologia, a palavra Fenomenologia está relacionada à descrição e ao discurso, significa descrever tudo que aparece. A sua característica descritiva reforça a ideia da presença marcante dos fenômenos em nossa sociedade, e diante da sua aparição a obrigatoriedade da descrição, compreensão e da interpretação.

3.3 Educação e Fenomenologia

A educação faz parte do processo de crescimento do ser humano. Desde os tempos mais antigos não há como negar a sua presença, desde o momento em que os humanos foram se agrupando, passando conhecimentos, tendo a necessidade de deixar algo para os que chegariam depois, sentimos a presença do processo educacional. Ela, a educação acontece em todos os momentos.

Quando assistimos os documentários dos mais diversos, sobre culturas antigas, porém vivas, notamos que nos grupos indígenas especialmente, junto ao adulto executando alguma tarefa está sempre uma criança ou mesmo várias aprendendo algo que vai ser útil em um futuro próximo. O momento chega a ser ritual, pois o adulto precisa encontrar uma forma de passar o conhecimento teórico e prático acerca da atividade que vai ser desenvolvida. Cada grupo se prepara para a mesma atividade de forma muitas vezes extremamente diferente.

Sabemos que não devemos nos prender apenas ao que é utilitário no processo educativo, mas reconhecemos que são esses conhecimentos que farão a diferença na vida. As futilidades, o entretenimento o que aprendemos em meio à diversão e em meio a boas gargalhadas é importante, é precioso, mas nem sempre é o que conta em meio aos desafios diários. Por isso, reconhecemos no processo educativo a totalidade.

Durante o nosso dia, aprendemos e ensinamos várias coisas, porém o que fica de fato é o que vamos utilizando, o que não, se perde pelo caminho. Há um pensamento antigo que diz: “que devemos aprender de tudo um pouco, pois tudo que aprendemos é valioso para nós e para os outros”. Não é nosso propósito uma História da Educação, mas é importante ressaltar que processo educativo está na sociedade e é ele muitas vezes quem identifica essa sociedade:

A educação aparece, sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à Pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor. (BRANDÃO, p.26, 1993).

Quando pensamos em sociedades antigas, a cidade de Esparta é sempre uma referência, pois toda educação de Esparta era voltada para a guerra, as mulheres precisavam ser fortes e eram educadas valorizando o corpo, a força, pois precisavam parir guerreiros, crianças fortes, para desde cedo suportarem em seus corpos o terror da batalha. Crianças saíam cedo de casa, deixavam seus lares para aprenderem a arte do ataque e da defesa no campo de batalha deveriam estar preparados para viver e também para morrer.

Assim, todos os grupos humanos, por mais antigos que sejam, tiveram na comunidade meios que lhe pareceram adequados, para formar, ensinar os seus membros, buscando a permanência, na luta pela eternização.

As danças e ritos tradicionais de muitas culturas sofreram e sofrem com os processos de aculturação ou mesmo pela força, quando das situações de invasões e guerras. Mas percebemos que em meio às dificuldades o que é possível, quando é possível, muito é resgatado e devolvido ao grupo, num processo contínuo, se educa inclusive, como forma de resistência.

Dos grupos mais antigos, ou mesmo os mais novos, educação é muito mais que passar conhecimento, ao outro. É fazer com que o outro não esqueça quem é e valorize tudo que foi feito. Diante dos preconceitos religiosos, da força da indústria farmacêutica e das facilidades das farmácias populares, as rezadeiras ou benzedadeiras continuam o seu trabalho nas cidades do interior e nas periferias dos grandes centros. Passando os seus conhecimentos, realizando curas a partir de uma espiritualidade tradicional e ancestral, utilizando ervas medicinais tradicionais da Cultura Indígena e Africana junto com orações da tradição Cristã Católica, elas muitas vezes são escolhidas em detrimento do posto de saúde e medicina tradicional. Educação é também resistência aos modelos impostos, sobretudo, por quem tem mais poder econômico, é uma presença muitas vezes silenciosa, porém eficaz.

Muitos sempre pensam em educação no espaço escolar, mas sabemos que a educação está muito presente também onde não temos escola. O grande espaço da educação em si é a própria vida. Onde sabemos que há transferência de conhecimentos, de saberes, ali está a educação. Ela penetra os diversos espaços sociais com a função de tornar a vida mais fácil, de

dar respostas a uma infinidade de perguntas que surgem diariamente, enfim de apresentar soluções. Mais uma vez, não vamos nos deter, ao utilitarismo dos processos educativos, mas sabemos que faz a diferença.

Muitas vezes em sala de aula o nosso aluno deseja saber o porquê da obrigatoriedade de um determinado conteúdo, já que, na profissão que ele deseja seguir, aquele conteúdo não fará a menor diferença. A educação é um bem valioso para qualquer povo, em qualquer momento histórico. Falar sobre ela mesmo que de forma simples a partir do chamado senso comum, nos inspira, por sabermos da sua força no cotidiano das pessoas.

A educação tanto formal como a mais informal possuem um aparato próprio que permitem o processo de ensino-aprendizagem. No seio da escola o processo baseia-se, na proposta pedagógica, nos conteúdos, nos métodos, nas estratégias e nas avaliações. A Fenomenologia enquanto conhecimento teórico-metodológico vem para nos permitir um acesso e um entendimento do fenômeno. Do que aparece. A Educação pode ser vista e compreendida enquanto um fenômeno. Há um lugar para a Fenomenologia quando pensamos em educação, na escola, no professor, nos alunos e todos que fazem parte do processo e do universo educativo.

A Fenomenologia busca os sujeitos no seu cotidiano, é na vida que o fenômeno se apresenta, ele deve ser observado a partir das relações entre seres humanos. A escola é ricamente um espaço relacional, é onde as pessoas se encontram diariamente, é por excelência o lugar do humano, onde as pessoas se apresentam buscando mostrar o seu melhor. Observar a escola em sua riqueza, na sua diversidade, nas suas fragilidades e potencialidades, nos seus detalhes, é aguçar os sentidos, é abrir um espaço de reconhecimento para as mais diversas manifestações fenomenológicas.

O rigor teórico e metodológico da educação é também vivenciado na Fenomenologia então, a partir da reflexão de muitos educadores e fenomenólogos é possível uma contribuição da Fenomenologia a Educação. É possível adentrar nos espaços educacionais de forma investigativa buscando os temas próprios da educação, bem como as suas práticas, em especial a prática do professor. É possível compreender e interpretar a educação a luz da Fenomenologia. Ela pode ser um caminho para os que buscam entender a educação, principalmente a partir dos desafios que são colocados hoje. O espaço escolar vem se tornando um lugar das grandes indagações. Os elementos constitutivos da escola representam a própria sociedade e os seus conflitos. E a compreensão desse espaço é importante como resposta para a própria sociedade.

A Fenomenologia pode contribuir com a educação a partir da “dimensão pedagógica” do seu método. (REZENDE, 1990, p.17). Ao buscar o conhecimento do fenômeno é preciso descrevê-lo, mas não descrevê-lo de qualquer forma, há um modelo para isso, são várias etapas que vão permitindo adentrar ao fenômeno e ir revelando-o passo a passo.

De acordo com Resende a preocupação da Fenomenologia é “dizer em que sentido há sentido, e mesmo em que sentidos há sentidos. Mais ainda, nos fazer perceber que há sempre mais sentido além mais daquilo que podemos dizer”. (1990, p.17), A Fenomenologia é discursiva e descritiva. Quando apresentado o fenômeno, ele precisa ser visto na sua totalidade, há uma estrutura do fenômeno que é o que permite o seu conhecimento. Tendo como referência, a proposta do Antônio Muniz Resende de que o fazer Fenomenologia tem um teor pedagógico, seguiremos a partir da perspectiva, que o fenômeno se mostra no discurso. Para melhor compreendermos o fenômeno, vamos buscar ajuda no discurso e para isso a preocupação com a descrição do fenômeno é fundamental. O que ele chama de discurso descritivo:

É um olhar abrangente do fenômeno, pois, sem a descrição não existe uma possibilidade da percepção do mesmo. Então, a atitude descritiva e o discurso a ela correspondente decorrem da volta “às próprias coisas” para redescobri-las num encontro original, anterior a todas as informações fornecidas pelas fontes secundárias, e que, por isso mesmo, devem ser postas entre parênteses. (RESENDE, 1990, p.18).

Em uma perspectiva didática o autor enumera as seguintes características do discurso descritivo que nos permite chegar ao fenômeno. O primeiro é ser significativo, ou seja, apresentar-se em todos os seus aspectos, para que seja reconhecido enquanto fenômeno, para que os diversos sentidos e os vários significados apareçam. A descrição precisa ser pertinente, não deve omitir nenhum dos aspectos que realmente integram a estrutura significativa do fenômeno, mas por outro lado não deve correr o risco do reducionismo ou mesmo do fenomenismo, que seria valorizar um aspecto em detrimento do outro e valorizar todos os aspectos sem haver um discernimento fenomenológico. A relevância é outra característica interessante do discurso, pois está relacionada à sua história.

É no acontecimento que é sentido emerge como fenômeno. A seguinte característica da descrição fenomenal diz que ele deve ser referente, ou seja, isto deve ser entendido no sentido do estabelecimento de relações tanto no interior da estrutural fenomenal, como entre a estrutura e seu contexto. Deve ser provocante, reunir o homem e o mundo, deve colocar em evidência o sentido como sentido para o sujeito. Por último deve ser suficiente, isto não quer

dizer que seja completa ou acabada. “O discurso humano é necessariamente inacabado, porém precisa ser suficiente para que se entenda a complexidade da estrutura fenomenal”. (ibidem, 1990, p. 18-26).

Diante da força do discurso percebemos que a grande caminhada da Fenomenologia é pela compreensão, se adentra ao fenômeno para melhor compreendê-lo, mesmo sabendo que não é possível a totalidade dessa compreensão. Adentramos para buscar o sentido. Para o entendimento da própria natureza do fenômeno. Como do símbolo, nas suas duas dimensões, o visível e o invisível, o concreto e o abstrato e em seus mais variados sentidos. Não podemos esquecer que o discurso passa pela dimensão da interpretação. É preciso interpretar o que foi descrito. O fenômeno é concreto, está relacionado ao vivido, ao percebido. Mas como há uma complexa rede de significados é necessário o processo interpretativo que garanta na medida do possível e não de uma maneira arbitrária o conhecimento do fenômeno. Ainda para Rezende, “Interpretar é analisar um fenômeno como se analisa um texto. Para a Fenomenologia, o texto em questão é o discurso cultural da humanidade, a compreensão que os homens vão logrando alcançar de sua própria existência” (1990, p.30).

Enfim, ao nos depararmos com a interpretação, a hermenêutica, vamos descobrindo que ela é muito mais que a arte de interpretar textos, descobrir sentidos e significados, decodificar símbolos. Vamos nos encontrar com a própria essência da vida, já que, em todo momento, somos convidados a ler e reler a nossa própria história. Se toda leitura requer e exige uma interpretação essa talvez seja o grande desafio do ser no mundo. Ler, reler, interpretar, fazer e refazer os textos da própria vida. Quando encontramos cada estudioso percebemos o compromisso com o seu tempo, com as problemáticas vigentes e o desejo de oferecer pistas para uma “verdadeira” interpretação. Um diálogo permanente com o seu tempo foi o caminho escolhido de forma sábia e humilde, por muitos, inclusive Paul Ricoeur.

Diante do fenômeno há uma necessidade de compreensão e consequente interpretação. O professor Rezende, nos apresentou uma caminhada pedagógica de se adentrar ao fenômeno, de se chegar a ele. Para ele, enquanto método, isto é, procedimentos que percorre etapas e visa um determinado objetivo, ele desenvolve um discurso descritivo que exige as características que já vimos anteriormente: ser significativa, pertinente, relevante, provocante, referente e suficiente. Sabemos que do ponto de vista teórico-metodológico nenhum referencial deve ser absolutizado e com a Fenomenologia não poderia ser diferente. Há uma total compreensão dessa realidade. Buscamos o fenômeno, mas a plenitude deste conhecimento não é possível, pela multiplicidade de sentidos.

A educação é um excelente objeto de estudo, atualmente ela passa por todas as mudanças que a própria sociedade passa e é um grande reflexo da sociedade em transformação. Por isso, enquanto objeto de estudo está mais enriquecida por esses novos elementos. É possível analisar a educação e consequentemente os elementos que a compõe: a escola, alunos, professores e técnicos do ponto de vista fenomenológico, pois os elementos são vivíveis, se mostram. A escola é o grande espaço da vida, há inúmeros sujeitos e diversos significados. Há, sobretudo, o discurso que precisa ser interpretado.

Para Maria Aparecida Bicudo:

A Fenomenologia pode contribuir com a educação por que como método de investigação, fundamenta procedimentos rigorosos de pesquisa, mostrando de que maneira tomar a educação como fenômeno e chegar aos seus invariantes ou características essenciais para que as interpretações possam ser construídas, esclarecendo o investigado e abrindo possibilidades de intervenção no campo da política educacional e da prática pedagógica. (1999, p.12).

Trabalhar com a educação é está diante da realidade, com todo o seu potencial, é reconhecer que cada situação educacional é única, bem como cada escola vive a sua especificidade, e o interessante é buscar justamente isso, a escola, o professor, o aluno e a realidade inerente de cada um, reconhecendo o potencial do fenômeno que está naquela realidade.

A Fenomenologia pode ser uma referência para capacitar o profissional da educação no seu trabalho diário, como auxilia o pesquisador a reconhecer o potencial fenomenológico desse mesmo trabalho. Principalmente quando nos deparamos com as práticas pedagógicas do professor e da própria escola. Ainda segundo Bicudo, “ao trabalhar fenomenologicamente no âmbito da educação escolar, a postura é de buscar pelo sentido e pelo significado do que se faz e do que se escolhe”. (p.13, 1999). Já vimos que a Fenomenologia não impõe uma verdade teórica, nem metodológica ou mesmo ideológica, sua busca é pelo real vivenciado pelos sujeitos e a partir da realidade vivenciada nos aprofundamos no fazer desse sujeito e nas suas escolhas. Mas uma vez reforçamos a Fenomenologia atende a escola e a quem estuda a escola.

O objetivo primeiro da Fenomenologia é o próprio fenômeno, por isso é o estudo sistemático do que aparece, do que se mostra. São as perguntas feitas ao que se mostra que torna rigorosa a investigação fenomenológica. Mas uma vez quando afirmamos que é possível ver a educação sob o olhar da Fenomenologia é porque compreendemos a importância do

trabalho desenvolvido por Husserl e tantos outros teóricos da fenomenologia. Ainda segundo, Maria Aparecida Bicudo:

É possível estudar a fenomenologia enquanto abordagem para a educação na perspectiva de três vertentes: 1) na concepção da realidade e do conhecimento, e como aparecem na prática pedagógica 2) nos procedimentos de investigação de temas educacionais e 3) na práxis pedagógica. (1999, p. 44).

Para entendermos a concepção proposta pela estudiosa é necessário que se reconheça a educação como um objeto passível de ser conhecido e estudado mediante as suas representações. Precisa ser conhecido em detalhes, para que se possa a partir dele, organizar inclusive as atividades educacionais. Nessa perspectiva, aluno e professores são sujeitos, vistos como parte integrante do mundo da escola e do próprio fenômeno. Na concepção de atitude natural, são vistos como objetos naturais, fazendo parte do mundo físico, como já foi dito. A relação entre aluno e professor é sem dúvida a base das relações interpessoais e sociais, é a chamada relação eu-Outro.

Reconhecemos toda força afetiva, cognitiva e de caráter psicossocial que envolve essa relação. Na prática pedagógica, o encontro entre professor e aluno é mediado por uma série de realidades, que envolve todo o processo ensino-aprendizagem e até mesmo a avaliação. A educação sempre acontece visando metas, cada bimestre, cada semestre, tem uma temporalidade e ao final do processo os objetivos devem ter sido atingidos.

O professor, o aluno, enfim toda a escola precisa está inteirada dessas metas para que todos caminhem com o mesmo objetivo, toda atividade escolar é pensada previamente, para que ao longo do processo todos saibam qual o seu real papel. Reconhecendo-se dentro do processo, ao final, a educação atinge o seu alvo, a sua meta e o processo flui de forma significativa para todos.

3.4 A prática pedagógica no dia a dia da escola

Como já foi dito o olhar fenomenológico é um debruçar-se sobre a vida, então quando pensamos em Fenomenologia e Prática Pedagógica mais uma vez o nosso olhar se volta para dentro da escola e como é possível assumir o método no processo educativo, mas também nos deparamos com o próprio fenômeno que se apresenta das mais diversas formas no cotidiano da escola.

Lembramos que o universo escolar é extremamente rico e a escola se apresenta com uma série de possibilidades. Ela é um campo de estudo para a própria Pedagogia, a Psicologia, a Estatística e tantas outras incluindo recentemente a Ciência das Religiões. A religião também está presente na escola e enquanto fenômeno é sem dúvida um excelente objeto de estudo. Mas como perceber a presença do elemento religioso no cotidiano escolar, em meio a tantas outras manifestações, de ordem pedagógica, cultural, cívica, de saúde etc.?

A Ciência das Religiões nos convida a um olhar mais aguçado e também mais elaborado do elemento religioso na sociedade, sendo assim, ao nos debruçarmos sobre a religião analisando-a a partir da Psicologia, da História, da Filosofia, da Sociologia e da também Fenomenologia, reconhecemos a sua importância para a comunidade. A secularização e a laicidade não conseguiram tirar da religião a sua autonomia, nem a sua força social.

É perceptível, como a escolha de um líder religioso, por exemplo, representante de uma única religião, de um seguimento do Cristianismo atrai a atenção de várias partes do mundo e de outros seguimentos religiosos. E no Brasil, especificamente, mesmo com o enfraquecimento do Catolicismo, nós presenciamos os maiores canais de televisão transmitindo ao vivo, essa escolha.

De um modo geral, as mais diversas notícias sobre religião, interessa a sociedade e gera comentários nos mais diversos ambientes. Parece-nos que muitos dos discursos sobre o fim da religião estão muito distantes da realidade. Podemos até tecer nossas críticas e apontar algumas situações de contradição, mas ao final vamos ter que considerar o elemento religião como fazendo parte direta ou indiretamente da vida de muita gente. Se os modelos tradicionais estão sendo superados, mas outras manifestações religiosas acabam ocupando o lugar que antes se apresentava “vazio”.

Mais uma vez é perceptível a presença da religião no cotidiano das pessoas. A quantidade de programas religiosos durante todo o dia, a presença de canais de televisão e emissoras de rádio pertencendo a determinados seguimentos religiosos já é uma realidade. A religião não é mais vivida somente da perspectiva dos encontros aos domingos. O dia inteiro se tem contato com a religião e com um conteúdo religioso, em especial nas mídias.

A escola não está fora dessa realidade, se percebemos a presença desse conteúdo religioso massificado na sociedade, a escola é facilmente atrelada a essas instâncias de vivência, se não de uma prática, mas de uma constante presença de elementos que reconhecidamente são religiosos. Então, quando pensamos nos elementos que compõe o fazer pedagógico, a referência primeira é o professor e quem está diretamente ligado a ele, no caso,

a sua coordenação pedagógica. É a coordenação pedagógica, junto ao professor que pensa o fazer, o dia a dia da sala de aula, lógico, que o professor em sala de aula tem total autonomia para conduzir a sua aula da melhor maneira possível.

Estamos caminhando na realidade religiosa atual, na presença do elemento religioso na escola e na chegada desse elemento até em meio aos conteúdos, projetos, festas e na prática pedagógica do professor.

Para se compreender a prática pedagógica, é preciso conhecer o contexto onde ela é aplicada, ou seja, conhecer a escola, seus professores e sua proposta pedagógica que ao final se efetiva na prática do professor. A escola é uma instituição social e como tal é mediadora entre os diversos setores que fazem parte da sociedade. Pensar a escola é relacionar: família: a sociedade, a cidadania, a valores, ao conhecimento, a formação para o mundo do trabalho e formação para a vida. Quando falamos do professor entendemos a especificidade de cada ser humano; sua história, sua formação, suas crenças, seus valores éticos e morais o seu conhecimento.

A prática pedagógica leva em consideração todo esse contexto, em especial, a do professor, pois ele que está no “papel principal” do processo, quando falamos do conhecimento teórico-metodológico que envolve o processo educativo. Ele não é coadjuvante. Ele é o mediador, o facilitador, o que encaminha o processo. A prática pedagógica está relacionada em primeiro lugar a ele, porque o fazer é dele.

Sabemos que a formação escolar está direcionada a construção de saberes que são fundamentais para o crescimento intelectual do aluno, mas não só isso, a escola é responsável em formar também para a cidadania. A inclusão hoje, dos chamados temas transversais, demonstram essa preocupação com uma formação mais geral e ao mesmo tempo mais específica, pois trás para o dia a dia do aluno, temas que antes não eram tocados na sala de aula. Por isso, percebemos que houve uma necessidade de se rever a prática pedagógica tendo como referência as novas necessidades tanto da escola, como do aluno e do professor frente essas novas realidades.

Partindo desse pressuposto, entendemos a prática pedagógica como uma prática acima de tudo social e cultural, ela é um posicionamento diante da educação, diante da sociedade, diante de alguns valores e normas impostos até mesmo pela escola. A prática pedagógica de uma forma bem simples é fazer do professor em sala de aula, mas não um fazer por fazer. É um fazer teórico-metodológico, ele precisa dominar a arte da sala de aula e ao dominar a práxis da sala, o dar aula, concomitantemente o ser gente/professor vai se encontrando nesse imenso processo. A sala de aula é um espaço para um revelar-se, é nela que diariamente o

professor apresenta a sua forma de enxergar o mundo, a vida, a sociedade, a educação, a sua própria vocação, a sua religiosidade, a sua fé.

Segundo Guathier e Caetano, apud Maria Jovina e Maria Minteiro Ramos (2008, p.4):

A prática pedagógica exige além dos recursos de inteligência, os saberes do confronto contingencial, estes são mobilizados nas relações de sala de aula, mediados pela ética e consequentemente expresso no agir prudente. Sendo, assim, reforça-se a ideia que a prática não é feita só da teoria da educação ela vem imbuída de uma série de outros elementos que envolvem a ética e até as virtudes. A prática compreende um campo de ambivalências e conflitos no qual cada profissional se confronta consigo mesmo, com os alunos, com os colegas, com a comunidade escolar, com as normas institucionais (escolas e sistemas).

Percebe-se, a partir dos teóricos a riqueza e a complexidade da prática pedagógica. Ela é resultado, tanto do conhecimento adquirido pelo professor, no seu processo de formação, como também de tantos outros valores e conhecimentos adquiridos na sua própria vida pessoal, nas relações construídas ao longo da sua história.

Ao buscarmos compreender um pouco da prática na perspectiva da escola, do professor e até dela mesma. Retomamos ao olhar fenomenológico na educação, em que esse processo é tipicamente humano e busca o crescimento desse humano, em um espaço definido e também em um tempo histórico definido.

Na Fenomenologia existe uma rede de significados; o Ego, o outro, a verdade, a realidade do mundo-vida. Buscando apenas um desses significados encontramos a escola no mundo-vida. De acordo com Bicudo, o mundo-vida, campo universal das experiências vividas, é o horizonte em que sempre se está consciente dos objetos existentes e dos outros companheiros. No mundo-vida escolar estão alunos, professores e objetos culturais que sempre já estão dados à consciência de sujeitos que convivem nesse horizonte.

O professor, ao tomar consciência de todos os elementos que envolvem a sua prática, tem a riqueza de um fazer diferenciado. Um mundo da escola é rico em possibilidades e em sentidos, pois todos os que fazem a escola respondem por esses sentidos, há um lugar para cada um nesse espaço de aprendizagem e consequentemente de trocas. Onde todos ganham.

O espaço do fenômeno é concreto, a escola é concreta e todas as experiências tanto dos alunos como dos professores são concretas também. Diante dessa realidade do vivido, do experiencial, tudo que é vivido na escola tem um sentido para cada um que chamamos de sujeito. Aí um ponto, que não pode deixar de ser tocado é a reflexão enquanto elemento essencial para a prática pedagógica do professor.

O elemento reflexivo é o ponto chave da vida escolar do professor e precisa tornar-se uma realidade também para o aluno. Está sempre disponível para avaliar e reavaliar as suas ações enquanto professor faz parte dessa consciência reflexiva. Compreender a sua ação no mundo o seu fazer no mundo é próprio do professor que se compromete com o Eu e com o Outro, onde a sua prática é enriquecida pelas experiências do passado, atende as expectativas do presente e tem um olhar significativo para o futuro. O seu mundo é o mundo da escola, o seu fazer é um fazer na escola. Reconhecendo o eu e o outro ou os outros, o fazer na escola ganha um aspecto diferenciado dos demais.

Na escola, é significativo o fazer do professor, nós encontramos na memória da vida escolar de muita gente uma lembrança e uma importância dada a essa figura que participa intensamente da infância e da adolescência de muitos, por isso, é dada a ele uma atenção especial, é difícil encontrar alguém na lembrança dos alunos, que não seja o professor. Por isso, o seu fazer precisa ser significativo. Ter sentido para ele e para os demais que compõe o universo escolar.

3.5 A percepção do fenômeno religioso na prática pedagógica do professor

Já vimos anteriormente que quando falamos em Fenomenologia não estamos tratando de uma ciência que se preocupa com o conceito do exato, pois, o que ela busca é o rigor e não a exatidão do tipo presente nas chamadas ciências exatas. De acordo com Ildeu Moreira Coelho:

A fenomenologia, enquanto ciência eidética que descreve as vivências, os atos da consciência e seus correlatos intencionais, ou seja, essências da consciência, dos fenômenos em geral, e, portanto, realidades do tipo não-matemático, é por natureza inexata, embora possa e deva ser rigorosa. Essa inexatidão, entretanto, não é proveniente do acaso nem de uma suposta imperfeição do conhecimento, mas da natureza mesma de seu objeto. (COELHO, 1999, p.55).

Quando paramos e vemos, ao nosso redor, as riquezas que formam o universo do humano, percebemos as inúmeras possibilidades, mas também a sua complexidade. Então, no geral tudo que envolve o humano, envolve certa, complexidade. Quando afirmamos que a Fenomenologia não pode ser exata, é que, ao lidar com as intenções, vivências, com o próprio

do humano, não podemos pensar em nada pronto, acabado. Mas em algo em constante movimento e transformação.

O ser humano não é preciso, exato então, não podemos encontrar essas referências tão precisas, no seu mundo. Quando pensamos também nas ciências que tem como objeto de estudo o homem, não vamos encontrar nelas a precisão matemática, mas o rigor na busca da descrição do real. Retomamos a Fenomenologia e nos lembramos dos passos do discurso descritivo que precisa ser: significativa, pertinente, relevante, referente, provocante e suficiente. É o real que precisa aparecer da forma mais fiel possível para ser compreendido.

Diante dessa fidelidade ao real, o rigor fenomenológico se apresenta como necessário para que ao ser apresentado o fenômeno, essa presença seja também a partir de uma criticidade. A realidade precisa ser apreendida de forma crítica. Retirando dela toda a superficialidade, os preconceitos, os julgamentos.

É no reconhecimento de um fenômeno dos mais diversos, que podemos reconhecer um fenômeno de cunho religioso. Diante da diversidade de manifestações no ambiente escolar, como separar e trabalhar o fenômeno religioso na sua especificidade em um ambiente tão diverso. A primeira situação é que o fenômeno se mostra, e ao mostra-se ele é reconhecido. A partir disso, ele pode ou não tornar-se objeto de estudo para alguém, mas independente disso ele continuará presente, pois é fenômeno.

Como já vimos o ambiente escolar é rico em possibilidades e é nele que muitas das relações humanas mais profundas acontecem; amizades, amores, aprendizagens múltiplas, amadurecimentos. Vamos encontrar pessoas que passam toda a sua vida profissional em um mesmo ambiente, como vamos encontrar alunos que fazem toda a sua formação escolar antes do ensino superior em uma mesma escola. É impossível não valorizarmos as marcas desse ambiente na vida dessas pessoas.

Conforme o exposto, os sujeitos que compõem a escola, vem com papéis pré-estabelecidos: o aluno vem para aprender e o professor vem para ensinar. A missão em especial do professor sempre foi grandiosa demais para a sociedade, se lembrarmos nas cidades do interior no passado, as personagens principais seriam o juiz, o médico, o padre, prefeito e a figura do sábio, do intelectual seria a do professor, pelo menos um está na memória da cidade.

Diante das mudanças sociais, e dos papéis que os profissionais foram assumindo nos últimos anos José Carlos Libâneo coloca que:

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre promovendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino), que assegurem o encontro do aluno com o estudo. (LIBÂNEO, 1994, p.47).

É importante ressaltarmos o papel do professor, já que, reconhecemos a sua força na sala de aula, a importância dele nas séries iniciais, o modelo que é refletido diariamente na vida dos alunos. A partir desse quadro é fundamental uma outra afirmativa do autor:

Existe um compromisso social e ético do professor para com o seu aluno e afirma que: a sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classes, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. (1994, p. 47).

Na formação global do aluno, o professor também é responsável pelo conhecimento de cunho religioso. Se do ponto de vista dos conteúdos oficialmente ministrados não, do ponto de vista da sua liberdade em sala de aula, do seu livre fazer sim. É perceptível a presença de elementos religiosos no conteúdo diário de vários professores das mais variadas disciplinas. Quem tem uma proximidade com a educação ou um olhar mais atento vai perceber inicialmente, como a música vem fazendo parte dos chamados projetos pedagógicos.

A pedagogia de projetos que tomou conta das escolas paraibanas nos últimos anos vem favorecendo as diversas atividades que movimentam o dia a dia da escola. E todo projeto tem a sua culminância, ou seja, um dia para apresentações e avaliações. É nesse dia que a música, em especial a música “gospel” aparece nas diversas apresentações. Vamos encontrar a mesma música em escolas diferentes, mas em solenidades iguais. Como a formatura da antiga alfabetização, hoje primeiro ano. Essa formatura é um marco na vida da criança e da família, é um ritual de passagem moderno. Vamos encontrar a música religiosa também em projetos cujo tema remeta à ética, cidadania, família, amizade, enfim, em temas que estejam relacionados aos valores.

Para entendermos essa presença é importante encontrar no professor as motivações que o levam a escolher uma música em detrimento de outra. Com relação á

música gospel ela já faz parte do quadro musical das grandes gravadoras do país, e os seus sucessos estão nas rádios como uma música secular, ela entra na grade de programação dos programas musicais em qualquer horário. A presença hoje nas rádios populares é muito grande, sem falar que seus representantes entraram também na mídia nacional. Então, as crianças, os adolescentes e mesmos os pais conhecem essas músicas e são atraídos pelo forte apelo religioso e também emocional.

Outro momento importante para que o professor se utilize da religião são diante dos temas que podem ser usados dentro dos princípios éticos e morais. Em especial o Cristianismo, possui uma carga de valores e esses valores estão relacionados também a uma postura, a uma tomada de posição diante do mundo, a um comportamento considerado adequado. E nas aulas o professor trabalha uma série de situações que vão permitindo que esses valores se achem e melhore inclusive comportamentos em sala. Uma sala agitada, porque não fazer uma breve oração, cantar uma música que seja um sucesso nas rádios e que penetre nas mentes e no coração dos alunos? Percebemos a presença do elemento normalizador e disciplinador que as religiões assumiram ao longo dos tempos.

Para alguns professores, a introdução de versículos bíblicos a cada aula também é uma realidade. Muitos só colocam no quadro para que o aluno faça a sua reflexão depois em casa, mas naquele momento, ele cumpre a sua obrigação de trazer algo mais profundo para o aluno algo que para ele forme mais do que muitas vezes a família e a própria escola.

Muitos professores fazem questão de demonstrar a sua pertença religiosa a partir de posturas que os alunos reconheçam. Não participam de determinadas comemorações, não fazem uso de bebidas alcoólicas, não fumam, não dançam, são discretos no vestir-se, as mulheres são discretas no maquiar-se. E fazem questão de frisar que tudo está relacionado a essa pertença religiosa. Outro reconhecimento é a partir dos símbolos religiosos utilizados pelo próprio professor ou mesmo no ambiente da sala. Aí, incluímos em alguns casos toda a escola.

Há escolas públicas e privadas que ao irmos adentrando nos diversos ambientes que a compõe, vamos nos deparamos com os elementos religiosos de cada representação religiosa que faz parte da escola. A presença dos símbolos chama a

atenção, pela sua própria natureza, pela dimensão de carregar em si o visível e o invisível.

4 EM BUSCA DE UMA FENOMENOLOGIA DA EXPRESSIVIDADE RELIGIOSA

Nosso trabalho está inserido diretamente na realidade de dois grandes fenômenos; o primeiro é o da educação, o segundo é o fenômeno religioso. Diante dos dois, procuramos conhecer a presença do elemento religioso na escola, voltando o nosso olhar para o entendimento da expressividade religiosa, mas em um aspecto bem definido, ou seja, na prática pedagógica do professor. A nossa proposta caminhou pela chamada pesquisa qualitativa, e buscamos traçar esse percurso tendo como referência o rigor da Fenomenologia.

Apresentamos nos capítulos anteriores o quanto a Fenomenologia pode ser a referência teórica e metodológica para o entendimento do fenômeno educação e das outras realidades ou fenômenos presentes no ambiente escolar. Composta por inúmeros sujeitos, a escola é um ambiente rico para às mais diversas possibilidades da pesquisa acadêmica. No que diz respeito à expressividade religiosa, escolas confessionais e não confessionais, vivem a riqueza da pluralidade cultural e religiosa nos seus ambientes, em nossa realidade histórica, não há nenhuma novidade nisto, mas muitas vezes, uma situação específica salta aos olhos e faz com que um olhar mais atento, perceba que naquela situação, a investigação científica se faz necessária e então ela acontece.

Esse olhar diferenciado é importante, pois foge do senso comum, o olhar filosófico baseado na razão é um olhar crítico, um olhar científico, que é aquele que se dá através de instrumentos, técnicas e os recursos de observação, é um olhar mais atento, metódico. Eles fazem toda a diferença quando se deparam com o novo, com o elemento que se apresente diferente, que foge um pouco daquela realidade comum do cotidiano, é o encontro com o objeto, à razão de ser da pesquisa.

Mais uma vez, mencionamos a riqueza do ambiente escolar, e como essa riqueza também se abre para o estudo do fenômeno religioso que vem se tornando cada vez mais perceptível na escola, porém apresentando uma nova realidade, uma nova roupagem. Sabemos que o religioso sempre esteve na escola, em diversas fases, alguns momentos mais fortes, outros mais fragilizados, e no nosso momento histórico, assumindo uma nova realidade a partir da prática pedagógica do professor. Não podemos afirmar que existe uma nova expressividade religiosa, mas podemos afirmar que existe um novo professor. Que assume o seu “sacerdócio”, na perspectiva do homem novo, contemporâneo, onde a sua experiência religiosa é baseada na opção e não na tradição. Esse novo professor merece ser investigado. “Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um

problema na vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas”. (MINAYO, 2006, p.14). A percepção do sagrado, do religioso, a partir da presença do professor atualmente, não deixa de ser interessante, pois coloca na escola não o proselitismo, como antes, mas a liberdade de expressar uma experiência que é única, pessoal e que pode estar no ambiente escolar enriquecendo-o ainda mais em valores. A escola precisa ser plural, precisa ser de todos.

A pesquisa que envolve o fenômeno religioso é uma pesquisa exigente, por se tratar de algo muito caro para os envolvidos, quem vive uma experiência com o religioso e vem a ser objeto de estudo, para qualquer área do conhecimento, deseja que as suas experiências e vivências sejam abordadas de forma absolutamente verdadeiras e respeitadas. O desafio do estudioso é adentrar nesse universo e captar da melhor forma possível essa realidade tão única, tão própria.

Como já vimos anteriormente, não estamos tratando com o exato, o absoluto, mas com o que é mais humano, impreciso, o que não é mensurável, mas sentido. Diante dessa realidade, espera-se do pesquisador, uma escuta atenta e respeitosa. Mesmo que o pesquisador busque uma “neutralidade”, sabemos que ela não existe de fato, o máximo é um afastamento daquela realidade, um colocar-se de “fora” para ver melhor. Ver melhor a realidade de “um outro” homem, e quando falamos em homem, voltamos ao Bacon que lembrou que o ser humano enquanto objeto do conhecimento não pode ser tratado como coisa. Visualizamos o homem dentro de uma realidade maior. Daí a valorização da pesquisa qualitativa em detrimento da chamada pesquisa quantitativa, baseada em valores estatísticos, matemáticos e exatos. O reconhecimento do homem em sua totalidade marca o contexto de uma nova visão, diferente, para cada objeto:

Não pode deixar de ser constatada a necessidade de um novo paradigma para fundamentar disciplinas científicas atuais, que tomam o humano como objeto de investigação, tendo nele um ser situado no mundo, numa interação constante. Não a homem e mundo: há homem-no-mundo. Mais que um simples jogo retórico, falar de homem-no-mundo é falar de um ser que afetado na sua mundanidade, altera suas condições de existência no contexto em que vive. É falar do ser que, atribuindo significados, percebe-se no mundo que o modifica e é por ele modificado. Conceber a interação homem/mundo implica conceber uma ciência cujos objetos não estão aprioristicamente dados, mas são percebidos nessa interação, para o que se torna necessário abandonar a propalada neutralidade científica. (GARNICA, 1999, p. 108).

Encontramos esse homem religioso na realidade escolar, onde a sua presença tem uma marca histórica, cultural e social, ele não está descontextualizado. Vive uma realidade própria, a sua existência marca o ambiente e também é marcada por todas as experiências próprias dessa realidade. É importante ressaltar que o ambiente escolar é rico em trocas, numa visão da educação, enquanto processo de todos. A riqueza da aprendizagem não se limita ao aluno, mas a escola com um todo vive o processo educativo, ou seja, todos ensinam, como também todos aprendem. Temos então, uma visão do homem e da escola bem mais humanizados, enriquecidos do ponto de vista teórico mais também prático, na vida. A ciência e a pesquisa científica precisam também ser assim, quando o humano estiver no centro da investigação.

A escola e em especial o professor podem ser analisados a partir da abordagem qualitativa, pois diante do fenômeno que se quer compreender busca-se uma análise voltada para a qualidade. E essa qualidade passa pelo reconhecimento do homem como objeto diferenciado, bem como, pelo método escolhido, que deve atender as necessidades de quem pesquisa. O pesquisador está em busca de respostas, existe um problema e a pesquisa é o caminho para a obtenção dessas respostas, assim quando damos ênfase, ou escolhemos a natureza da pesquisa é porque a compreensão do fenômeno precisa chegar ao pesquisador e até aos demais interessados com o máximo de clareza. Ludke e André apud Garnica (1999, p.112,), apresentam o que chamam de características básicas da pesquisa qualitativa:

- 1-A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- 2-Os dados coletados são predominantemente descritivos.
- 3-A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
- 4-O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
- 5-A análise dos dados tende a seguir o processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.

A partir das características propostas pelos autores entendemos ainda mais o conceito de qualidade. O foco é o fenômeno e quando o fenômeno passa pelo humano, é muito mais valorizado. A relação pesquisador/pesquisado é colocada de uma forma diferenciada, pois o olhar do pesquisador é para o homem e não para a coisa. Todo o processo é importante e não

só o fim com a comprovação das hipóteses levantadas, mais que isso, não existe a absolutização das hipóteses, elas podem ser comprovadas ou não durante o processo, na pesquisa outras verdades fluirão e serão aceitas por fazerem parte da construção que permite o conhecimento do fenômeno.

É importante ressaltar que a pesquisa qualitativa trata do fenômeno. Trata do que aparece e cabe ao pesquisador cuidar desses dados em todas as etapas da pesquisa. Percebemos também a importância da descrição, lembramos que a Fenomenologia é descritiva. E, quanto mais descrito mais o fenômeno se torna compreensível e passível de ser interpretado. Conhecer as características da pesquisa qualitativa nos permite adentrar ao fenômeno e, sobretudo, estudá-lo a partir de procedimentos pautados em uma ciência mais humanizada e menos tecnicista. É buscar uma visão mais abrangente de toda uma realidade que é absolutamente humana.

Valorizando as diversas etapas que compõe a pesquisa se busca a qualidade na investigação e um conhecimento satisfatório do fenômeno. Quando se propõe uma pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico busca-se segundo Husserl “ir às coisas mesmas”, sem pré-julgamentos, sem teorias a priori, a própria *Epoché*. A Fenomenologia busca o esclarecimento do fenômeno, atendendo a todos que buscam esse esclarecimento não de forma ingênua e superficial, mas os que têm como premissa a capacidade do questionamento. Ainda segundo Garnica:

Fenômenos nunca são compreendidos sem que sejam inicialmente interrogados: disponíveis na percepção são questionados e, na perspectiva fenomenológica, qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo. O questionamento põe-nos em frente ao manifesto, em atitude de abertura ao que se mostra, na intenção de conhecer, própria da consciência. O fenômeno, assim, é sempre visto contextualizadamente. (1999, p.117).

É importante lembrar que a Fenomenologia, segundo vários autores, está diretamente relacionada à investigação e a descrição do fenômeno. Dai a importância, ao separar o fenômeno que se quer estudar, buscar a compreensão no próprio discurso dos sujeitos. A interpretação, a sua essência, tem como base a descrição. Para Garnica:

O que é dito na descrição aponta para a vivência do fenômeno que se quer compreender, e a compreensão desse fenômeno fica tanto mais clara quanto maior for o esforço de perscrutá-lo em análises. É a trajetória cujo itinerário

é dado pela busca “às coisas mesmas”, iniciado pelo movimento de epoché, no qual o fenômeno é posto em suspensão, quando o pesquisador se despe de referenciais teóricos prévios. (GARNICA, 1999, p.119).

Diante do espaço escolar, do fenômeno religioso que se manifesta e de todas as dimensões que envolvem o ser humano, em especial o professor, que não dissocia, a sua religiosidade da sua prática educativa. Entendemos o quanto o processo educativo permite essa abertura para as diversas situações da vida humana. Na sua relação diária com os alunos e demais membros da escola, o professor não é só intelecto ou conteúdo, ele é pessoa, é ser no mundo.

Compreender a prática educativa do professor é compreender a pessoa do professor em primeiro plano. É chegar até ele, sem preconceitos. A busca pela verdade que a Fenomenologia propõe é um chegar-se respeitando o homem/professor como um todo, por isso, a descrição é parte fundante para o que se quer compreender, é a fidelidade ao que no texto está dito, é conseguir penetrar no que há de profundo. Se esse processo é sempre inacabado, já que o texto por si só é rico em possibilidades, há por parte do pesquisador a abertura, a disponibilidade e a humildade de aceitar essa realidade com parte integrante da pesquisa:

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem. (BICUDO, 2000, p.14).

Ao definir-se o objeto e/ou sujeito da pesquisa é importante entrar no seu universo para a coleta de dados, muitas vezes a fase mais complexa de todo o trabalho, pois como já foi dito, ao entrar no universo do sujeito, o pesquisador busca o conhecimento do fenômeno, a verdade sobre o fenômeno. É a partir do que ele encontra ou não, que as suas interrogações farão sentido, as suas hipóteses serão quem sabe comprovadas. Por isso, a obtenção de dados na pesquisa fenomenológica é algo tão importante.

É pela qualidade dos dados obtidos que se abre espaço para o passo seguinte que é a descrição. Sabemos que o sujeito vai expor o que faz sentido para ele, é a sua realidade, o seu universo de significados. Interessa ao pesquisador/fenomenólogo, “ir às coisas mesmas” chegar ao fenômeno sem nenhuma interferência, sem nenhuma “leitura”, conceitos ou ideias anteriores, pois diante do sujeito está o que vai ser relatado, descrito. Chamamos a atenção

para o que é de valiosa importância na Fenomenologia que é a descrição. Porém não podemos deixar de enfatizar que, para Bicudo:

A investigação fenomenológica não se reduz a descrição. Ela trabalha com os dados fornecidos pela descrição e vai além, analisando-os e interpretando-os com critérios de rigor. A tendência de investigadores não fenomenólogos e que trabalham com descrição é permanecer na atitude natural e olhar as coisas como conteúdos distintos, por princípio, dos fenômenos e manifestações, buscando comparar a descrição com a coisa descrita, para obter a validade ou falsidade de uma afirmação. (2000, p. 74).

O sujeito é a razão de ser da investigação fenomenológica, ele é que dá sentido a tudo que vem a posteriori. É ele quem relata e descreve o que sente, o que vive, enfim o seu mundo. A descrição segue o que é dado pelo sujeito, e o seu objetivo é a compreensão o que é investigado. Por isso, para Bicudo, a descrição é muito mais que uma técnica para se extrair dados, “como trabalhada pelo fenomenólogo, ela é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamento e avaliações. Apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem” (2000, p.77). A linguagem é rica em possibilidades e interpretações, mas diante do ouvido de forma até mesmo exaustiva, o discurso, o texto vai ganhando um sentido possível através dele, chegar ao mundo do sujeito. E assim, chegar ao fenômeno.

É importante o conhecimento, de que a pesquisa foi realizada com um grupo de professores, que ao longo da minha experiência pessoal de mais de vinte anos como professora nos diversos segmentos educativos, me chamaram atenção, por terem na sua vida pessoal e na prática pedagógica, assumido uma postura diferenciada frente às pessoas, aos alunos, a escola e até a própria comunidade. Professores que fizeram da sua experiência religiosa não uma bandeira dentro do espaço escolar, mas com uma prática diferente a partir dos seus princípios religiosos foram reconhecidos e até mais respeitados no seu ambiente de trabalho. Reconhecemos que existem outros princípios que também podem levar o professor a uma prática pedagógica diferenciada, os princípios éticos, por exemplo, mas por tratarmos especificamente da religião em nosso trabalho, esse foi o nosso foco.

Em uma sociedade onde o discurso e a prática nem sempre estão em sintonia, esse diferencial é importante e é visto por todos que o vivenciam. Reconhecemos que nos diversos espaços educacionais, onde atuamos, esses professores foram tão marcantes, que foram “resgatados” nessa pesquisa, alguns inclusive já estando aposentados. Os sujeitos depoentes,

que formam o grupo de entrevistados, incluem professores do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, com vasta experiência em sala de aula, conforme quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Participantes das entrevistas

SUJEITOS	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO E TEMPO DE ATUAÇÃO	INSTITUIÇÃO	RELIGIÃO
RBA	Licenciada em Matemática	Professora de Mat. – 27 anos de atuação	PRIVADA	CATÓLICA
EMSM	Licenciada em Geografia	Professora de Geo. - 22 anos de atuação	PÚBLICA	CATÓLICA
JMV	Licenciada em Letras	Professora de Ing. 26 anos de atuação	PRIVADA	CÁTÓLICA
MFSJ	Licenciado em Hist.	Professor de Hist. 12 anos de atuação	PRIVADA	EVANGÉLICA
IBP	Licenciada em Letras	Professora de LP 25 anos de atuação	PÚBLICA	EVANGÉLICA
JVP	Licenciado em Mat.	Professor de Mat. 14 anos de atuação	PRIVADA	CATÓLICO
GFAC	Licenciada em Letras	Professora de Ing. 27 anos de atuação	PRIVADA	CATÓLICA

Fonte: Produção da autora, 2013.

Ao optarmos pelo método fenomenológico para a pesquisa, também optamos para a análise dos dados a Entrevista Fenomenológica. As entrevistas foram agendadas, com antecedência, a partir da disponibilidade de cada um, local e data também foram escolhidos a partir dos professores, alguns preferiram o espaço mais aconchegante, como a sua casa. Buscamos através do questionário, nortear a entrevista, mas trazendo novas situações para que a fala do professor fluísse. Para a entrevista, tivemos um número maior das que foram gravadas e transcritas, mas recebemos também o texto escrito a partir da opção do entrevistado, porém seguindo o mesmo questionário. Os professores tiveram a liberdade de retomar novamente algumas questões, caso achassem necessário. Na transcrição, os professores serão reconhecidos pelas iniciais do nome. As questões norteadoras estão no quadro2 a seguir.

Quadro 2 – Entrevista semi-estrutura

1-DADOS DE IDENTIFICAÇÃO: Nome, Formação. Atuação Profissional, tempo de atuação, Religião.
2-QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA (explícita) *Qual o significado e importância para você da religiosidade na sua prática pedagógica? *Como você vivência religiosidade e educação no seu dia a dia? *Para você, qual o sentido e o seu projeto de vida na educação? *Para você, ser professor hoje está mais relacionado a um chamado (missão, vocação) divino ou a um processo de formação docente? *Qual a relação entre a sua vida pessoal, sua religiosidade e sua prática pedagógica? *Como a sua religiosidade aparece no seu cotidiano na sala de aula com os seus alunos?
3-QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA (implícitas) *Como é a experiência de ser professor/educador hoje? *Como os alunos recebem o conteúdo religioso nas aulas? *Quais as dificuldades e percalços que você percebe ao expressar a sua religiosidade no ambiente de trabalho?
4-AVALIAÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO

Fonte: Produção da autora, 2013.

É sabido que o método fenomenológico é para pesquisa onde o centro da experiência é o humano, na perspectiva do seu mundo vivido e experiencial. Entramos em contato com ele, através das descrições dos sujeitos que viveram a experiência do fenômeno que está sendo ou pode ser estudado. É interessante que a crítica a Fenomenologia vem sempre a partir da sua tão famosa subjetividade, pois acostumados com uma ciência dos fenômenos da natureza, não se reconhecia uma ciência da experiência, assim a descrição é tão importante, já que é ela que vai colocar o pesquisador em contato com o que o sujeito experienciou, viveu.

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador sai em campo com as dúvidas e não com as hipóteses, por isso que ele interroga o sujeito para obter respostas para essas dúvidas. Quando interrogamos vamos em direção ao fenômeno enquanto experiência do sujeito, assim cada professor interrogado abriu as portas para o mundo do fenômeno. O que importa é a experiência vivida no mundo, no dia a dia da pessoa, para nós o dia a dia do professor na sala de aula.

Para análise dos dados, optamos pelo método proposto por Amadeo Giorgi, bastante conhecido no campo da pesquisa, por partir das descrições por escrito dos entrevistados. Busca-se o fenômeno, através, das unidades de significados que estão contidas nas descrições. Seu método é baseado em quatro passos que são: leitura geral da descrição, sentido do todo, discriminar as unidades de sentido, síntese das unidades de sentido. Na perspectiva do método proposto, o Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva, em seu trabalho de mestrado, trouxe a contribuição de Comiotto. Vamos analisar os nossos dados, seguindo o modelo final proposto pelo Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva (2004, p.41-42) que é o da junção dos dois métodos do Giorgi e da Comiotto. Os seis passos do método para a análise das entrevistas gravadas e depois transcritas são:

- 1- **Coleta de informações verbais:** é a coleta dos dados obtidos através das entrevistas gravadas e depois transcritas, mas também a partir das respostas dos questionários.
- 2- **O sentido do todo:** é o momento do ouvir a entrevistas por diversas vezes, ler as transcrições, buscando a experiência narrada, no nosso caso, pelo professor. É o buscar o sentido do fenômeno com um todo.
- 3- **Discriminar as unidades de significado:** é o momento de dividir o texto em unidades com o enfoque no fenômeno. Esta divisão/fragmentação tem como objetivo o adentrar do pesquisador no fenômeno. É o impregnar-se intuitivamente pelo fenômeno para que ele, o pesquisador, possa captar a essência. No texto, as unidades de significado são separadas e discriminadas com um travessão. Nesse momento a fala do sujeito é respeitada na íntegra.
- 4- **Transformação das unidades de significado em linguagem do pesquisador:** é o momento do pesquisador ter o foco da sua pesquisa, o seu objeto. Tendo as unidades de sentido, ele parte para uma análise mais profunda, de cunho científico, hermenêutico e fenomenológico. É o momento de entrar no texto em busca das essências. É preciso conhecer o sujeito, para compreender os significados da sua fala e assim conhecê-lo com mais profundidade.
- 5- **Síntese das estruturas de significado:** é o momento de buscar as essências a partir da descrição harmoniosa das entrevistas, tendo em vista, o fenômeno que é experienciado, vivido, pelo sujeito. A síntese busca, como já dissemos, a essência do fenômeno. Sintetizar é unificar os insights, que estão nas unidades de significados.

- 6- **Dimensões fenomenológicas:** elas estão relacionadas aos elementos significativos que permitem que a essência do fenômeno apareça, está diretamente ligada ao objeto que se quer investigar. É buscar tudo aquilo que faz parte do fenômeno buscando chegar a sua essência. Esses elementos significativos permitem que as essências se mostrem.

A partir dessa breve apresentação do método e da nossa proposta de análise das entrevistas transcritas, fomos buscar a religiosidade presente na prática pedagógica do professor. Das onze entrevistas feitas, optamos por trabalhar especificamente com sete, a partir das riquezas contidas nessas falas, não descartamos, nem desvalorizamos as demais, mas essas sete foram de uma singularidade ímpar pela força contida no falar, no se expressar, no expor o seu mundo de professor que vive a sua religiosidade no ambiente escolar, através da linguagem. É possível entrar no mundo do sujeito a partir da sua expressividade, da sua linguagem oral e também escrita. Através da linguagem o sujeito revela-se, se mostra e nesse momento ele permite a entrada do pesquisador no seu mundo vivido.

Seguindo o processo de análise, das sete entrevistas selecionadas, nós encontramos cento e dezenove unidades de significados, retiramos quarenta e dois pontos de convergências, separamos seis dimensões fenomenológicas e chegamos inicialmente a duas essências. Diante da força da linguagem, da expressividade do sujeito, sabemos das inúmeras possibilidades e riquezas contidas nas falas, mas reconhecemos as nossas limitações enquanto pesquisador e do próprio tempo disponível para a pesquisa do mestrado.

Assim, a seguir apresentamos as duas essências com as respectivas dimensões a cerca do significado da religiosidade na prática pedagógica do professor. Ressaltamos que os nossos quadros estão bastante simples, pois procuramos ao máximo chegar a um entendimento fácil por parte do leitor. Lembramos ainda, que todo processo é um vai e volta de leituras e escuta das entrevistas. Essas escutas e leituras foram feitas de forma repetitiva, até exaustiva, buscando o que é real e verdadeiro para o sujeito, buscando também uma escuta respeitosa para que a verdade contida nas falas aparecesse de fato, que se mostrasse. Reforçamos que o objetivo primeiro da Fenomenologia é o próprio fenômeno, o estudo do que aparece, do que se mostra. Ela está diretamente ligada à investigação e a descrição do fenômeno. Assim, nos propomos a apresentar e comentar, de forma breve, as falas de cada depoente.

4.1 O professor enquanto ser religioso

Durante as entrevistas, o norte foi sempre o professor e a sua religiosidade, para isso, as análises nos levaram as sucessivas reduções e as mesmas nos colocaram diante das essências. O nosso objeto, o professor religioso e a sua prática, foi aparecendo e dando uma forma, um rosto, ao nosso texto. A construção textual não é fácil, mas dentro da proposta fenomenológica percebemos que essa construção vai acontecendo de forma simultânea, às etapas estão interligadas, conectadas mesmo, facilitando assim, o entendimento do objeto de estudo, permitindo que essa aproximação interpretativa aconteça. Lembramos que interpretar é também entrar no mundo do sujeito e apresentá-lo para outros. É adentrar no universo de vivências e experiências desses nossos sujeitos.

A interpretação também se fundamenta nas percepções que são delineadas ainda no campo das entrevistas. O professor, enquanto ser humano é completo nas suas diversas dimensões, quer sejam, físicas, emocionais, psíquicas e espirituais. Diante da essência: o professor enquanto ser religioso, nós buscamos situar o nosso texto a partir das três dimensões fenomenológicas que são: 1) a religiosidade como elemento fundante da prática pedagógica, 2) a religiosidade dá sentido ao projeto de vida na educação, 3) a religiosidade se apresenta na prática pedagógica cotidiana. Vejamos o quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Essência: o professor enquanto ser religioso	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO – UNISIG
1-A Religiosidade como elemento fundante da prática pedagógica	1, 14, 27, 38, 45, 65, 79, 80
2-A Religiosidade dá sentido ao projeto de vida na educação	7, 18, 30, 39a, 51, 66a, 83
3-A Religiosidade presente na prática pedagógica cotidiana	2, 3b, 9, 10, 13, 15, 22, 23, 24, 27a, 27b, 34, 35, 38, 38a, 38b, 43, 43a, 44, 58a, 59, 68, 69, 71, 74, 75, 86a, 90, 93, 96

Fonte: Produção da autora, 2013.

4.1.1 A religiosidade como elemento fundante da prática pedagógica

Ele põe no meu coração para eu decidir, idealizar, sonhar. Ao ponto de chegar, e por muitas vezes, eu estou dormindo e Ele simplesmente me enviar músicas, me enviar ideias para que eu possa desenrolar no dia a dia com os alunos. (UNISIG-85)

Ao nos depararmos com a presença do elemento religioso no ambiente escolar a partir da expressividade religiosa do professor, vamos adentrar em um universo complexo, pois a religiosidade, ou mesmo as religiões, sempre trouxeram alguns desconfortos para determinados ambientes. Por isso, que nós conhecemos a máxima que diz; religião, futebol e política não se discutem. Mas, nós entraremos nesse espaço, não a partir de críticas e julgamentos, mas para conhecer esse professor, a partir da sua fala, da sua vivência e experiências no cotidiano da escola. O professor vai nos apresentar o seu mundo vivido e como essa religiosidade é princípio na sua vida.

A religiosidade é mais importante que o próprio conteúdo. Essa percepção fica clara, na fala da professora de matemática, que diariamente tem a liberdade de falar com os alunos sobre o evangelho. Por estar em uma escola confessional, a leitura diária do evangelho e a sua partilha é uma realidade, mas se torna mais forte pela religiosidade da própria professora:

A minha religiosidade na prática pedagógica é fundamental e acho que vem acima do próprio conteúdo, porque assim, a gente lida com pessoas, com alunos. Então, você tem, você pode está passando a sua espiritualidade. A que eu tenho, a que é minha, é a espiritualidade católica, que é a presença de Jesus e de Maria. (UNISIG-1).

A religião de uma forma geral é o veículo que permite ao homem o encontro com o transcendente, para alguns, com o sagrado. A própria origem do termo religião, enquanto religare, nos remete a esse encontro. Para a professora de Geografia, a religiosidade na sala de aula é importante por que permite ao aluno essa relação com o transcendente:

É importante pela perspectiva da própria religião no sentido da palavra, da possibilidade da religação do ser humano com Deus. Eu acredito que a religião é muito importante no processo ensino-aprendizagem por que também oferece ao aluno essa possibilidade dessa relação com o transcendente. (UNISIG-14).

Para os cristãos das diversas confissões, os ensinamentos evangélicos se fazem presentes como norteadores da vida, em seus diversos âmbitos. Assim, a profissão, o espaço do trabalho, também é contemplada com essa presença. Para a professora de inglês, a palavra de Deus está no dia a dia com os alunos:

A importância da religiosidade na prática pedagógica, eu vejo no seguinte aspecto: no dia a dia, na convivência com a palavra, eu procuro está sempre dentro do contexto religioso. O que fala a cada dia a palavra, segundo o evangelho e na minha simplicidade eu tento colocar isso na prática com os meus alunos. (UNISIG-27).

A partir do mundo vivido, do mundo circundante, cada sujeito vai sendo gestado e o seu olhar diante do mundo também. Para o professor de História, religião e a ética estão intimamente relacionadas, pois para ele a religiosidade tem a função de formar cidadãos:

Em primeiro lugar, a importância que tem é o seguinte: é que a religiosidade tem a função de formar o cidadão, a gente não pode pensar a religiosidade no sentido apenas como um ato isolado, fora do cotidiano, então a religiosidade faz parte do ser humano na sua essência também, então, por exemplo, se na religião você aprende a ser uma boa pessoa, então, fora daquele ambiente religioso, você continua dando continuidade a isso. (UNISIG-45).

A religiosidade sempre é vista como um caminho, como uma oportunidade para um aproximar-se de Deus. Muitos professores acreditam que é importante sempre, que é oportuno, está apontando os princípios religiosos para os alunos:

Eu entendo por religiosidade uma aproximação pessoal com Deus. É buscar respostas para um melhor entendimento da vida, uma seta. É perceber que o ser humano é maior que as instituições, espaços feitos de concreto. É um lugar onde se sente bem. (UNISIG-65).

Vivenciar a sua religiosidade em sala de aula é pôr a disposição dos alunos, além dos conhecimentos adquiridos no campo acadêmico, é apresentá-los a conhecimentos adquiridos, em outros espaços, ou seja, na igreja ou grupo frequentado, como também conhecimentos

mais elaborados como a própria Teologia. Percebe-se, nos professores, a necessidade de formar mais que a de informar. Há outra urgência, que não os resultados acadêmicos, e essa urgência, é a de formar um ser humano melhor:

Primeiramente em tudo que faço procuro reger-me pelos valores que acredito. Tenho Deus como norte e um educador por excelência para copiar. Jesus é exemplo de primeiro educador, a prática pedagógica não pode está longe da proposta de Deus. (UNISIG-97)

Para a professora de português, a religiosidade é importante no dia a dia para dar um direcionamento. O ambiente escolar atualmente vive com todos os conflitos de uma sociedade que está fora dos seus muros, mas as problemáticas através dos alunos chegam a escola. A escola recebe os conflitos familiares, a violência das ruas, a presença das drogas, os abusos sexuais, os espancamentos, tudo isso, contra crianças e adolescentes. Enfim, a escola acompanha muitas dores:

E em meio a tantas situações, você se vê ali, colocando a sua religiosidade ou a sua crença de alguma forma. Respeitando lógico, o direito e a fé de cada um. Mas, você se vê nessa, nessa, quase que na obrigação de trazer para o aluno, o sentido da vida, de dar um objetivo diferenciado, abrir os olhos, orientar, ainda que ela (a religiosidade), nem seja mencionada. (UNISIG-38a/38b).

4.1.2 A religiosidade dá sentido ao projeto de vida na educação

Manifesta-se naquilo que eu tenho aprendido, por exemplo, amar o próximo, essa é a regra básica. Então, o meu aluno que não tem interesse em aprender ou que demonstra que não está interessado na minha disciplina ou que não tem empatia comigo, eu preciso cuidar dele da mesma forma que aquele que desenvolve uma empatia. Eu preciso amar não só aquele que me ama, mas preciso amar também, aquele que não me ama. (UNISIG-58/58a).

Quando falamos em educação no Brasil hoje, pensamos em muitas dificuldades, em João Pessoa, não poderia ser muito diferente. Os desafios são quase que os mesmos. Nas falas de todos os entrevistados, fica claro, que a educação atual é desafiante em diversos aspectos, inclusive quando se trata da violência que circunda muitas escolas. Para muitos seria até interessante, deixar a educação, mas eles permanecem, estão em espaços que muitos não gostariam de estar. Para eles, a religiosidade é a força que impulsiona para continuarem acreditando na educação como elemento transformador da sociedade:

Meu projeto de vida na educação não é só o conteúdo como falei, porque hoje em dia tem até, como escutei esse ano, tem aluno que me pergunta se sou professora de religião, aí eu respondo: não sou professora de religião, mas sou religiosa. Meu projeto é assim: é continuar a minha profissão junto com a religião, junto com a espiritualidade, que é difícil, mas não impossível. (UNISIG-7).

Essa integração entre sentido e projeto de vida na educação se faz de maneira tão forte para alguns, que para os professores que vivenciam essa realidade, só há uma verdade, que é a de ensinar:

Meu projeto de vida na educação se realiza a cada dia. Eu acredito que ele só vai ter fim no momento da minha passagem mesmo, porque em tudo que eu faço, eu penso nos meus alunos. Então, os acontecimentos, o que eu leio, o que eu vejo, o que eu sinto sempre, o que eu escuto, sempre, sempre, eu procuro relacionar com a vida dos meus alunos. Não me vejo fazendo outra coisa, a não ser educar. Eu me realizo plenamente em sala de aula, digo que a sala de aula é o meu céu e os meus alunos são as estrelas. (UNISIG-18/18b).

A busca por uma sociedade melhor, a partir de princípios religiosos e éticos estão presentes nas falas de vários professores. Há um desejo de humanizar o ser humano, e muitos professores acreditam que é parte importante nesse processo:

É isso que busco no meu projeto de vida, que cada um melhore a cada dia, como ser humano. Mesmo que não venha a entender tanto daquele conteúdo, no qual eu estou projetada ali, que é o meu ofício, mas que ele se torne uma pessoa melhor a cada dia, porque o mundo está aí, precisando de amor, de dedicação de pessoas que não só tenham conteúdo. (UNISIG-30).

A professora de português IBP enfatiza que:

O professor deve formar o ser humano, trazer essa formação de cidadão, desse homem capaz de tomar as suas próprias decisões, está lá, centrada numa valorização mesmo da pessoa. Oportunizar para que ao aluno vá além. E que ele busque as suas conquistas ali, conquiste aquilo que almeja, mas que também permita o crescimento do outro. (UNISIG-39/39a).

Diante da ausência da família em muitos aspectos na vida dos filhos, a escola vem ajudando os alunos em espaços de decisões que era quase que exclusivamente da família. As situações, como escolha de uma profissão, era antes de tudo uma decisão pensada, e analisada em família. Hoje, percebe-se muito a influência dos amigos e da escola nessa escolha:

O sentido é basicamente você ser um cooperador, o professor é um cooperador nesse conhecimento. Ele pode despertar no aluno a área que o aluno vai trabalhar. O professor é aquele que vai despertar o aluno para o conhecimento. A satisfação de ver um aluno seu dentro de uma universidade, fazendo o que ele gosta, ou mesmo seguindo a carreira que você apontou para ele, a gente se sente muito grato. E essa é a parte que não se paga financeiramente, essa satisfação ele não é pago por isso, é uma questão particular, uma realização pessoal. (UNISIG-51).

Mais uma vez uma a força do educar está na fala do professor. A ausência da família em muitos aspectos trás essa urgência. Por isso, muitos professores assumem o papel que é da família, ou seja, tentam educar integralmente o seu aluno:

Eu não acredito que haja outro caminho que não a educação. Por isso, a mudança é natural, em especial, quando se trabalha com crianças e adolescentes e seus conflitos. A educação é sempre um processo de transformação. (UNISIG-66a).

É perceptível que para muitos professores o sentido e o seu projeto na educação passa pela sua religiosidade, pela sua fé, pela sua vida com Deus. Para a professora de inglês, educar é colocar os talentos a serviço de Deus e de forma habilidosa e sutil fazer uma parceria com o Espírito Santo:

Educar é compromisso, favorecendo não somente ao intelecto, mas favorecendo ao íntimo da alma em função do amor a Cristo. É exatamente o que eu acredito também, que é propor uma vida diferente, que não é só voltada para a forma conteudista. (UNISIG-83).

4.1.3 A religiosidade se apresenta na prática pedagógica

Os alunos percebem que eu tenho atitudes e essas atitudes, essa postura naquilo que eu, às vezes, silêncio, naquilo que eu falo, naquilo que eu oriento. A religiosidade se faz presente de forma indireta, pela minha prática, pelo meu testemunho, por aquilo que eu demonstro através do meu ser, no fazer pedagógico, eles percebem a religiosidade. (UNISIG-22).

O cotidiano escolar é rico em possibilidades, é nele que o professor diariamente vive a sua prática pedagógica. Essas diversas ações que compõe o ano letivo, permite que o professor se mostre a alunos, colegas de trabalho e pais. O professor entra em sala com todas as suas fragilidades e potencialidades, mas, sobretudo, com a sua religiosidade. Ela se faz presente no seu fazer pedagógico, muitas vezes, mediando conflitos, aconselhando:

É, aparece muito na hora do evangelho, na partilha do evangelho. Ali tudo é partilha, então aparece muito nesse momento. Aparece, às vezes, quanto tem uma intriga entre eles, quando a gente escuta uma discriminação, alguma coisa entre eles. Então, você vai, e você, já assim, sem querer, quando ver, está mostrando para eles o lado da espiritualidade, como o lado de Deus, de Jesus, mostrando que Deus não quer isso. (UNISIG-9).

A religiosidade se faz presente, na prática de muitos professores que reconhecem nela, uma ferramenta a mais para lidar com as realidades e dificuldades do dia a dia. Porém, para muitos ela é o reflexo de um viver a fé, a sua fé:

Refletindo sobre a relação da minha religiosidade em sala de aula, eu me baseio muito assim, no evangelho e na figura de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Uma das coisas que mais me fascinava era o olhar de Jesus sobre as pessoas, é muito forte no evangelho que Jesus viu. Então, eu procuro sempre

na sala de aula, observar o que é visível aos olhos. Observar aquele que está muito calado, aquele que está triste, aquele que está preocupado, aquele que está angustiado, aquele que está com medo, aquele que está infeliz e me aproximar, ir ao encontro, ver e ir ao encontro. E também eu me espelho muito na figura de Nossa Senhora. Para mim, Maria era alguém que observava com olhar maternal. Então, Maria é aquela que, acolhe, afaga e abraça cada aluno. (UNISIG-23/24).

A sala de aula é o espaço por excelência do professor e do aluno. Ele é construído, a partir de uma relação de compromisso, competência e respeito:

Eu procuro tudo que eu aprendo no meu cotidiano religioso, tudo que eu aprendo, tudo que eu vejo de importante, que pode trazer uma grande influência de melhoria de vida passar para os meus alunos. Eu procuro colocar em prática sempre, se eu olho uma frase, alguns exemplos de vida, eu sempre trago buscando o melhor para a vida de cada um. Eu sempre trago o Pai Nosso em inglês. E isto serve para disciplinar, para concentrar e não deixa de ser uma oração e uma oração nunca se perde. (UNISIG-34).

Para a professora de português IBP, a religiosidade no dia a dia se sobressai, pois ela é instrumento, é mediadora de conflitos:

Em situações simples do dia a dia, no encontro com os alunos, como atitudes de rebeldia ou de agressões, ou de atitudes mesmo ilícitas, desonestas, você se ver constantemente trazendo a reflexão, fazendo com que o aluno lembre, com que ele reflita. Perguntando: se feriu? Se magoou? Qual seria a postura? Há aquele discurso mesmo, aquela permanente insistência de trazer a harmonia e conviver em paz. E a gente acaba trazendo isso, de forma natural, mas que está sempre presente, sempre reinando. (UNISIG-43).

Na prática diária há uma busca de viver a fé através do respeito ao outro. Ensinar a partir de princípios, sem ofender o aluno e aquilo que ele crer ou não. Esse é o olhar do professor de História:

Eu procuro falar isso de uma forma que seja respeitosa, então o aluno vai entender não pelo aspecto religioso em si, mesmo ele sabendo qual é a minha religião, qual seja a minha prática religiosa. Ele vai entender que o

que eu quero passar para ele é o bem. A gente não vai impor para ele uma fé particular, mas um princípio, que é muito mais relevante que uma fé particular. Ele vai entender que estou ensinando a ele um princípio como: amar o próximo, ser honesto, ser justo. (UNISIG-59) .

Para o professor de matemática na sua prática diária estão: orações, reflexões, testemunhos e projetos pedagógicos:

Na prática insiro as reflexões, essas reflexões, são reflexões de vida e muitas vezes acabem funcionando como um divã de um psicólogo. Tudo isso vem de forma muito natural, eles só estranham na primeira aula, ficam sem entender, sem compreender, mas com o tempo eles pedem isso. Qual a mensagem de hoje? O senhor não vai fazer? Isso tudo independente de religião e mesmo os que se dizem sem fé, acolhem. Há trabalhos com livros, projetos pedagógicos e momentos de oração. (UNISIG-72).

Em vários momentos das entrevistas o elemento religioso presente na prática religiosa tem um caráter normalizador, está relacionado à disciplina e a organização da sala de aula:

Com os alunos ao iniciar a aula com mensagens de reflexão, louvores e orações que influenciam de forma positiva, favorecendo a tranquilidade para uma boa absorção do conteúdo e um nível melhor de concentração. Com o projeto “Ao Mestre com Carinho”, eu comecei a trabalhar e a reforçar o que eu já fazia em sala de aula, que eu sempre entro fazendo orações, cantando, apago a luz, faço relaxamento. Até porque, isso evita que eu fique reclamando, chamando atenção, falando alto. E eu apago a luz até para justamente ir normalizando a turma e mostrar que a gente precisa ter um tempo na vida, um momento que a gente possa falar com Deus, para que a gente possa melhorar a forma de pensar na nossa vida para as coisas fluírem. (UNISIG-96).

4.1.4 Compreender a religiosidade do professor: um processo hermenêutico

A hermenêutica se relaciona com a necessidade de compreensão das coisas e das pessoas com as quais nos relacionamos na vida cotidiana. (Ricardo Napoli)

Nas Ciências humanas adentrar ao texto, ao que foi escrito, captar o que queria ser dito é uma tarefa constante, assim, entrar em contato com o processo hermenêutico junto as Ciências da Religião através da Fenomenologia não é uma tarefa fácil, mas reconhecemos ser extremamente necessária, pois o cientista das Ciências Humanas e, em especial, o cientista da religião deveria se considerar um hermeneuta por excelência, pois não se pode adentrar um texto, ao que foi descrito de qualquer maneira, não se pode olhar o que foi descrito, sem o devido zelo por quem falou e porque falou. Sabemos que todo texto tem um contexto, então, todos precisam estar atentos ao seu redor, pois tudo isso, está relacionado as pessoas e ao seu cotidiano. Esse cotidiano para nós é a escola, o mundo no qual o nosso sujeito, o professor está inserido, o mundo que para ele é significativo, pois muito da sua história, dos elementos que compõe essa história, está diretamente ligada ao seu espaço de trabalho.

Ao buscarmos um entendimento da religiosidade do professor, dessa presença da fé no seu cotidiano escolar, através da Fenomenologia, abrimo-nos para um processo interpretativo e hermenêutico. Esse olhar nos coloca diante de um texto, mas não de um simples texto, um escrito qualquer, mas nos deparamos com a riqueza da vida. Ao trabalharmos uma descrição, ela nos coloca diante de muitos desafios, o primeiro, é o da fidelidade. O manter-se fiel ao outro, a fala do outro, o mundo do outro, ao sentimento do outro. Essa é sem dúvida, a grande tarefa do pesquisador que trabalha com sujeitos que são tão fortes e não “meros” personagens da ficção. A Fenomenologia propõe o conhecimento do sujeito em seu mundo e a escola é esse mundo de inúmeras possibilidades e interpretações.

Ao nos depararmos com a hermenêutica vamos descobrindo que ela é muito mais que a arte de interpretar textos, descobrir sentidos e significados, decodificar símbolos. Vamos nos encontrar com a própria essência da vida, já que, em todo momento, somos convidados a ler e reler a nossa própria história e a do outro. Se toda leitura requer e exige uma interpretação essa talvez seja o grande desafio do ser no mundo. Ler, reler, interpretar, fazer e refazer os textos da própria vida. Quando buscamos o outro, o texto do outro, nós vamos nos dando conta da riqueza do encontro. Nas entrelinhas contadas pelo outro, podemos encontrar as linhas da nossa vida, da nossa história. Por isso, que no processo de descrição nós nos tornamos tão próximo do outro, nos tornamos tão íntimos. Ao contarmos a sua história vamos fazendo parte dela, nós vamos entrando em cada escola, em cada sala de aula, conhecendo alunos pelo nome, vamos descobrindo as alegrias e tristezas do fazer do outro.

Pensando na perspectiva proposta por Paul Ricouer, podemos ver, por exemplo, que um texto expressa o pensamento e é por ele que o fazer é dito. O discurso e a ação são fixados através da escrita. Transformar pensamento em palavras é um processo natural próprio do que é humano, só o humano tem essa capacidade, pois, se expressa através da fala e esta se transforma em escrita. O homem usa a palavra para revelar-se ao mundo, apresentar-se, anunciar-se. É através desta mesma que há um encontro com o outro e a comunicação é firmada. A escrita tem a função de fixar o que é pronunciado, perpetuar o dito e referenciar o autor. O compromisso da Hermenêutica de Ricouer é, sobretudo, uma hermenêutica antropológica centrada na pessoa humana onde se busca o reconhecer-se na história, no mundo. Buscar saber quem sou? Quem nós somos? Conhecer-se e conhecer o outro para compreender o mundo em que vivemos.

O compromisso da Fenomenologia também é com o sujeito. Através da fala que é transformada em texto escrito, nós vamos conhecendo e reconhecendo cada sujeito, cada professor no seu campo de atuação, cada fala resgatada através do processo de leituras e interpretações nos coloca dentro de uma vida que não é a nossa, mas que somos tragados, atraídos por ela. Por ser rica, por ser real, por ser única e verdadeira. Por nos colocar em um campo tão delicado, quanto o espaço da fé, da religião e da expressividade dessa religiosidade própria desse sujeito.

4.2 O Professor enquanto ser pedagógico

Quando agrupamos as unidades de significado, configuramos as dimensões e separamos essa essência: o professor enquanto ser pedagógico, foi perceptível que esse professor reconhece a sua ação docente, a força do ato de ensinar e principalmente a sua função social. Foi percebido também, que em nenhuma das falas aparece a negligência ao conteúdo formal. Há, em especial, com os que continuam em sala de aula, mesmo após a aposentadoria, um compromisso com os conteúdos, se não houvesse, esses professores teriam problemas com os pais dos alunos e com a escola.

Em muitas das falas, fica claro que não acontece problemas externos a sala, pelo contrário, são elogiados pelo trabalho desenvolvido, tanto por pais como pelos membros da escola. Há uma integração, a ação pedagógica, a sua prática, se faz junto com a experiência religiosa desse professor. Lembramos que as unidades de significados são fragmentos das entrevistas, do texto descrito, que tem como enfoque o fenômeno a fim de captar as essências. As dimensões também fazem parte de processo de redução e o objetivo é chegar à essência do fenômeno. E por fim, a própria essência. Chamamos de essências tudo que se refere ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa. Por isso vamos fragmentando, até chegar “às coisas mesmas”. Como já foi visto, nós identificamos as unidades de significado nos relatos dos professores pelo número, como está no quadro, mas identificamos também os professores pelas iniciais e pela sigla da disciplina que ele leciona. Acreditamos que isso, valoriza a experiência partilhada. Dando continuidade aos relatos apresentamos a segunda essência e suas respectivas dimensões fenomenológicas no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Essência: o professor enquanto ser pedagógico

DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO - UNISIG
1-Ser professor: missão, vocação, mas também profissionalização.	5a, 7, 7a, 8a, 19, 20, 31, 36, 40, 41, 41a, 42a, 53, 54, 63, 68, 70, 85, 87, 88
2-Ser professor: vida pessoal, religiosidade e prática pedagógica.	8, 21, 32, 42, 55, 56, 57, 71, 89, 90, 91
3-Ser professor: percalços, dificuldades e recompensas da religiosidade no contexto escolar.	11, 12, 22, 33, 33a, 44, 44a, 44b, 60, 61, 62, 62a, 62b, 76, 77, 93, 94, 95

Fonte: Produção da autora, 2013.

4.2.1 Ser professor: missão, vocação, mas também profissionalização.

Ser professor não é só profissão é missão. Apesar dos desafios é prazeroso. (UNISIG-6b).

Muitos professores agregam no seu dia a dia as três dimensões: vocação, missão e profissionalização. Mas para o homem religioso, como diria Mircea Eliade no seu livro ‘O

Sagrado e o Profano’, ele sacraliza o seu cotidiano, então a sua profissão, é escolha divina. Há nela a presença do sagrado:

Não, não é uma profissionalização só docente, claro que entra o profissional, mas o projeto de vida, não sei, se eu projetei, mas Deus me deu, é que foi assim. São 27 anos nessa profissão, nessa missão de ser professora. Acho que Deus me deu esse caminho, foi o caminho que Deus passou para mim que é uma missão. É uma missão mesmo que eu tenho de ser mãe e de ser professora. (UNISIG-7a).

Ser professor é uma missão que não acaba nunca. Só tem fim na hora da nossa passagem. O professor tem sede de ensinar. Essa fala é compartilhada por muitos professores, assim como a professora de Geografia EMSM, muitos sabem da importância do ato de ensinar:

Eu me senti chamada a ser professora no Ensino Médio. Eu senti um profundo desejo de ensinar. Ensinar Geografia porque eu tinha um desejo muito grande de compreender o mundo em que a gente vive, compreender as relações da sociedade com a natureza, conhecer as culturas, conhecer os países, então, eu senti inicialmente um chamado e a minha resposta foi uma missão. Mas nós não podemos desatrelar esta vocação, esta missão a profissionalização. É necessária formação permanente, formação contínua, a constante busca do aprender, do novo. Então para mim, passa pelas três dimensões. (UNISIG-20).

Ser professor é uma vocação, mas todo ser humano tem uma missão. A minha é dar o melhor para os meus alunos. É o que Deus espera de mim. Afirma a professora de inglês:

Para mim, o meu trabalho acima de tudo creio eu, que é uma vocação, mas eu acho que cada um, cada ser humano nasce com a sua missão, tem algum projeto de vida, todos tem. É isso que eu procuro a cada dia: o que eu estou fazendo aqui? O que é que Deus tem para minha vida? O que é que eu posso dar de melhor? O que Ele espera de mim, para com os meus alunos? Então, está muito uma coisa relacionada com a outra. Mas é isso que eu sinto, primeiro a vocação, mas também a missão é muito importante. (UNISIG-31).

Ser professor/educador nos dias de hoje é um grande desafio. É Buscar viver a vocação para cumprir a missão. É árdua, mas é prazerosa:

E hoje eu acredito que ser educador hoje é ter a missão de resgatar, de salvar muitas pessoas, muito jovens, muitos adolescentes, porque é você conseguir ter com eles, momentos ímpares, que nem mesmo a família tem, de poder mostrar para eles esse outro lado, é poder trazer o sentido de forma mais humana. Sim, você tem que se sentir vocacionado, tem que sentir esse desejo, ter vocação para cumprir a missão. Algo que faz uma diferença muito grande na vida de qualquer profissional, qualquer área da sociedade. (UNISIG-40) .

A presença da religiosidade é perceptível a partir de olhar de cada professor. Na fala do deles fica claro que: “os talentos são muitos, ele vem de Deus, e por isso não podem ser desperdiçados”, devem ser utilizados a serviço do aluno:

Eu dava aula de reforço para os meus colegas. Então eu percebi que tinha essa habilidade, descobri que eu gostava de falar e falar em público, aí eu pensei logo, na questão de ser professor. Então eu acho que é uma questão de habilidade de você descobrir o que você gosta e ao mesmo tempo encarar como uma missão. Eu vejo sim, porque o talento natural eu vejo como dom de Deus, cada pessoa tem um talento diferenciado por isso cada profissão tem a sua importância, então se Deus me deu esse talento, porque eu não posso usá-lo, porque eu não posso favorecer o outro. Então, não é só talento, não é só aprender, é uma questão que está em você também. (UNISIG-53).

O compromisso do professor passa pela formação integral do seu aluno, muitos deles, não se preocupam, nem pensam na estreita relação no seu cotidiano da vocação, da missão, da profissionalização:

Eu não sei se é missão, mas o meu objetivo nas práticas diárias é uma preocupação natural com o ser humano. Desde a primeira aula eu trago questões da vida, lições do mundo, testemunhos para a sala de aula. A minha missão é não está só preocupado com o conteúdo matemático, mas está voltado para o ser humano. Eu sonho em ter grupo de jovens na escola, ter um tempo para ler textos, fazer trabalhos voluntários, cantar, louvar. (UNISIG-68).

A relação com o sagrado é tão forte que para a professora de inglês JMB, a missão é algo que independe da nossa vontade, vai conosco até o momento da nossa morte, pois é gerada no coração de Deus:

Missão é algo que independe da nossa vontade, simplesmente é gerada no coração de Deus. Entretanto, mesmo diante das nossas peijas como educador, somos absorvidos pela força da vocação, que é de fato a inclinação, o chamado, o despertar, a confirmação do desejo de Deus realizando milagres sobre a área profissional. Portanto, missão e vocação devem estar atrelados em função do crescimento do todo. (UNISIG-88).

4.2.2 Ser professor: vida pessoal, religiosidade e prática pedagógica.

Eu sou um todo, então a minha vida, a minha religiosidade e a minha prática caminham juntas. (UNISIG-21).

Quando se fala do professor, muitos só conseguem vê-lo em sala de aula, como se ele estivesse preso a esse universo e ao uniforme da escola. O professor é bem mais que isso, é alguém inteligente, dinâmico e sensível. Alguém que coloca as suas potencialidades a serviço do outro, do crescimento do outro. Ele é um só, mas é trino, pois é gente, é religioso e é profissional. Consegue ser os três e muitos mais, muitas vezes em quarenta e cinco minutos de uma hora aula:

É de qualquer maneira estão juntas porque a gente vai para a sala de aula com a vida da gente, com a casa da gente nas costas, no coração, na cabeça da gente. E quando a gente está na sala de aula infelizmente a gente esquece casa, filho. A não ser quando a gente está rezando, aí a gente pensa na família. Quando a gente está em sala de aula a gente se entrega muito, a gente se esquece da vida, a gente se esquece da saúde, esquece que está com dor de cabeça. Esquece de tudo e se entrega ali e ali fica só para os alunos. Então às vezes eu penso que separo, que eu consigo separar isso, mas tem momentos que a gente sente que não separa. (UNISIG-8).

Para a professora de Geografia, vida pessoal, religiosidade e prática pedagógica estão intimamente relacionadas. Eu sou um todo, então a minha religiosidade, a minha fé, a minha experiência com o transcendente, ela perpassa a minha prática:

Essa experiência está presente na EMMS como um todo, na minha vida pessoal, na minha prática pedagógica. A minha religiosidade aparece de forma indireta, procuro em sala de aula evitar roupas, sinais religiosos porque a gente tem uma sociedade muito religiosa, então de forma nenhuma na minha prática eu deixo transparecer a religião que eu pratico ou induzo de qualquer maneira os alunos a aderirem a minha religião por que eu sou totalmente contra o proselitismo em sala de aula. De forma alguma, eu faço menção a minha religião ou diretamente algum conteúdo religioso da minha religião nas minhas aulas. A minha religiosidade aparece a partir daquilo que eu faço, da minha prática e do meu testemunho. (UNISIG-21a) .

Quando assumimos a nossa vida integralmente, quando temos uma visão holística do mundo, sabemos dos desafios, mas não abrimos mãos do que consideramos riquezas. E existem riquezas que não estão à venda, por que são valiosas demais, não tem preço. Para a professora de inglês repassar o que aprendeu dos pais é dividir esse tesouro:

A relação entre a minha vida pessoal, a religiosidade e a minha prática pedagógica, eu vejo da seguinte maneira: eu busco ser uma só GFAC, nos três âmbitos, mas muitas vezes é diferente, eu tenho os meus filhos que são educados comigo, eu ponho tudo aquilo que eu aprendi dos meus pais, herança viva, do que eu aprendi, do que eu sou, do que eu hoje tento ser, eu procuro passar para os meus filhos. Mas só que na sala de aula, muitas vezes a gente se depara com pessoas que são, que vivem em outros meios. Mas eu tento transmitir dentro da minha prática pedagógica, da minha sala de aula. (UNISIG-32)

É consenso entre os entrevistados que o ser humano é um só, nas diversas dimensões que o compõe: vida pessoal, profissional e religiosa, logo as diversas situações da sua vida estão interligadas. Juntas formam um todo que é esse profissional da educação comprometido com a vida, com o aluno e com a sua fé:

Não tem como a gente dissociar a vida pessoal da nossa prática. É algo que já está ali, latente mesmo, você não consegue deixar de expressar ou de agir

de forma, da maneira que você acredita porque ainda que você tente sucumbir ou tente de alguma forma inibir, você de uma maneira ou outra aponta para aquilo que você acredita, porque vêm seus preceitos, seus princípios, seus valores. Suas ações contam muito, do que muito mais que palavras e não tem como você desmembrar. Porém exige cautela, você não pode sair por aí atropelando a opinião dos outros, nem atropelando a fé do outros. (UNISIG-42).

A experiência do todo, mas uma vez é apresentado na fala do professor. Três situações que fazem do ser humano único e conhecedor de todas as suas potencialidades e do seu compromisso em sala de aula:

Elas estão interligadas. Eu não tenho como separar o profissional, do pessoal, do religioso, porque na verdade eu sou uma única pessoa, lógico que, por exemplo, quando eu tenho meus problemas pessoais, eu não deixo isso interferir no meu ânimo, nem no trato com meus alunos, os meus problemas são meus, são pessoais. A minha fé da mesma forma, assim como também eu tenho que respeitar a fé daqueles que tem uma fé diferente da minha ou que não tem uma fé exatamente como eu penso que, existe um Deus, no caso, daqueles alunos que se dizem ateus. E eu preciso respeitar isso neles, preciso porque eu quero fazer isso. É impossível você separar as três coisas, porque vez ou outra você está sempre citando alguma coisa, você tem bons exemplos no meio religioso. (UNISIG-55/56).

Eu sou um todo e trago tudo isso para a sala de aula, para o dia a dia. São essas as palavras do professor de matemática JVP:

Em meio a muitos sonhos, sonhei em ser padre, ator, viajar, ser psicólogo, em ser pai, se sonhei com tudo isso, trago tudo para a sala de aula, para o dia a dia. Busco em sala de aula vivenciar isto. Paro na sala de aula para ser psicólogo, ator, nos passeios com os alunos. Ser pai é uma realidade, pois muito me chamam de pai. Tudo vem para a sala de aula. Muitos perguntam se sou Pastor, até pela ousadia de trazer a palavra de Deus. (UNISIG-70).

O que eu vivencio em um lugar eu repasso para outro. É assim que a professora de inglês relaciona a vida pessoal, a religiosidade e a prática pedagógica:

Acho que tudo é uma soma. Eu não posso me desvincular da JMB professora, da JMB instrumento de Deus, com de JMB família, na minha família. O que eu vivencio em um lugar eu tento repassar aos outros, ou seja, o ensinamento que eu obtenho de Deus, que eu recebo da graça de Deus, eu tenho que passar para a minha filha e posteriormente para os meus alunos, porque são seres em formação, em construção. Eu também me considero em construção porque a cada dia eu também estou aprendendo e cresço mais. (UNISIG-89).

4.2.3 Ser professor: percalços e dificuldades da religiosidade no contexto escolar

Tem que ter alguém que tenha um certo preparo, alguma experiência divina, para que a gente possa se relacionar e manter uma harmonia. (UNISIG-94).

Nas falas de cada professor vamos perceber claramente as dificuldades, percalços, mas no geral, essas situações não estavam relacionadas diretamente aos alunos, na maioria das vezes foi um questionamento do pai, de outros colegas de trabalho. Em todas as falas os alunos, independente de religião, acolhem bem a presença do elemento religioso em sala de aula:

Os alunos em geral recebem bem, mas há aqueles que criticam: professora a senhora vai começar a aula quando? Então, tem alunos que realmente eles, cobram o conteúdo. Digo que isso é uma aula também, mais importante que a minha que está no quadro, muito mais. Tem alunos que aceitam tranquilos, mas tem alunos que não, mas no geral aceitam bem, partilham, enfim no geral, aceitam bem a palavra de Deus, graças a Deus. Tem pessoas quer não são da mesma religião que a sua e criticam, tem poucas, mas aquele pouco incomoda. (UNISIG-11).

Para os professores que buscam educar em valores, a escola se apresenta com muitos desafios. Em uma sociedade sem referências para os mais jovens e que vive uma inversão de valores, o discurso do professor muitas vezes não faz sentido:

As dificuldades e percalços são muito grandes, então muitas vezes, a minha religiosidade, como já falei anteriormente, ela fica implícita no meu fazer pedagógico. Mas há uma grande dificuldade, porque a gente percebe por parte dos alunos uma profunda resistência daquilo que é valor cristão, valor ético e valor humano porque nós vivemos em uma sociedade muito permissiva em alguns aspectos, então, tudo, os alunos colocam como muito

natural, tudo é muito normal e muitas vezes o que propomos é obsoleto, é ultrapassado, não vale mais, não cabe mais para a realidade deles, então as dificuldades são nesse sentido. (UNISIG-25).

Mais uma vez é relatado o acolhimento da presença do religioso em sala de aula, através do relato da professora GFAC:

Na maioria das vezes os alunos acolhem, recebem muito bem a oração. Alguns casos, mas muito difícil, mas já tive problema com um pai, que não viu com bons olhos e achou que eu deveria fazer orações espontâneas e livres todos os dias, mas só foi esse caso mesmo, tentamos solucionar, mas sempre a maioria dos alunos, eles me cobram quando eu esqueço. Não vejo os alunos acolherem com dificuldades, não todos vem com bons olhos, todos entendem que é muito bom. Eu tento na maioria das vezes de uma forma carinhosa mostrar o bom caminho, mas eu sei que mesmo que o pouco que fica é importante e fica para sempre. (UNISIG-33).

As dificuldades são amenizadas diante da proposta conciliadora do educador. Ele sempre tem uma palavra formadora, consoladora e de conscientização:

O aluno sempre se rende a uma palavra de sensibilidade, essa reflexão que é feita através de algumas colocações nossas, algumas abordagens. Ela é sempre bem aceita. Mas eu sempre alerta, é preciso que a gente coloque isso de forma bem sublime, sem está impondo. A nossa postura é sempre manter o cuidado, o zelo com os nossos princípios e valores. (UNISIG-44a).

Para o professor de história, MFSJ, a religiosidade não é um problema, quando nas relações humanas o respeito é um princípio fundamental:

Não tenho nenhuma dificuldade até porque a forma de expressar a minha religiosidade não é por imposição, então eu não vou fazer proselitismo. O que eu vou passar para o meu aluno ou para os meus colegas é que eu tenho os meus princípios e que eu respeito os princípios deles também. Então, independente da religião que ele tenha eu posso conviver em paz, eu não preciso andar com aqueles que têm a mesma forma de pensar que eu. (UNISIG-60/61).

No seu trabalho com os alunos, há professores que recebem apoio incondicional por parte dos alunos, dos pais e da escola. É assim com o professor de matemática:

Dos pais nunca recebi nenhuma crítica e mesmo nos projetos tudo vem de Deus e vai ser apresentado a ele em forma de muito louvor. Os alunos recebem isto como uma verdade. E os pais que ajudam no coral, sempre chegam a essa confiança independente de religião. Apenas uma aluna não quis cantar uma música por ser da Xuxa. Até hoje, nunca tive problemas com a escola, nunca fui chamado por alguém para dizer que não fizesse. Eu nunca tive dificuldades em expressar a minha fé, a própria escola me pede orações, uma música. (UNISIG-76).

Quando essa religiosidade se apresenta de forma mais específica, pontual e reveladora, muitos no ambiente de trabalho se assustam, gerando certo desconforto. Essa é a realidade da professora a seguir:

Acho que no dia a dia aparece assim: quando eu tenho contato com pessoas que eu vejo que, se eu não tivesse Deus na minha vida eu sofreria muito mais. Muitas vezes é bem complicado, pois há momentos que sou portadora de revelações e fico em dúvida de cumprir esses propósitos em função de algumas pessoas rotularem como espiritismo ou perturbação. (UNISIG-93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação e Religião fazem parte da História e da Cultura do povo brasileiro, não é possível pensar o Brasil sem essas duas realidades. E como brasileira, essas duas dimensões sempre se fizeram presentes na minha vida pessoal. Elas se fizeram presentes também, na vida profissional, reconhecendo-as fortes, unidas em muitos dos profissionais da educação, com os quais tive contato anualmente nesses vinte anos de profissão. Convivendo, observando e principalmente analisando cada ação, vimos os resultados dessa presença da religiosidade na sua prática pedagógica. Nós percebemos a sua influência na relação com os alunos, com os colegas de trabalho e na própria vida pessoal desse professor.

A possibilidade de pesquisar essa temática veio a partir da experiência do Mestrado em Ciências da religião. Acompanhando, as discussões que envolvem hoje o Ensino Religioso, na Paraíba e no Brasil e reconhecendo que existe uma educação religiosa permanente nos diversos espaços que compõe a sociedade, vimos à escola e o professor, como protagonistas, como parte importante, para a manutenção e a consolidação dessa presença do elemento religioso na sociedade. Então, o reconhecimento desse objeto, nos levou a busca por conhecimento mais aprofundado e de cunho científico.

Iniciamos essa busca por um conhecimento mais aprofundado acerca, da religião, através das Ciências das Religiões e de todo o seu suporte teórico metodológico. O nosso primeiro capítulo, preocupou-se em conhecer as diversas abordagens pelas quais, a religião pode ser abordada, analisada e discutida no âmbito da academia. Escolhemos esse caminho por reconhecer no objeto religião, uma inclinação “natural”, para a pluralidade, a interdisciplinaridade e valorizamos a contribuição que cada uma pode trazer para o estudo da religião. Então, fomos buscar nas diversas Ciências, o olhar específico para a religião. Dentro de um quadro vasto de teorias e de uma grande quantidade de material produzido, nosso trabalho buscou contribuir para as discussões que envolvem a questão da religião no ambiente escolar. Na realidade da Paraíba acreditamos que podemos ser mais uma referência, uma ajuda para quem se interessa pelo estudo da religião e da educação. Entendemos que não podemos ser reducionistas quando tratamos de religião, buscar explicações para os fenômenos religiosos baseados apenas em um único fator, um único dado, um único olhar, por isso, não nos vemos diante de um agregado de conceitos, mas de conhecimentos que se entrelaçam, que

se completam. Enfim, para nós, cada vez que um pesquisador se debruça sobre o estudo da religião, ele pretende entender mais o mundo, os seres humanos, a sua própria vida.

No nosso segundo capítulo, adentramos pelo universo da Religião e da Educação através do universo conceitual da Fenomenologia. Nossa opção se deu pela complexidade do nosso objeto, o professor, que estava e está embebido, mergulhado nessas duas realidades; a realidade educativa e a religiosa. Entendendo o fenômeno, como aquilo que aparece, procuramos por meio do rigor proposto pela Fenomenologia e pelos seus passos básicos que são: descrever, reduzir e interpretar, alcançar “as coisas mesmas”, chegar ao que é mais real e verdadeiro no fenômeno. A partir desse embasamento teórico, fomos ao encontro dos professores que trazem para o seu dia a dia em sala de aula a sua religiosidade, que vivem essa religiosidade de forma absoluta, total, não separando essa experiência das demais que compõe o seu cotidiano. O professor é uma pessoa na sua integralidade, ele é um todo, sendo assim, a sua vida pessoal, profissional e espiritual estão intimamente ligadas. Então se ele é religioso, essa religiosidade vai chegar a sua realidade na escola. Através do método fenomenológico, nós encontramos esse professor e a sua prática.

Diante no nosso objeto, do nosso sujeito, o professor, buscamos um método que o “valorizasse”, como também, as suas vivências, que enxergasse o mesmo, no seu mundo. Então, no terceiro capítulo, dedicado a análise do material colhido das entrevistas, fomos ao encontro dos professores e nos aproximamos deles, entramos em seu mundo, através de entrevistas gravadas e transcritas. Unimos teoria e prática, a partir da aplicação da Fenomenologia proposta por Edmund Husserl, seguimos os passos da pesquisa qualitativa proposto por Giorgi e Comiotto, também presente na pesquisa do Prof. Marinilson Barbosa da Silva, que foi a nossa referência. Como falamos anteriormente, fomos a onze professores, mas para a análise, optamos por apenas sete. Nós nos encontramos e entrevistamos professores da Língua Portuguesa, Matemática, História, Inglês, Geografia, Educação Fundamental I, Biologia. Com todos eles, encontramos uma abertura e uma consciência de todo o trabalho desenvolvido, alguns com quase trinta anos de profissão, ou segundo eles mesmos, são décadas de missão. E essa atuação se apresenta nos diversos fragmentos de falas desses professores, nas unidades de significados, que foram sendo retiradas uma a uma no momento das análises das entrevistas. O que ficou de mais verdadeiro e real de cada professor, ou seja, as essências extraídas, captadas, é que, esses professores são religiosos, trazem no seu fazer, a presença de uma religiosidade que é identidade, mas também, são pedagógicos, a ação de ensinar é concreta e fundante na sala de aula e em suas vidas, eles sabem que são primeiramente professores, não há uma perda do ato de ensinar por causa da sua religiosidade,

não há um comprometimento no conteúdo, a relevância do conteúdo formativo é reconhecida na sua totalidade.

Analisando os dados obtidos das entrevistas e as realidades que emergiram com as transcrições, nos detemos e consideramos significativas duas essências captadas: o professor enquanto ser religioso e o professor enquanto ser pedagógico. Sabemos que muitas outras realidades poderiam e podem emergir dos mesmos dados, mas há os objetivos, o foco, e a especificidade de cada pesquisador. No nosso caso, optamos por duas essências, nos centramos nesses dois olhares, pelas limitações de tempo que envolve o mestrado. Porém, consideramos suficiente dentro da nossa proposta de estudo.

Há para nós hoje, há uma clareza de que existe uma educação religiosa permanente, até porque a nossa sociedade é muito religiosa, e o professor como uma das referências na sociedade, vem dando continuidade a essa proposta de educar também através da fé, dos princípios religiosos e dos valores, que ao longo da sua história pessoal, foram sendo acrescentados. Percebe-se nesses professores, que, o que eles aprenderam de valioso e que os ajudou na sua formação, desejam passar para os seus alunos.

Um processo educativo permanente, para esses professores a verdade é que: o que eu sei, não pode parar em mim. O conhecimento, não importa de que natureza seja se ajuda no crescimento do outro, na formação do aluno, precisa ser repassado. Precisa seguir o seu curso natural, como um rio.

Ao chegarmos ao fim desta investigação e compartilharmos de todo o processo da pesquisa, cuja temática centrava-se na influência da religiosidade, na prática pedagógica do professor, sinto que a presença desses professores sempre fizeram a diferença na minha vida de aluna, como também de professora, sempre me espelhei em professores comprometidos com os seus alunos, não só do ponto de vista do conteúdo, mas professores que conseguiam ver mais longe, ver diferente. Como está na fala da professora de Geografia, EMSM: ver com o coração, ver a pessoa de cada aluno. A minha escolha profissional é resultado de um encontro com uma dessas professoras, que estava comprometida com a nossa vida, com o nosso futuro, com o nosso ser no mundo. Sabemos que a pesquisa científica não é neutra, pois ela sempre trás algo do pesquisador. Como professora, quero que meu aluno encontre o seu caminho, não importa se comungue das mesmas verdades que eu, desejo que as verdades de cada um sejam responsáveis por uma vida plena de realizações. Como professora, faço parte da vida de muitas pessoas e essa presença precisa ser significativa.

Em meio às escutas das entrevistas dos professores para as transcrições tive a oportunidade de perceber a experiência de fé, esse encontro com o sagrado na vida de cada

um deles. Confesso que em um determinado momento essa escuta foi de puro deleite, de verdadeiro encantamento por aquilo que para eles e também para mim é tão significativo. Por isso, Edmund Husserl acreditava na descrição exaustiva do fenômeno e dos seus significados para se chegar a sua essência, e o pesquisador deseja essa essência porque ela é significativa, principalmente para ele. Enquanto pesquisador nós buscamos uma verdade, a verdade chega através das descrições e de duas realidades a intuitiva e a hermenêutica. O desafio diante do encantamento da escuta da descrição é: Será que o pesquisador deve aceitar qualquer descrição? Para Bicudo:

Essa é uma pergunta diferente daquela que indaga se a descrição é verdadeira ou falsa. Com a Fenomenologia, buscamos pelo fundo, pelo solo perceptivo onde a percepção se dá. Buscamos pelo campo de presença no qual estão nítidas as dimensões do aqui-ali (proximidade) e do agora/antes/depois (tempo) em que o sujeito que percebe se situa. É na estrutura do fundo perceptual que encontramos o que distingue a percepção da ilusão e da fantasia. (p.76, 2000).

Essa percepção permite o adentrar ao fenômeno no que há de mais significativo para o sujeito a respeito da temática que se quer abordar. Não buscamos apenas os dados, buscamos o que está além dos dados, e isto é obtido através da análise e da interpretação. A interpretação desses dados obtidos é a questão crucial quando tratamos de pesquisa qualitativa, já que a descrição é um texto e enquanto texto pode ser interpretado. A nossa proposta foi uma interpretação fenomenológica e hermenêutica. Assim, quando assumimos a descrição, fomos ao texto como um todo, pois ele nos forneceu o necessário para chegarmos ao mundo do sujeito.

Quando nós separamos as sete entrevistas, optamos pela sua totalidade. Ao serem lidas e relidas por diversas vezes, chegou um momento que o descrito começou a fazer sentido e as nossas interrogações, os nossos questionamentos começaram a ser respondidos. Ao caminharmos a partir das interrogações levantadas já no questionário, fomos levantando as unidades de significados. Esse levantamento foi feito tendo como base a compreensão do próprio pesquisador, o seu olhar pessoal. Passo a passo, esse universo foi se abrindo e foi possível chegar ao que é próprio de cada sujeito, de cada professor investigado.

Cada professor foi possibilitando, através da sua fala, da linguagem, uma abertura para seu mundo religioso e pedagógico. Percebemos que todos tem uma vida pautada em um compromisso semanal com o espaço religioso que vivenciam. Eles possuem uma atividade, um serviço ligado ao seu grupo, a sua igreja. São leitores, conhecedores dos textos sagrados

de suas religiões, possuem algum conhecimento teológico. A ética é uma marca na sua vida profissional. Buscam incessantemente viver a sua fé de forma ética, no respeito à fé do outro e as suas experiências diversas.

Quando afirmam que são contra o proselitismo em sala de aula, o são de fato, mesmo quando a sua identidade religiosa é tão forte que os alunos percebem com facilidade essa opção. São éticos quando propõem aos alunos uma vida pautada em valores que são diferentes do que são experimentados hoje por muitos jovens. Quando buscam para os seus alunos o mesmo que buscam para os seus filhos. Quando afirmam, que possuem uma missão na educação, eles não estão falando de uma missão assumida do ponto de vista empresarial, mercadológico, como temos visto em muitas empresas, mas uma missão assumida do ponto de vista da ação missionária, de sair pelo mundo fazendo discípulos, não para a sua igreja, mas para a igreja mundo, onde a ética e o bem se fazem urgentemente necessários. Há em cada um o desejo de um bem maior, o bem do outro.

No primeiro dia de aula digo ao meu aluno quem sou. A alegria de falar da minha vida aos meus alunos, que apesar de está no mundo é possível ser diferente e as pessoas te enxergarem com diferente. (JVP- Prof. MAT).

Uma diferença que não separa, mas que une. O reconhecimento do outro a partir do respeito. O professor de matemática é extremamente amado pelos alunos e admirado pelos colegas de trabalho pela sua disponibilidade, sua postura e a sua presença generosa no ambiente de trabalho. Criou um projeto que atrai mais de duzentos alunos a cada ano. Onde a matemática e a religiosidade estão unidas através da música. Nas suas aulas, a vida é valorizada, a história de cada um e a sua fé também. Propõe aos alunos visitas, onde eles entram em contato com a dor e a miséria material do outro.

Vejo a necessidade de trabalharmos valores dentro da escola para que esses alunos possam ter a oportunidade de avaliar e reavaliar sua vida para que a gente possa construir uma sociedade mais justa e fraterna. (EMSM-Prof. GEO).

Essa experiência religiosa não é desvinculada do mundo, não está focada no céu, distante. Ela precisa ser vivida concretamente hoje, em uma sociedade mais justa e solidária. E essa é uma construção de cada professor e cada aluno. A professora de Geografia, propõe um trabalho interdisciplinar na escola, cada disciplina assumindo um papel formador,

preparando o aluno principalmente para a vida, mas para uma vida melhor. A Geografia trás um conhecimento do mundo, a religião permite que se conheçam as pessoas, na sua intimidade, no que é mais profundo, o seu contato com o sagrado, no seu universo com o sobrenatural.

Poderia escrever sobre cada um dos professores. Das professoras de matemática e inglês, que pautam a sua vida e a sala de aula, nos ensinamentos dos textos sagrados, da professora de Língua Portuguesa, que para ela a religiosidade se sobressai, pois é importante na vida do ser humano, em todos os momentos ela se apresenta. No professor de História, onde religião e ética estão unidas porque formam em valores e a sociedade precisa disto. Na professora de inglês JMV, que coloca os seus dons a serviço dos alunos e da escola. Ela criou um projeto onde a valorização da família, da vida e da fé estão juntas, através, do teatro, da música e do canto. Todos colocam a sua vida profissional e a sua vida de fé em uma causa, a formação de seres humanos melhores. Esse compromisso é que nos chama atenção.

Sabemos que a sociedade vem passando por muitas transformações, mas há algo que move, que está sempre presente, que é a busca pelo bem maior. Esse bem maior para si e para o outro. Não sabemos se este valor vem se mantendo presente na sociedade por causa dos valores religiosos, mas consideramos relevante perceber que estes princípios estão em muitos que são religiosos, no nosso caso especificamente, o professor. Toda a sua ação transformadora, todo o seu desejo de bem para si e para o outro, passa pela sua experiência pessoal com o transcendente.

Fica claro, que o compromisso com a fé é um compromisso com o mundo, por isso, consideramos uma fé encarnada, e não alienada. Uma fé que passa pelo mundo, pelo visível. O professor enquanto ser religioso procura trazer para sua prática o seu melhor e não o pior. Reconhecemos que esse universo é frágil e complexo. Na pesquisa, buscou-se enquanto base teórica a Fenomenologia, sabemos que a preocupação primeira é com a descrição do visto, do vivido, do experienciado pelo sujeito, não julgamos e nem avaliamos se suas ações são corretas ou incorretas. O que buscamos são os elementos que permitam a compreensão do fenômeno. E, assim, chegamos ao final reconhecendo a religiosidade própria do professor. Os que assumem essa religiosidade estão fazendo a diferença na vida dos seus alunos e na própria escola.

O ser religioso é fruto dessa nova realidade da fé que a sociedade vem experimentando. Reafirmamos o que já dissemos anteriormente, esse novo homem religioso, vive a sua religiosidade por opção e não por obrigação ou tradição.

Foi significativo evidenciar a presença dessa religiosidade dentro da sala de aula, pois, em momento algum, reconhecíamos aquele princípio antigo que o professor deixava para trás seus problemas e a sua realidade, incluindo a sua fé, quando passava pelos portões da escola e pela porta da sua sala de aula. O seu chamado sacerdócio, o deixava como um ser acima dos outros, capaz de deixar de ser ele mesmo, pela estrutura física que compõe a escola, era como se adentrasse em um ambiente neutro, e tudo que não fazia parte do lugar e do momento, obrigatoriamente estava fora. Sabemos que o professor chega à escola e a sala de aula com tudo que é e tem, não é possível retirar dele o que lhe é próprio, seria retirar a sua identidade. O que é, e, em especial, o que crer, sem sombra de dúvida, é a sua marca no mundo.

Por fim, entendemos o professor como um líder, alguém que está à frente, que é referência e, a partir do conceito mais antigo do pedagogo, aquele que encaminha. E, em meio a tantas formas de liderança, muitas delas extremamente nocivas e manipuladoras, é interessante a percepção de um comando diferente, pois o professor que nos foi permitido conhecer, a partir desta investigação, é aquele que, na sua prática pedagógica, motiva, anima, reúne. Primeiro, por seus princípios religiosos, pois como foi dito por um deles, o que se aprende na igreja é para ser vivido fora dela. Segundo, por princípios éticos. Muito se conversou antes e depois do momento das entrevistas e, nesses momentos, ficou evidenciado que os princípios éticos que esses professores levam para sala de aula são resultado de uma vida em família, uma educação familiar pautada em valores. O fazer, a vida e a forma como ela é conduzida é fruto dessa história.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos de. A História das Religiões. In. USARSKI, Frank. (org.) **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARNS, Paulo Evaristo. O que é Igreja. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia Fenomenológica: uma aproximação teórica humanista**. Revista Estudos de Psicologia. Campinas, 2009.
- BELLO, Angela Ales. Edmund Husserl: Teleo-logia e Teo-logia. In. PENZO, Giorgio; ROSINO, Gibellini (org.). **Deus na Filosofia do Século XX**. São Paulo: Loyola. 2000.
- BORAU, José Luis Vásquez. **O Fenômeno Religioso (Símbolos, Mitos e Ritos das Religiões)**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia, Confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____.A Contribuição da Fenomenologia à Educação. In CAPPELLETTI, Isabel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (org.) **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28º ed., 1993.
- CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. Diálogos Sobre Religiosidade Popular. **Revista Ciência Humana**. Taubaté: vol. 8, n 2, JUL/DEZ, 2002.
- CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATÃO, Francisco. **A Educação no Mundo Pluralista**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- COÊLHO, Ildeu Moreira. Fenomenologia e Educação. In CAPPELLETTI, Isabel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (org.) **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.
- CNBB. **Educação, Igreja e Sociedade**. 30ª Assembleia Geral. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos CNBB 47).
- CORTELLA, Mario Sergio. Educação, Ensino Religioso e Formação Docente. In. SENA, Luíza (org.) **Ensino Religioso e Formação do Docente**, São Paulo: Paulinas, 2006.
- DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2003. UNESCO.
- DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ELLIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Lisboa: Edições Livros do Brasil, s/d.

FILORAMO, Giovanni, PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FONAPER. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Religioso. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

FOWLER, James W. **Estágios da Fé: a Psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 20ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Educação, Matemática, Paradigmas, Prova Rigorosa e Formação de Professor. In CAPPELLETTI, Isabel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (org.) **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.

GOERGEN, Pedro. Educação e Valores no Mundo Contemporâneo. **Revista Educação e Sociedade** - UNICAMP, Campinas, Vol. 26, Nº 92, p.983-1011, Out 2005.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução a Psicologia Fenomenológica: a nova Psicologia de Edmundo Husserl**, São Paulo: Paulus, 2008.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2008.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

KRAVICE, Mariane do Rocio Peters. Imagem do Professor de Ensino Religioso. In. OLIVEIRA, Lílían Blanck de. (orgs.). **Terra e Alteridade: pesquisas e práticas pedagógicas em Ensino Religioso**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007.

LIBÂNEO, José Carlo. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade**. Em Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Jul/Set. 1993.

MINAYO, Maria Cecília Sousa (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 1996.

MORAN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003. UNESCO.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NAPOLI, Ricardo Bins de, A Hermenêutica de W. Dilthey. Síntese - **Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, volume 26, Nº 85, Maio-Agosto, 1999.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2007.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Edições 70, 1989.

POLICARPO JUNIOR, José. Os Limites da Linguagem e o Acesso à Natureza Humana In. ROHR, Ferdinand (org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

POZZER, Adecir. Alteridade e Religiosidade na Aula de Ensino Religioso. In. OLIVEIRA, Lillian Blanck de. (org.). **Terra e Alteridade**: pesquisas e práticas pedagógicas em Ensino Religioso. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007.

REZENDE, Antônio Muniz. **A Concepção Fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990. .

RICOUER, Paul. **O Si-Mesmo Como Um Outro**. Campinas: Papirus, 1991

ROVIGHI, Sofia Vanni. **A História da Filosofia Contemporânea**: do século XIX à neoescolástica. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

RUEDELL, Pedro. **Educação Religiosa: fundamentação antropológico-cultural da religião segundo Paul Tillich**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTOS, Marcos Ferreira; GOMES, Eunice Simões Lins. **Educação e Religiosidade**: imaginários da diferença. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.

SCARLATELLI, Cleide C. da Silva. A Camuflagem do Sagrado. **Revista Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte: v. 25, n 82, 1998.

SCHMIDT, Bettina. A Antropologia da Religião. In. USARSKI, Frank. (org) **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SCUSSEL, Marcos André. **Religiosidade Humana e Fazer Educativo**. Porto Alegre: PUC/RS, 2007 (Dissertação de Mestrado)

SILVA, Jovina; RAMOS, Maria Minteiro da Silva. **Prática Pedagógica Numa Perspectiva Interdisciplinar**. 2008. Disponível em: www.ufpi.edu.br, 2008. Acesso em: 03.07.13

SILVA, Marilson Barbosa da. **Construindo Lideranças**: implicações pessoais, comunitárias e educacionais. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

_____. **O Processo de Construção de Identidades Individuais e Coletivas do Ser-Tutor no Contexto da Educação a Distância Hoje**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. (Tese de Doutorado).

STARK, Rodney, BAINBRIDGE, William Sims. **Uma Teoria da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(S) Ciência(S) da Religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

TILGHMAN, B. R. **Introdução a Filosofia da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLE, Edênio. A Psicologia da Religião. In. USARSKI, Frank. (org) **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

WILDES, Irineu. **Cultura Religiosa**: as religiões no mundo. Petrópolis: Vozes, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1

1. SÍNTESES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

RBA-Professora-Católica-disciplina Matemática-Rede Privada-27 anos de sala de aula

A minha religiosidade na prática pedagógica a importância é fundamental e acho que vem até acima do próprio conteúdo, porque assim, a gente lida com pessoa, com os alunos. Então, você tem, você pode estar passando a sua espiritualidade, a que eu tenho, a que é minha é a espiritualidade católica, a presença de Jesus, de Maria. Eu falo muito em sala de aula mesmo independente de religião, eu falo e assim, como nas Lourdinhas a gente tem a hora do evangelho, então, aprofundar a partilha o evangelho com os alunos, então a gente tem assim uma prática grande, todos os dias a gente tem como conversar com os alunos sobre o evangelho sobre o dia a dia, sobre o evangelho do dia no dia mesmo, assim até mesmo pra eles mesmos, a gente eu levo muito isso pra eles, para o dia a dia deles como a gente deve amar uns aos outros, a presença de Jesus naquela hora, e também eu falo muito pra eles que se a gente respeita o amigo, a gente está respeitando a Jesus, porque eles, nós somos a imagem e semelhança de Deus, então a gente mostra inclusive eles. Às vezes, tem aluno que é novato ele questiona muito, rebate, rebate a igreja, porque o papa tem muito ouro, porque não divide com os pobres, aí a gente tem que estar mostrando, mostrar de uma maneira bem... por que, as vezes, não são as crianças, mas as práticas da família. Aí, procuro uma pessoa de religião pra que possa ajudar com este aluno. Essa semana, o aluno perguntou sobre o sinal da cruz, porque a gente faz o sinal da cruz, isto é muito mecânico, eu não gosto de fazer o sinal da cruz, porque isto é mecânico professora. Perguntei, é pra você ou o que você escuta na sua família. O ato de fazer o sinal da cruz é uma oração, ali a gente está fazendo a invocação a Deus, a gente está pedindo a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo amém. A Trindade eu mostrei a ele, que em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo não é apenas o sinal da Cruz, a gente está invocando mesmo, agradecendo, muitas vezes pedindo, então eu

fui mostrar a ele e ele encheu os olhos de lágrimas. Aí, esta vendo “Ezequiel” como não é mecânico, eu acredito, não entrei muito nesta parte com ele, mas é muito família, a família diz isso para ele, e ele é um menino de 12 anos, é uma criança, mas assim quando eu comecei a falar que o fazer o sinal da cruz não é apenas um ato mecânico, mas sim um ato de pedir a Deus de agradecer a Deus, ele encheu os olhos de lágrimas. O sinal da Cruz não é uma coisa mecânica, como pentear o cabelo todo dia, tenho que fazer o sinal da cruz, sou obrigada a fazer o sinal da cruz. É bem diferente, aí ele se tocou mas ele é muito assim, questiona o evangelho, porque eu não entendi isso! Vejo que é uma coisa boa, porque eu tenho como esclarecer, conversar isso com ele, porque tem muitos que escutam e não acreditam e ficam calados, e ele não, que por uma parte é bom, às vezes, ele rebate de forma muito seca, mas a gente como professora, como a gente tem esse momento, eu acho que Deus dá a gente. Primeiramente eu acho que sou muito privilegiada, porque assim o professor é que tem espiritualidade, Deus dá esse momento pra gente, dar essa oportunidade, pra gente estar junto orando, rezando, ali em sala de aula, meu Deus como é bom! Então eu agradeço a todo dia essa minha profissão, porque não é uma profissão, mas na verdade não é só uma profissão, é uma missão, ser professora, principalmente neste mundo que a gente está vivendo, a gente não pode ser só professor, a gente tem que ser um professor, um educador. Para mim o ser professor, não é só meramente ser professor, é ser um educador, que é mais difícil ainda, ser um professor é muito simples, é só chegar e passar conteúdo e pronto e quem quiser aprender aprende, não aprofundar além de ser ele tem que estar é mostrando o caminho a cada aluno, não só o caminho da matemática como é o meu caso, mas o caminho do bem, o caminho certo, às vezes, nem sei esse caminho, mas eu mostro para eles, mostro para mim mesmo ao mesmo tempo, então eu acho que quem é professor sabe disso, às vezes ele diz uma coisa pro aluno que ele está pensando ser pro aluno, mas é pra gente mesmo, não é? Às vezes, está acontecendo até coisas na vida da gente e também precisa, então, a gente consegue às vezes passar pro aluno, ele nem sabe o que a gente está passando, por isso, mas a gente consegue passar pro aluno outra coisa, não sei, a gente às vezes é tão sensível e tendo essa fé, a gente começa a falar mais pra aluno ficar mais sensível, mas perto dele está dando mais amor ainda, através daquele mesma dor, por que a gente está com essa dor, a gente poderia machucar eles também, mas às vezes eu não entendo às vezes eu sofro aqui em casa, e quando eu chego no colégio, por isso eu digo que eu sou feliz, mas eu procuro ser feliz com as mínimas coisas, que eu tenho dois filhos, mas no colégio eu procuro passar esse amor, aqui eu tenho dois, lá eu tenho muito mais que foi Deus que me deu, então se ser professor é muito difícil, ser educador é mais difícil, mas ao mesmo tempo é prazeroso, você sabe o que você está

passando é espiritualidade pro aluno, mostrando que o que vale no céu não é aquele conteúdo, mas o conteúdo da fé com Jesus, com amor tudo isso que eu estou falando vou conversando, é o que acontece na minha vida e em sala de aula é por que eu penso, que é porque eu trabalho num colégio religioso, mas as vezes nem é tem professores lá fora que também é, mas nas _____ a gente trabalha muito isso, trabalha muito a questão da religiosidade, independente de religião. Então, é muito bom isso, muito bom mesmo. O meu projeto de vida não é só o conteúdo como eu falei, por que hoje em dia tem até, como escutei este ano, tem aluno que me perguntam se sou professora de religião, aí eu respondo que não sou professora de religião, mas sou religiosa, então eu tenho que passar isso para vocês então, o meu projeto é assim, é continuar minha profissão, enquanto eu puder junto com a religião, junto com a espiritualidade que é difícil, mas não impossível. Não, não é uma profissionalização só docente, claro, entra o profissional, mas o projeto de vida, não sei bem se o projeto, mas Deus me deu, acho que uma missão mesmo, acho que é uma missão que Deus me deu, é que foi assim, é 27 anos nessa profissão, 27 anos nessa missão de ser professor que muitas vezes as pessoas questionam porque você não fez um concurso, eu até pensei em fazer arquitetura como era meu sonho antes, mas acho que Deus me deu esse caminho foi o caminho que Deus passou pra mim que é uma missão, é uma missão mesmo que eu tenho de ser mãe e de ser professora, assim eu sou mãe que é uma missão que não é pra todo mundo ser mãe é também muito difícil é uma missão muito mais que ser professor, muito mais...

É de qualquer maneira estão juntas porque a gente vai para a sala de aula com a vida da gente com a cara da gente, nas costas, no coração, na cabeça da gente e quando esta em sala de aula, infelizmente a gente esquece casa, filho quando a gente esta em sala de aula, a não ser quando a gente esta rezando, aí a gente pensa na família, na sala de aula, quando a gente esta como professor dando aquela aula, a gente tem que esquecer um pouco a vida lá fora, a gente se entrega muito, a gente se esquece da vida, a gente se esquece da saúde, esquece que esta com dor de cabeça, esquece tudo e se entrega ali e ali fica só pros alunos, então as vezes eu penso que separo que eu consigo separa isso, mas tem momentos que a gente sente que não separa, é muito assim, depende do dia, tem dia que eu esqueço completamente tem dia que estou mais sensível consigo passar pros alunos, as vezes o aluno pergunta: professora você está triste hoje? Professora a professora não esta brincando? Às vezes, é alguma coisa que está na cabeça, alguma coisa que estou preocupada, mas as vezes a gente consegue relaxar e se entregar, inteiramente principalmente quando a gente se apegar a Deus, tem dias que a gente

esta mais cansada. Um professor para dar seis (6) aulas num dia, ele tem que pedir a Deus força, eu passo pela capela e falo com Nossa Senhora, todo dia, tem dia que eu só falo lá de cima, mas tem dia que é pra pedir mesmo, ai meu Senhor faz com que eu dê essas seis aulas bem tranquila que eu passe tudo o que eu quero, tranquilo, com tranquilidade pronto ai as vezes eu consigo mas as vezes o professor em si não consegue. É aparece muito na hora do evangelho, na partilha do evangelho ali tudo é a partilha, então aparece tudo nesse momento, aparece as vezes, quando tem uma intriga quando a gente escuta uma discriminação, alguma coisa entre eles. Então você vai e você já assim sem querer quando você vê esta mostrando pra eles o lado da espiritualidade como o lado de Deus, de Jesus, mostrando que Jesus não quer isso. Eu tenho uma aluna especial que fala muito em matar, em morrer, desenha no quadro, diz que fulano matou ele com tiro, então a gente esta passando isso pra ela. Não é assim, meu amor Jesus não quer isso, olha o papai do céu esta triste com você hoje, então em especial aparece muito quando eu estou com Vanessa que é aluna especial, porque ela é tão especial que ela me faz ficar especial ainda mais porque eu vejo, estou na sala falando alguma coisa de Jesus, por conta de Vanessa que ela é um anjinho de Deus, mas pra ela estou falando aquilo, é pra gente realmente naquela sala, que é uma sala especial porque também acolhe ela, então aparece assim na hora do evangelho, na hora de um.

Há recebem bem, mas tem aluno, sempre tem aqueles que criticam, “professora a senhora vai começar a aula quando? Então, tem alunos que realmente eles cobram o conteúdo, não é como eu digo, isso aqui é uma aula também mais importante que a minha que está no quadro, muito mais, tem alunos que aceitam tranquilos, mas tem aluno que não, mas em geral aceitam bem, partilham, em fim no geral eles recebem bem a palavra de Deus, graças a Deus. É tem, tem por que sempre tem pessoas que não são da mesma religião que a sua, que criticam que a gente vê na carinha ou em vez da carinha, falam mesmo, então a dificuldade, às vezes, é essa, é falar de Maria, vê que é nossa Mae e tem alunos que dizem Maria não é nossa Mãe, no colégio a gente coloca “por Maria se vai a Cristo”, ai tem quem diz que vai botar ‘a Cristo por Jesus” tem alunos que diz isso, a Cristo por Jesus, professora porque Maria? Ai a gente vai e às vezes não entende porque, por conta da família que não é católica que não é cristã, ou cristão, acho que todo mundo é cristão ou evangélico, mas tem outra religião que não acolhe Maria como a gente acolhe, no sentido diferente, então a dificuldade é essa, as vezes tem pouco, mas aquele pouco incomoda. Eu agradeço muito a Deus, por que acima de tudo eu tenho uma religiosidade que é tão praticada, mais em sala de aula do que em casa, que em

casa você vai deixando passar, ai esquece ou os filhos crescem e não escutam muito mais, mas assim quando eu posso eu falo, eu estou lá mostrando a palavra de Deus, então graças a Deus eu vou levando desse jeito, mais sempre agradecendo, fazendo tudo para estar perto de Deus, essa fé... crer muito em Deus é isso que fortalece a gente, então o que me fortalece não é nada é só Deus, é só a presença de Deus que a gente sente e de Maria nossa mãe...

EMSM-Professora-Católica-disciplina Geografia-Rede Pública-22 anos de sala de aula

É importante pela perspectiva da própria religião no sentido da palavra da possibilidade da religião do ser humano com Deus. Eu acredito que a religião é muito importante no processo em si da aprendizagem por que também oferece ao aluno a possibilidade com esta relação transcendente, então o aluno. Estão na minha prática pedagógica, alguns princípios da religião que estão relacionados, principalmente com os valores eu procuro transmitir aos meus alunos, não necessariamente de forma direta, mas na forma indireta e no meu fazer pedagógico a importância da religião na minha vida e como essa importância da religião ela se desenvolve no próprio processo de aprendizagem. A gente vive num mundo extremamente complexo, diverso, plural a educação é dentro deste mundo ela tem, muita importância, no entanto, é uma das dificuldades do educador hoje em dia, são os grandes desafios da humanidade e também na minha prática eu percebo muito que a educação formal na escola ela precisa constantemente lidar com este mundo em mudança com este tempo de transformação, tempo de mudança. Então, eu acho que a educação, ela é fundamental para se conseguir implementar as mudanças, implementar as mudanças que a gente percebe na sociedade e as situações que a gente vê como desafio. Então eu creio que a educação é fundamental é primordial para que as mudanças possam ocorrer na sociedade. A experiência é desafiadora a gente costuma dizer que nós matamos um leão por dia, cada dia é um grande desafio, desafio para nós. Então eu acredito que na minha profissão, a minha profissão ela é essencialmente fundamental para as transformações, eu desejo que ocorram mudanças na sociedade. Então eu acredito que meu papel é muito importante, eu sou uma formadora de opiniões, meu papel é primordial na construção dessa sociedade, desse homem novo que a gente deseja tem para este mundo

também novo a gente precisa construir. Meu projeto de vida ele se realiza a cada dia. Eu acredito que ele só vai ter fim no momento da minha passagem mesmo porque em tudo o que eu faço eu penso nos meus alunos então os acontecimentos, o que eu leio, o que eu vejo, o que eu sinto sempre, sempre eu procuro relacionar com a vida dos meus alunos. Eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser educador. Então eu penso muito futuramente depois da minha aposentadoria poder realizar algum trabalho voluntario na área da educação porque eu me sinto feliz, eu me sinto realizada, eu me sinto útil em me sinto como alguém que esta colaborando para o outro sucesso da juventude a formação das gerações futuras. Então eu me realizo plenamente em sala de aula, digo que a sala de aula é o meu céu e este céu é cheio de estrelinhas diferentes, estelas mais calmas, estrelas mais questionadora, estrelas que às vezes esta passando por algum sofrimento por alguma dificuldade, então a educação para mim o ser educador o ser educador é uma missão que creio não acaba nunca por que se não for na educação formal numa escola, a gente esta sempre ensinando na sociedade o professor tem sede de ensinar e onde que eu vá eu tenho sede de ensinar e também de aprender que nós aprendemos todos os dias em sala de aula. Eu creio que o ser educador passa por estas três dimensões, na minha situação, na minha experiência de vida eu me senti chamada a ser professora, então quando eu tinha 15 anos, estava no ensino médio eu senti um profundo desejo de ensinar, ensinar geografia por que eu tinha uma sede muito grande de compreender o mundo que a gente vive, compreender as relações da sociedade com a natureza, conhecer as cultura conhecer os países então eu senti inicialmente um chamado e a minha resposta foi uma missão, mas nós não podemos desatrelar esta vocação esta missão a própria realização e necessário formação permanente, formação continua constante busca do apreender do novo então para mim passa por esta três dimensões. Eu minha vida pessoal esta intimamente relacionada a minha profissão, a minha religiosidade esta presente na também na minha profissão na pratica porque eu sou um todo, então a minha religiosidade a minha Fe a minha experiência com o transcendente ela perpassa a minha pratica, então em tudo aquilo que eu realizo na minha pratica pedagógica a minha religiosidade se faz presente não diretamente, mas de forma implícita através daquilo que eu acredito através da minha experiência com deus. Essa experiência esta presente na Edna como um todo na minha vida pessoal como também na minha pratica pedagógica.

A minha religiosidade aparece de forma indireta procuro em sala de aula evitar roupas ou sinais religiosos porque a gente tem uma sociedade muito religiosa então de forma nenhuma minha na pratica eu deixo ou induzo de qualquer maneira os alunos a aderirem a minha

religião porque eu sou totalmente contra o proselitismo em sala de aula. Os alunos, é, não percebem diretamente a minha religião, mas através das minhas falas muitas vezes eles perguntam, professora qual é a sua religião? Se me perguntarem eu respondo, no entanto de forma alguma eu faço menção a minha religião ou diretamente alguns conteúdo religioso da minha religião nas minhas aulas eu procuro de toda forma evitar induzir os alunos neste sentido. É, embora é a minha religiosidade aparece de forma indireta, na sala de aula é através daquilo que eu faço da minha pratica, de como eu faço em relação a determinadas situações em sala de aula, e também é então essa pratica aparece a pratica na minha pratica religiosa aparece em relação aos alunos por que eles percebem que eu tenho atitudes e essas atitudes, essa postura aquilo que eu as vezes silencio naquilo que eu falo naquilo que eu oriente a religiosidade se faz presente de forma indireta, pela minha pratica, pelo meu testemunho por aquilo que eu demonstro através do meu ser no fazer pedagógico eles percebem a religiosidade não de forma direta mas de forma indireta, por aquilo que eu testemunho.

GFAC-Professora-Católica-disciplina Inglês-Rede Privada-27 anos de sala de aula

Bom o significado e a importância da religiosidade na prática pedagógica eu vejo no seguinte aspecto: no meu dia a dia, na convivência com a palavra, eu procuro sempre esta dentro do contexto religioso que fala cada dia a palavra, segundo o evangelho e na minha simplicidade eu tento colocar em prática isso pros meus alunos e sofro muito por que as vezes sou mal interpretada certo, por que eu procuro buscar estes sentimentos, não que queira ser santa, perfeita. Há, esta botando a religião acima de tudo, não, é aquilo que eu capto da palavra que eu entendo da palavra eu quero transmitir pros meus alunos e muitas vezes eu não sei talvez pela jovialidade deles eles as vezes interpretam erroneamente não sei, mas que enfim, tanto por em pratica isso, todos os dias. Vejo as necessidades, as vezes, vejo aquela dificuldade que o aluno tem , a falta de amor dentro de casa, todos esses aspectos negativos que a criança traz, eu fico, tentando corrigir, dentro do amor, da palavra de Deus, mostrando, mostrando a eles que Deus esta acima de tudo, é mais ou menos assim que vejo e tento na minha simplicidade tentar colocar no meu dia a dia. Na maioria das vezes, eu vejo assim, o professor como aquele

que só tem a missão diária de ensinar, por exemplo, como eu ensino inglês, então, só tenho aquela missão de professor, passar transmitir, aquele meu aprendizado aquilo que eu consegui aprender através dos meus anos de estudos, dentro de uma universidade e com a experiência, mas acima de tudo além de tudo isto eu vejo o educador, aquele que vê que quer mostrar que a sala de aula também esta ali pra gente mostrar num simples ato como se sentar de como você tratar o seu amigo, enfim, o que eu vejo hoje é a falta de amor por parte das pessoas quando a gente valoriza esta amor, a gente trata melhor ou outro, a gente entende muito melhor o que o professor diz, a gente começa a ver o mundo de uma forma diferente, entender que aquele professor só que ajudar, muitas vezes o aluno gosta daquele professor que brinca que é animado, e aquele que corrige, que está mostrando o dia a dia é visto com maus olhos sofro muito com isso porque eu me vejo além de ter aprendido, quero passar, ajudar os outros também a desenvolverem a ver que é fácil que nada na vida é complicado que basta a gente querer e ter formação de vontade , eu sofro com essa minha, com o habito de querer ser a mãezona, aquela que educa, aquela que mostra, que você qual a postura que os bons modos aquele que os pais nos ensinaram, os mais antigos, deveria refletir hoje no dia a dia que a gente seria um ser humano melhor. O meu projeto de vida é ver o aluno, um sonho assim, em ver o aluno aquele aluno interessado, que por mais que ele não saiba que o que agente esta tentando transmitir, mas que ele busque, ter interesse do fundo coração que ele veja mais, o que é o ser humano, é a luta de um professor dentro de uma sala de aula, é isso que eu busco no meu projeto de vida, que cada um melhore a cada dia, como ser humano, mesmo sendo que não venha a entender tanto daquele assunto no qual esta sendo projetado ali, é o meu oficio, mas que ele se torne uma pessoa melhor a cada dia por que o mundo esta ai, precisando de amor de dedicação, de pessoas que não só tenham conteúdo. Vou fazer isso, por que eu só sei fazer isto, a minha profissão, não que eu possa ajudar partilhar, cuidar zelar esse é meu sonho, uma sala dedicada, que tenha concentração que valorize o que o professor, é esse meu projeto de vida. Para mim o meu trabalho assim, acima de tudo creio eu é uma vocação, mas acho que em cada ser humano nasce com a sua missão, com um projeto de vida, todos tem é isso que eu procuro a cada dia, o que é que eu estou fazendo aqui, o que é que Deus tem pra mim para minha vida, o que é que eu posso dar de melhor que ele espera de mim, para com os meus alunos, então está muito relacionado com o outro, mas é isso que eu sinto, primeiro a vocação, mas é também a missão é muito importante. A relação entre a minha vida pessoal e a religiosidade e a prática pedagógica eu vejo da seguinte maneira, eu busco ser uma só Gorete, nos três âmbitos, mas muitas vezes é diferente, eu tendo com os meus filhos que são educados comigo eu ponho tudo aquilo que eu aprende dos meus pais,

herança vida do que eu aprendi, do que eu sou eu hoje tento ser eu procuro passar pros meus filhos, mas só que na sala de aula, as vezes a gente se depara com as pessoas que são que vivem em outros meios, traz hábitos traz modos, mas eu tenho, tudo aquilo que eu trouxe de herança dos meus pais, eu tento transmitir dentro da minha pratica pedagógica da minha sala de aula com meus filhos eu tento mas nem sempre e tão fácil.

Eu procuro tudo o que aprendo no meu cotidiano religioso tudo o que eu aprendo, tudo o que eu vejo de importante que pode trazer um grande influencia de melhoria de vida passar para os meus alunos eu procuro colocar em pratica sempre, se eu olho uma frase, alguns exemplo de vida, eu sempre trago buscando o melhor para cada um. Em termos de oração eu sempre gosto de trazer o pai nosso como uma oração universal, independente da religião que a pessoa congregue a igreja a congregação não importa eu sempre costume, como eu ensino inglês costume trazer o pai nosso em inglês e isto server como uma forma de disciplinar de concentrar e não deixa de ser uma oração, nunca se perde, sempre a gente esta fazendo, procuro colocar na intenção de alguém, de todo grupo, eu sempre faço com este sentido. Na maioria das vezes os alunos recebem, acolhem muito bem a oração, alguns casos muito difícil, mas já tive problemas por causa de um pai ele não viu com bons olhos e achou que eu deveria fazer uma oração espontânea e livre todos os dias, mas só foi esse caso mesmo, tentamos solucionar, mas sempre a maioria dos alunos até cobram quando eu esqueço. Não vejo os alunos acolherem com dificuldade não, todos vem com bons olhos acho que eles entendem que é muito bom se passa despercebido por alguns, mas nem Cristo agradou a todos, eu tento na maioria das vezes de uma forma carinhosa, mostrar o bom caminho, mas eu sei que mesmo que o pouco que fica é importante e fica pra a sempre. Gostaria de dizer que já tenho 27 anos de sala de aula, mas eu sou feliz, com a profissão que eu escolhi, muito feliz, agradeço muito a Deus ter tido a oportunidade, acho que a missão era essa passar a palavra dele aos outros, passar de forma carinhosa, tudo o que a gente tem de bom, que a gente aprende no dia a dia com a pratica muito mais a pratica do dia a dia, convivendo com eles, vai aprendendo a necessidade de cada um, eu me sinto muito realizada muito mesmo, tanto que eu tenho ainda vontade sonhos ainda que eu quero concretizar e eu espero que Deus me ilumine, para que eu possa realizar.

Durante toda a vida o ser humano precisa de algo, de um referencial de alguma coisa que faça com que ele possa ou mediar ou encaminhar ou ter alguma segurança e ter uma religiosidade, essa religiosidade tem uma função muito importante na vida do homem, você chega o momento de ter a quem recorrer ao que se apegar eu vejo a religiosidade como algo muito importante na vida do ser humano hoje e sempre porque através dela que você consegue avançar em algumas coisas em algum momento, nas tribulações nas dificuldades ou recuar por algum temor. Eu vejo na religiosidade acaba sendo um marco ou um mediador na vida do homem, é de suma importância você crer até porque você não vive sem crer em algo em alguma coisa, você precisa acreditar eu vejo a religiosidade como essa fonte, forma que direciona dessa forma

Na minha prática diária a religiosidade ela aponta quase que constantemente, primeiro porque nós trabalhamos com pessoas com jovens, com adolescentes, que vivem em meio a um turbilhão de informações e independente de crenças ou credos, você precisa dar um direcionamento, e em meio a tantas situações você se vê ali colocando sua religiosidade, sua crença de alguma forma, respeitando os direitos e a fé de cada um você se vê quase que obrigatoriamente, de trazer para o aluno o sentido da vida um objetivo diferenciado, porque nós vivemos num mundo mergulhado de consumismo individualismo, do ter nós precisamos resgatar o ser humano valorizar isso, pois, o ter é mais importante que o ser trazer esse resgate mesmo de amor, e ela aparece em quase todos os momentos nas ações que se faz\ necessário trazer essa luz, abrir os olhos mesmo que não seja mencionado você traz essa reflexão para que ele perceba que a vida não é só isso, o ter, é respeitar o outro de forma mais sublime mais humana mesma mais crista, digamos assim. Ser professor e educador hoje é um grande desafio, e procurar a cada momento trazer lógico a informação, o instruir, mas é acima de tudo você conseguir formar o ser humano, trazer o cidadão o homem é você mudar o caráter, é você trazer algo que venha dar limite mesmo que venha instruir e hoje eu acredito que ser educador e ter a missão de resgatar de salvar mesmo, muitos jovens é você conseguir ter com eles momentos ímpares que nem a família tem de poder mostrar este outro lado mesmo, de trazer o sentido de forma mais humana eu sempre bato nesta tecla, é a hora é a oportunidade que o educar tem de além de levar o conhecimento você ser hoje um dos únicos responsáveis

por essa formação porque a família já se excluiu mesmo de alguma forma dessa formação, não é nem que ela venha ser isenta dessa responsabilidade, pelo contrario ela passou mesmo a bola em algumas circunstancias para a escola e os professores são os únicos formadores de fato, quando o jovem vem, são os professores, é naquele momento que ele esta diante do professor que ele encontra outro mundo, outro momento, então para mim, ser professor tem essa função grande de poder resgatar algumas dessas cegueiras que esta envolvida a sociedade. Sim você tem que ser vocacionado tem que sentir esse desejo para cumprir a missão algo que faz uma diferença muito grande na vida de qualquer profissional qualquer área da sociedade, qualquer segmento qualquer carreira que você escolha você precisa ser vocacionado para cumprir a sua missão e na educação de uma forma muito sublime eu vejo uma correlação ou um estreitamento muito grande como é que você vai trazer um ressignificado atrelar uma teoria a uma prática, como é que você vai pregar algo que você não vive? Que não acredita? Então assim a vocação que você esta ali se dedicando zelar querer o bem do outro de ser de alguma forma um canal que traz realmente esclarecimento que liberta de certa forma você tem que ter vocação, você tem que amar, você tem que se dedicar você tem que se envolver fazer algumas renuncias, porque nunca foi fácil se nós perguntássemos aos educadores se a missão é fácil todos diriam que não é árdua mas é prazerosa e gratificante você se sente bem se sente realizado, para mim hoje cumprir essa missão é algo que a cada dia se renova e mês faz renovar, pois é algo que você sabe que ali você esta contribuindo, esta fazendo a diferença e isso não há dinheiro que pague é uma diferença muito grande você saber que é útil mesmo que ninguém o tenha reconhecido você tem certeza que isso ai faz uma diferença que é real, que é a sua missão ali, então a importância da vocação com a missão é tremenda é você sentir-se realizado para você exercer a sua missão. Não tem como a gente dissociar a vida pessoal da nossa pratica, é algo que já esta ali latente mesmo, você não consegue deixar de expressar no pensar ou de agir de maneira que você acredita porque mesmo que você tente sucumbir deixar ali inibir, em um momento ou outro você aponta para aquilo que você acredita porque são seus preceitos, seus princípios, e seus valores, suas ações contam muito, do que muito mais que palavras e não tem como você desmembrar, porém, exige cautela você não pode sair por ai atropelando a opinião dos outros atropelando a fé dos outros e dentro da sua pratica na hora mesmo de efetuar as suas ações ali enquanto profissional você precisa agir com alguns critérios você não vai ser contraditório em algum momento que você precisa você calar-se , mas tem hora de você dizer de você alertar e não tem como você diz-associar a sua religiosidade de sua pratica e de sua vida diária há uma correlação muito grande em todos os aspectos porque você se ver ali agindo em uma situação

que você tem que colocar seu ponto de vista sua opinião por isso eu digo sempre sem ferir os princípios dos outros mas você não pode ser conivente tem que se expor de alguma maneira e ainda que de forma bem superficial de uma maneira sublime e doce as vezes você tem que fazer algumas colocações ou imposições de forma que venha a prevalecer aquilo que você acredita para não se covarde e ser falso diante da sua vida diante da sua fé. No cotidiano no dia a dia no encontro com os alunos com os pais com a equipe de trabalho a religiosidade parece que sobressai a gente as vezes nem menciona ela aparece em situações simples do dia a dia como atitudes diante de agressões de atitudes ilícitas desonestas que a gente ver constantemente ai vem o aluno trazendo reflexões questionamentos fazendo com que ele lembre ele reflita fazendo com que ele reflita se aquilo é certo perguntando se feriu ou se magoou perguntando que atitude seria correto e como é que a gente deveria agir e como cristão a gente sabe que esta seria a conduta de reconhecimento de reparar de retratar-se mesmo que você não diga assim você é cristão só o fato de você chegar e dizer você viu que feriu, não deixou o outro bem você esta feliz com isso não era isso que você queria o que é que a gente faz para reparar isso é através de um pedido de desculpa de um abraço ate de um olhar mesmo sempre tem um choro uma lagrima que rola ali mas há sempre esse cuidado e quando não há aquele discurso mesmo aquela permanente insistência de trazer harmonia e conviver em paz e essa harmonia e essa comunhão ela é importantíssima no meio no convívio com os outros e agente acaba trazendo isso de forma natural mas que esta sempre presente sempre reinando. Por incrível que pareça pode ate trazer de alguma forma rejeições, pessoas que se opõe porque se isso chegar para a família de uma forma muito direta sabemos que existem alguns que vem questionar devido a variedade a diversidade de credos pelas informações que a gente vê na mídia de forma geral a sociedade mesmo continuamente mas por incrível que pareça quando você traz uma palavra que desarma então, vemos aquilo que esta na Bíblia: que a palavra branda alivia o furor. A maioria das vezes que nós abordamos, nos vemos diante em uma situação de conflito onde é preciso trazer alguns consertos, algum ajuste o aluno ele sente se rende diante de uma palavra ... essa reflexão que é feita quer seja algumas colocações nossas alguma abordagens ela é sempre bem aceita mas eu sempre alerta é importante que a gente faça isso de forma sublime sem estar impondo que na hora que você trás essa visão para alguns alunos que não acreditam na teoria do criacionismo que acreditam mais na evolução ou que não acreditam em deus ou que creem mais em outros deuses ou em outros contextos e nos mesmo nunca chegamos a concordar com ele mas também não concordamos explicitamente a nossa postura é sempre de manter o nosso cuidado o nosso zelo com os nossos princípios mas também de não impor você mostra mas ver o melhor agindo

daquela forma vai deixando que o amadurecimento venha através dele e hoje nos vemos que muitas vezes uma colocação feita por um professor uma reflexão que é trazida a leitura de um texto uma palavra ela tem um poder muito forte eu que as vezes chega em casa e quantas família já vieram querendo agradecer ao professor tal a professora tal porque ele mencionou , porque você mencionou isso e meu filho levou pra casa e eu não tenho tempo mas agradeço por que no momento precioso meu filho tomou outra atitude tentando mudar isso pra gente para mim é grandioso é você saber que há uma aceitação porque o percentual de rejeição é muito pouco as vezes o pai quer ajudar o filho mas não sabe como ele quer que ele siga os caminhos corretos mas ele não sabe como fazer pois não tem o habito nem o costume não é praticante de uma fé muitas vezes ele deixou pra traz mas no seu intimo ele sabe que é o melhor para seu filho e quando alguém oferece isso é muito bem quisto, muito bem recebido.

MFSJ-Professor- 37 anos Evangélico-disciplina História-Rede Privada-12 anos de sala de aula

Em primeiro lugar a importância que tem é que a religiosidade ela tem o significado de formar o cidadão a gente não pode pensar na religiosidade no sentido apenas como um ato isolado fora do cotidiano então a religiosidade faz parte do ser humano na sua essência também então por exemplo se na religião você aprende a ser uma boa pessoa então fora daquele ambiente religioso você continua dando continuidade a isso. Então que importância isso vai ter pra mim? Em primeiro lugar é tratar o aluno com respeito com honestidade com compromisso que são princípios que a gente aprende no meio religioso então esse compromisso ele vai se dá no sentido de que eu possa trabalhar que eu possa levar o aluno a vir refletir a sua pratica no mundo tanto no aspecto religioso que eu não entro muito mas dependendo da temática já que minha disciplina é historia mas levando em consideração o seguinte mesmo aquelas por exemplo quando a gente vai falar de idade media mesmo que algumas coisas são particulares da época isso não quer dizer que todas as pessoas que fazem parte daquela religião por exemplo o catolicismo da idade media sejam pessoas que tinham aquele interesse assim como por exemplo o terrorismo o fato de ser muçulmano aqueles que

atacaram as torres gêmeas em 2001, não quer dizer que todo muçulmano seja terrorista seja uma pessoa ruim que pensa em explodir e destruir famílias cristãs então eu procuro trazer para o aluno que ele tenha essa separação da religiosidade da pratica religiosa e daquilo que realmente há na religião então isso acaba ingerindo porque na temática de historia você acaba inserindo temas relacionadas a religiosidade. É uma experiência difícil porque a escola eu entendo como professor a escola é uma formação complementar, aquilo que o adolescente não aprenderia dentro de casa o grau de informação que aluno receberia e no seu processo ele tornaria isso conhecimento seja matemático, seja histórico, seja geográfico seja qual for a área se tornam mais difícil hoje porque muitos pais estão muito mais ocupados com seus afazeres e esquecem o principal que é a formação da criança como cidadão como ela vai se comportar no meio em que ela vai conviver então hoje a gente tem uma deficiência de alguns alunos que não entende o porquê de estarem na escola e sabem que eles tem que estudar mas não sabem o que na vida pratica deles eles vão fazer com esse estudo e que importância isso tem muitas vezes não é passada então o aluno se sente como que jogado na escola a fim de que ele aprenda na escola e se torne um profissional de futuro quando a formação base de um profissional de futuro começa em casa e a escola deixa de ter o seu papel secundário de formação cidadã para tentar o papel principal o que na verdade não vai conseguir porque o convívio da casa o convívio familiar feito da educação do cotidiano dele ele deve começar em casa nos seus primeiros passos, na sua introdução no meio social começa em casa e não na escola então se torna extremamente difícil para os professores hoje e muitas vezes a gente vê que o aluno esta perdido ele não sabe para onde vai no sentido assim ele não tem um rumo para a vida dele então ele vai pra casa vai pra reunião do clube, vai para igreja, vai escola o que é que ele vai fazer com isso e o pensamento dele acaba se tornando a curto prazo ele não pensa a longo prazo então ele não entende que se não aprender esse conteúdo hoje ele vai precisar dele amanhã, ele pensa só em passar e muitos pais acabam seguindo essa mesma linha preocupados com a nota dos filhos e não do conhecimento que o filho processou ou as informações que ele aprendeu. Olha o sentido da educação é basicamente você ser um cooperador professor é um operador desse conhecimento ele pode despertar no aluno a área que o aluno vai trabalhar é infelizmente em algumas situações a família não tem essa habilidade, mas se os pais perceberem isso nos filhos vão poder dar esse feedback o professor é aquele que vai despertar no aluno o conhecimento o amor pelo conhecimento é o que nos chamamos na filosofia despertar o conhecimento o desejo por aquilo que ele vai querer no futuro ou que profissão ele vai almejar quais são seus potenciais quais são os seus desejos e as suas potencialidades então do ponto de vista pedagógico como meu objetivo eu vou favorecer

meu aluno a isso então quando eu entro em sala de aula eu não vou formar historiadores mas eu vou despertar neles o desejo de conhecer como as coisas eram como houve essa mudança porque nos somos assim hoje então eu quero complementar eu quero favorecer isso daí a satisfação de ver o aluno dentro de uma universidade fazendo aquilo que ele goste ou ate mesmo seguindo a mesma carreira que você ou que você apontou pra ele independente da disciplina que seja a gente se sente muito grato e essa é a parte que não se paga essa satisfação ela não é paga por isso é uma questão particular uma realização pessoal. Talvez o misto das duas coisas, eu digo talvez porque eu mesmo não posso dizer com exatidão, cada pessoa tem a sua particularidade, por exemplo, eu não imaginava ser professor de história eu não me via como professor ate porque na minha época eu me dava muito bem como as humanas, mas também com a exatas biológicas alguns professores meus até me incentivavam a galgar na área da biofísica, bioquímica mas eu não esperava exatamente ser professor de história, eu não idealizava isso na época então é uma questão de você se reconhecer eu vim descobrindo que eu gostava de ensinar como eu vim descobrindo essa que3stao? Porque eu dava aula de reforço a pra os meus colegas no primeiro ano eu juntava os meus colegas que ficavam em recuperação e dava aula pra eles, gratuitamente para que eles passassem de ano, então eu percebi que eu tinha essa habilidade, descobri que eu gostava de falar e falar em publico ai eu pensei logo na questão de ser professor então eu acho que muito uma questão de habilidade de você descobrir o que gosta e não tem como você encarar como uma missão porque a educação no brasil não é uma das tarefas mais fáceis. Talvez seja a mais sacrificial e a mais difícil ate pelo desequilíbrio social que a gente tem hoje essa ausência da família na formação de uma criança é tão comprometedora que a gente acaba pensando na educação como missão eu vou tentar salvar aquela vida que pode se perder que é uma pessoa que tem um futuro brilhante ter uma carreira por isso que eu digo que pode ser um misto, vocação, missão, mas cada casa é um caso particular eu vejo sim como um talento particular e isso é dom de deus cada pessoa tem um talento diferenciado por isso cada profissão tem sua importância, então se deus me deu esse talento eu não posso deixar de usa-lo porque eu não posso deixar de favorecer ao outro então não é só o talento, não é só aprender, é uma questão que esta em você. Elas estão interligadas eu não tenho como separa o profissional do pessoal do religioso porque na verdade eu sou uma única pessoa logico como, por exemplo, quando eu tenho meus problemas pessoais, mas eu não deixo interferir isso no meu animo nem no meu trato com os alunos os meus problemas são meus são pessoais. A minha fé assim também da mesma forma assim como também eu tenho que respeitar a fé daqueles que tem uma fé diferente da minha ou que não tem uma fé exatamente como eu penso que existe um deus no caso aqueles alunos

que se dizem ateus e eu preciso respeitar isso neles preciso porque eu quero fazer isso é impossível você separa as três coisas porque vez ou outra você sempre esta citando alguma coisa se você esta citando alguns exemplos, temos alguns exemplos no meio religioso como, por exemplo, Jesus Cristo, você sempre vai ouvir falar de Jesus Cristo como uma pessoa que fez o bem, independente do horário de quem era a pessoa independente se haveria ou não gratidão.

Nas manifestações daquilo que eu tinha aprendido como amar o próximo que essa é uma regra básica então o meu aluno que não tem interesse em aprender que demonstra que não está interessado na minha disciplina, ou que não tem uma empatia comigo eu preciso cuidar dele da mesma forma que aquele aluno que desenvolve uma empatia uma amistosidade de forma muito natural comigo então isso interfere porque eu preciso amar não só aquele que me ama mas preciso amar também aquele que não me ama e o meu objetivo se torna um desafio maior porque eu quero chegar ao final do ano e conquistar aquele aluno e eu tenho vários exemplos com relação a isso de alunos que não se desenvolviam e pela insistência pela paciência no final eles chegam para gente e agradecem alguns chegam até a pedir perdão pelo trabalho que foi dado mas assim é muito compensador isso é uma recompensa e mais uma vez eu digo é uma coisa que não se paga por isso. Eu procuro falar isso de uma forma que seja respeitosa então o aluno vai entender não pelo aspecto religioso em si, mesmo sabendo qual seja a minha religião qual seja minha prática religiosa ele vai entender que o que eu quero passar para ele é a questão do bem não é uma coisa que a gente vai impor para ele uma fé particular, mas um principio que é muito mais relevante que simplesmente uma crença uma crença particular, então o aluno ele vai aceitando isso porque ele vai percebendo que você não está preocupado com o que ele crer ou se ele vai crer no que eu creio em termos de fé religiosa mas ele vai entender que eu estou ensinado para ele um principio por exemplo o cuidar do próximo, o amar o ser honesto com ele mesmo então ser justo e honesto não é só um principio cristão particular como por exemplo de se achar um objeto e se devolver ao dono, ele vai entender por exemplo que colar na prova ele está enganando a ele mesmo então você ensina para ele que aquilo não é bom não porque ele vai tirar uma nota falsa mas porque ele não vai aprender no final então em um concurso público como por exemplo o Enem ele vai ter que estudar o que já deveria ter aprendido ele percebe que acaba fazendo o mal a ele mesmo então eu procuro misturar o principio cristão da honestidade ao dia a dia dele. Não. Não tenho nenhuma dificuldade até por que a forma de expressar a minha religiosidade não é por

imposição então eu não vou fazer o proselitismo o que eu vou passar para o aluno ou para os meus colegas é que eu tenho os meus princípios e que eu respeito os meus princípios que eles tem também, então independente da religião que ele tenha eu posso conviver em paz eu não preciso andar especificamente com aqueles que tem a mesma forma de pensar que eu porque se a gente andar com quem tem a mesma forma de pensar que a gente a gente se torna alienado por que todo mundo vai pensar igual, eu gosto do pensamento diferente porque o pensamento diferente me faz refletir, ou seja pensar naquilo que podia ser aperfeiçoado ou simplesmente naquilo que eu poderia deixar de fazer uso então a diferença do pensamento traz enriquecimento assim como a critica também claro dependendo de como vai ser a critica a sua entonação você pode chegar a alguém e criticar mas ai vai muito da leitura de cada pessoa como ela vai receber essa critica é a questão da sua fundamentação eu não tenho nenhuma dificuldade.

Um caso que eu tive o ano passado na escola que eu trabalho com um aluno que não fazia minhas atividades ele não prestava atenção na aula conversava durante a aula e ele já tinha saído algumas vezes da sala de aula de outros professores e um dia ele estava me dando muito trabalho e eu decidi tira-lo, mas eu tirei de sala e sai com ele para conversar e ai eu conversei com ele e disse que não sabia dos problemas que ele tinha o que que ele passava em casa como era sua família, quais eram as dificuldades que ele tinha quais eram os sofrimentos as dores mas eu disse que estava preocupado com ele porque hoje ele era uma pessoa jovem com 14 anos de idade mas amanhã ele ia querer namorar alguém, tem uma profissão e ai que oportunidade ele teria , que conhecimento ele teria para conquistar alguma coisa, ou através de um concurso publico ou através de um exame nacional como o Enem, e eu falei que estava preocupado com o futuro dele e queria coopera com ele para isso não queria vê-lo daquela forma , mas eu disse para ele que ele precisava mudar sua forma de pensar de agir, sua forma de se comportar e ele entendeu o que eu quis dizer para ele eu estendi a mão e pedi se podia contar com ele nas próximas aulas com melhor comportamento e ele falou que sim e quando eu estendi a mão para que ele fechasse nosso acordo ele apertou mas depois me deu um abraço muito forte eu me senti assim como se fosse um abraço de um filho para um pai e eu percebi que o problema dele não era a sala de aula especificamente, mas o que esta por trás da sala de aula hoje esse aluno não me da um trabalho se quer, isso foi no ano passado e esse aluno é meu aluno novamente e assim o que eu posso dizer é que aquelas pessoas mais difíceis que talvez você como professor não desejasse encontro na sala de aula a não ser os

ótimos alunos você pode ganhar os outros, na verdade eles podem ser assim trabalhosos pela opção de vida deles pela trajetória que eles tiveram ou por opção de tentar chamar a atenção ser professor é encarar a sala de aula além do trabalho profissional, do ensinar, do preparar aula, do corrigir ele vai mais além quando que isso daí, é importante que o professor compreenda isso por que ele é responsável pela formação da sociedade ele é a base, mesmo que ele não tenha valor, mesmo que a gente veja a falta de reconhecimento dos pais pois quando o aluno tira uma nota máxima o mérito é dele quando ele tira uma nota baixa a culpa é o professor e a gente tem que ultrapassar essas barreiras limitações ate porque o brasileiro de uma forma geral culturalmente é um povo que não tem uma habilidade para a leitura não tem o habito de ler por vários motivos e que a gente possa entender que trabalhar com inteligência é difícil não é a profissão mais fácil é mais fácil montar o motor de um carro é mais fácil trabalhar com química dentro de um laboratório, com física do que trabalhar com ser humano o ser humano é muito difícil diga de passagem tenho amigos que escolheram a profissão de veterinários por que é mais fácil trabalhar com bichos um animal irracional do que com ser humano e que a gente espera muito mais do que isso.

JMV-49anos – Católica- Disciplina Inglês - Rede Privada 26 anos de sala de aula

Eu não tenho uma visão profissional daquilo que Deus propõe para a vida da gente, que eu tenho Jesus como exemplo de primeiro educador porque querendo dizer assim, a longo prazo, pois desde o ventre a gente já aprende, aprende a respirar com ele, desde que sai do útero materno, não é? E eu observando passo a passo o carinho que ele tem com a minha vida eu tenho parâmetros para orientar os meus alunos, então muitas vezes, para não dá uma chamada de atenção, eu me lembro de um livro que eu li, que se chama “cão com carinho”, que a gente tem que educar com o olhar do educador, tendo como base os ensinamentos de Deus, observando que Deus, ele não nos corrige com um tapa, um beliscão, mas de uma forma carinhosa, mostrando exatamente através das nossas atitudes aquilo que aquilo que a gente erra são os frutos

das nossas escolhas e por escolher, pois ele nos dá livre arbítrio né! Diante desse livre arbítrio nós fazemos as nossas escolhas porque Deus né educado certo, ele permite que algumas coisas nos aconteça, para que a gente possa observar que se a gente escutasse, tivesse mais tempo para escutá-lo, a gente sofreria menos, porque a missão que Deus tem para nós é muito melhor. Então, educar para mim e continuando com a minha prática pedagógica não pode está longe das propostas de Deus na minha vida. Educação é a soma de conhecimentos adquiridos, a longo prazo, que interferem diretamente no comportamento do indivíduo. Tratando da intelectualidade e competitividade como forma de ascensão profissional. Acredito que não existem profissionais competentes que não tenham passado pelas mãos de um professor, pois requer envolvimento, organização, conhecimento, compromisso, empenho, disposição e tempo. Tudo isso significa representa renuncia de alguns sonhos para que venha conciliar com a proposta de trabalho com crianças e adolescentes em fase de transição. Não é fácil educar seres humanos em construção de perfil, de personalidade, gerando desconforto e choques de opiniões quando se fala de valores, sentimentos e responsabilidades. Acredito que nunca estamos em uma situação por acaso, ou seja, é permitido para que possamos utilizar dos talentos e dons dados por Deus para que de maneira sutil e habilidosa façamos uma parceria com o Espírito Santo favorecendo não somente o intelecto, mas ao íntimo da alma em função do amor a Cristo. É exatamente o que eu acredito também, que é propor uma vida diferente que não é só voltada para a forma conteudista. A gente pode observar que muitas crianças têm situações que eles não aprendem com facilidade e a gente precisa ter um olhar bem carinhoso, dessa forma e a gente só pode ter esse olhar carinhoso se a gente se propõe a colocar o amor antes desse conteúdo, porque como eu posso detectar que meu aluno tem um problema se eu não tenho tempo para ouvi-lo, se eu não tenho tempo para observá-lo, se eu não tenho tempo de criar meios que eu possa ajudá-lo na aprendizagem, então se eu estou vivenciando o amor, o carinho, o respeito, eu estou passando também a segurança que Deus tem por mim e que eu aprendo com Deus para passar a diante. Nada acontece por acaso, acredito que entre tantas vocações que eu podia escolher eu segui sendo professora, não foi uma escolha minha eu acredito certo! Mas Deus colocou no meu coração e na verdade, Ele foi abrindo os caminhos, para que eu pudesse modelar a

figura da professora JMV, eu não faço nada que eu faça porque eu queira, eu acredito que tudo Ele põe no meu coração para eu decidir, idealizar e sonhar. Ao ponto de chegar e por muitas vezes eu estar dormindo e Ele simplesmente me envia músicas, me envia ideias para que eu possa desenrolar no dia a dia com os meus alunos. Há um tempo atrás eu tinha em mente um projeto na escola e o pessoal pediu que eu fizesse o halloween como feira de ciência, mas eu não achei uma coisa importante falar do halloween, até porque isso ia de encontro aos meus valores, até porque eu prego a paz, o amor, o amor a Deus e de repente se eu fosse falar do halloween, eu ia falar de que: de bruxaria, o que não condiz com a minha realidade e também chocaria o pai, porque ele ia dizer: a professora tem duas versões. E eu não posso servir a Deus e ao outro lado. Aí eu pedi a Deus que me iluminasse e Ele me deu “Ao Mestre com Carinho”, aí eu comecei a trabalhar e reforçar o que eu já fazia em sala de aula. e eu sempre entro fazendo orações, catando, apago a luz e faço relaxamentos até porque evita que eu fique reclamando, chamando atenção, falando alto e eu apago a luz justamente para ir normalizando a turma e mostrar que a gente precisa ter um tempo na vida uma momento para que a gente possa falar com Deus, para que a gente possa melhorar a forma de pensar a nossa vida para as coisas fluírem e isso eu acredito que eu faço e não é por acaso. Acho que é uma proposta de Deus na minha vida e eu acredito que é uma missão que eu tenha que desempenhar até o dia em que nosso Senhor me levar e se eu para esse projeto eu vou ter que vivenciá-lo de uma outra forma na minha vida. Eu acho que não vai existir JMV professora, não vai existir simplesmente porque vai ficar faltando alguma coisa. Missão é algo independente da nossa vontade, simplesmente é gerada no coração, entretanto, mesmo diante das nossas pelejas como educador, somos absorvidos pela força da vocação que é de fato a inclinação, o chamado, o despertar, a confirmação do desejo de Deus realizando milagres sobre a área profissional. Portanto missão e vocação devem está atrelados em função do crescimento de todos. Acho que é uma soma, eu não posso me desvincular da JMV professora, da JMV instrumento de Deus, da JMV mãe, junto da minha família. Aquilo que eu vivencio em um lugar eu tento repassar aos outros, ou seja, os ensinamentos que eu obtenho de Deus, que eu recebo de graça de Deus, eu tenho que passar para a minha filha e posteriormente para os meus alunos porque são seres em formação, em

construção. Eu também me considero em construção porque a cada dia eu também estou em construção, eu cresço mais. Eu tenho que acrescentar isso as pessoas que me circulam, como através de uma oração que eu tenho com Deus, as vezes eu estou na sala de aula para fazer uma oração para Deus e eu sempre peço a eles nesse momento que se mantenham relaxados, fechem os olhos, que eles tentem observar que Deus não está longe, não está no céu ou nas nuvens como eles imaginam, o nosso corpo é morada do Santíssimo e se a gente tiver tempo, paciência e principalmente de silêncio a gente vai escutá-lo, então aquilo que eu faço em casa, eu chego a fazer em sala de aula e muitas vezes Deus revela coisas até mesmo antes de chegar em sala, que eles não tinham confidenciado para mim e eu começo a dizer coisas que muitas vezes choca, porque eles não tem muita experiência com Deus e eu aviso para eles que não precisam ter medo, porque a gente só tem medo do desconhecido e Deus não é desconhecido. Deus é vida e ele vive em nós. Eu posso me assustar com algo que eu tenho certeza que pode me fazer mal, mas Deus é amor. E eu acabo convencendo que eles precisam ter um tempo para Deus. Se eu pudesse, como eu sinto uma grande alegria de ter essas revelações e passar para eles como o que eu posso como ajuda, como auxílio, prevenção. É a forma que Deus tem para dizer assim: escute ela, você também vai ser escutado um dia, você vai ter essa oportunidade basta você ter tempo, então é a minha obrigação, minha missão fazer isso, passar adiante, não só para a minha filha, como para eles. Eu acho que no dia a dia aparece a minha religiosidade no contato com as pessoas, porque se eu não tivesse Deus, eu sofreria muito mais. Por eu saber me relacionar bem com os outros, assim como nós temos qualidades, nós também temos falhas, defeitos e possivelmente eu analisando as falhas do outro e ele observando as minhas eu entraria em conflito com eles e não seria favorável para ambas as partes o convívio. Tem que ter alguém que tenha um certo preparo, uma experiência divina para se relacionar e manter uma harmonia. Muitas vezes é bem complicado, pois há momentos que sou portadora de revelações e fico em dúvida de cumprir esse propósito em função de algumas pessoas rotularem de espiritismo ou perturbação. E é por isso que eu digo: devo a minha vida e os meus freios que Deus me dá, para que eu possa conduzir algumas situações, porque só eu JMV não teria essa capacidade, eu me sinto capacitada por Deus nesses momentos, freio na língua, freio

nas atitudes, saber ouvir, saber esperar, que antes eu não sabia. E isso é o mais importante. Com os alunos ao iniciar as aulas, com mensagens, reflexões, louvores, orações, que influenciam de forma positiva, favorecendo a tranquilidade e a absorção do conteúdo e um nível melhor de concentração. Primeiramente, em tudo que eu faço procuro reger-me pelos valores que acredito. Tenho Deus como norte e um educador por excelência para copiar. Encaro como desafio educar crianças nos dias de hoje, por concorrer com a influência considerável das redes sociais.